

Personalidades, Assembléias e Câmaras Pelo Registro Eleitoral do PCB

GOVERNO AUMENTA IMPOSTOS E CRUZA OS BRAÇOS

Carestia e Fome: só o Enérgico Protesto Popular Pode Impedir Ação Criminosa Dos Sonegadores

- 1 - MOREIRA SALLES ANUNCIA MEDIDAS CONTRA O POVO 3 - FRIGORIFICOS PREPARAM NOVO ASSALTO
2 - CONTINUA O ESCANDALO DO FEIJAO 4 - SONEGADORES AGEM COM LIBERDADE

Reportagens na 3ª e 7ª páginas



O programa de paz de Kruschiov

Acompanhando esta edição vai um suplemento (que não pode ser vendido separadamente) contendo a íntegra do importante discurso proferido no dia 19 de julho, em Moscou, pelo primeiro-ministro da URSS, Nikita Kruschiov.

Ministro da RDA veio inaugurar Exposição

Viajando num jato da "Panair do Brasil", procedente de Paris, chegou quarta-feira última ao nosso país o Ministro do Comércio Interior e Exterior da República Democrática Alemã, dr. Julius Balkow.

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

A MARCHA DA FOME

O resultado das pesquisas realizadas por instituições oficiais e oficiais assinalam para o primeiro semestre deste ano uma elevação geral de 17% no custo da vida. As previsões para o segundo semestre são mais negras.

Table with 3 columns: Item, Cr\$ 25.30, Cr\$ 55.00. Items include Leite, Pão, Carne de primeira, etc.

Nova Crise

Oriundo Bonfim Jr.

A I BETA os resultados da conciliação e da "trégua" que teriam pôto fim em julho à crise política, com a aprovação da lei votada, pela Câmara, do Gabinete Brochado.

OS PROBLEMAS não são resolvidos. Todos falam neles, todos reconhecem sua gravidade. Aponta-se a necessidade de mudanças profundas, de modificações na própria estrutura da vida econômica, política e social do país.

O PRIMEIRO-MINISTRO Brochado da Rocha, no discurso com que se apresentou à Câmara dos Deputados, fez algumas afirmações positivas. Referiu-se, por exemplo, à necessidade de medidas que interrompam e liquidem o "processo espoliativo" a que é submetida a economia nacional pela ação do imperialismo.

AGORA se espera, no período de "esforço concentrado" dos senhores deputados, nova crise. Fala-se na possível queda do Conselho de Ministros. Insinua-se que um golpe está sendo tramado. Que questões serão debatidas? A delegação de poderes ao Gabinete, a realização do plebiscito, a aprovação da emenda Oliveira Brito.

S VAMOS atravessar outro momento agudo de crise política, o meio de enfrentá-lo é a intensificação do movimento de massas, o avanço da luta contra a carestia, pelas reformas de base, pelas liberdades democráticas, por um governo nacionalista e democrático.

Trabalhadores de Santos Repudiam os Traidores e Apóiam Forum Sindical

Texto na 2ª página

Julz Que Processa Comando da Greve Foi Procurador do Tribunal Fascista de 37

Texto na 2ª página



O Reencontro da Guerrilheira

O 26 de julho, marco glorioso na luta da libertação de Cuba, é dia de festa em toda a América Latina. No Brasil este ano o júbilo de nosso povo pela data foi manifestado em concentrações populares realizadas em diversos Estados.

Jango na Paraíba: Reforma Agrária é Exigência Inadiável

Texto na 3ª página

Bandidos Nazistas Implantam Terror no Uruguai: Jovem Marcada Com Cruzes Suásticas

Texto na 4ª página

OPERÁRIOS NAVAIS EM GREVE RECLAMAM ATRASADOS

Texto na 2ª página

Rainha Virá Dia 22 de Setembro

Vem alcançando grande repercussão o Concurso que, sob o patrocínio de NOVOS RUMOS, elegerá a Rainha da Primavera a 22 de setembro, quando será realizada a apuração final dos votos.

O concurso, iniciado a 1º de agosto, já conta com várias candidatas ao título, todas entusiasmadas com a possibilidade de ajudar a eleição, a 7 de outubro, dos

candidatos nacionalistas e democráticos.

As inscrições das candidatas devem ser feitas na sala 2.116, 21º andar do prédio 185 da Avenida Rio Branco, devendo levar duas fotografias três por quatro, habilitando-se assim a ganhar os valiosos prêmios que serão distribuídos no decorrer e no final do concurso a todas as inscritas.

JUIZ QUE PROCESSA COMANDO DA GREVE FOI DO TRIBUNAL FASCISTA DE 1937

Os trabalhadores cariocas e os dirigentes das organizações sindicais sediadas na Guanabara prestarão, hoje (quinta-feira), às 19 horas, no Sindicato dos Têxteis, uma grande homenagem ao Comando Geral da Greve de 5 de Junho. No referido ato os líderes sindicais farão um exame de consciência nacional, prestarão um informe detalhado do que foi a vitoriosa greve em defesa da legalidade e por um governo nacionalista e democrático em todo o país, e denunciarão o plano de provocações arquitetado pelo governador fascista da Guanabara, visando a envolver o Comando Geral da Greve num processo-farsa, com base na famigerada Lei de Segurança Nacional.

EQUIPE DE JURISTAS

Uma das medidas a serem adotadas na reunião de hoje será a constituição de uma ampla comissão de juristas, que ficará encarregada de denunciar, nos tribunais, toda a farsa judiciária encenada contra o Comando Geral da Greve e contra os 66 rodoviários cariocas que estão sendo processados por crime contra a Lei de Segurança Nacional, inclusive o presidente do Sindicato, Meçando Rachid, que ainda se encontra encarcerado, em companhia de mais 48 trabalhadores do volante.

A FARSA

O juiz Eduardo Jara, da 22ª Vara Criminal, apreciando a denúncia formulada pelo promotor lacerdista Hortencio Catunda de Medeiros contra os motoristas Antônio Gaspar de Freitas, Irênio Pereira Matias e Waldemiro Alexio de Oliveira, acusados de "crime contra a Lei de Segurança Nacional", por haverem participado da greve de sua categoria por melhores salários, entendeu de estender o referido processo a todos os membros do Comando Geral da Greve de 5 de Junho.

O ex-procurador do Tribunal de Segurança Nacional valeu-se, para esse despacho, da documentação que lhe fora fornecida pela polícia da Guanabara, segundo a qual a greve dos rodoviários, deflagrada no primeiro minuto do dia 10 de julho último, era parte de um vasto plano de subversão da ordem, organizado pelo Comando Geral da Greve de 5 de Junho.

Embora quisesse fazer passar como mero executor da lei, o juiz Eduardo Jara, na verdade, sobressai-se aos fatos para servir de instrumento do plano de provocações do governador Lacerda contra as liberdades sindicais e democráticas. O objetivo de Lacerda, ao desencadear a onda de violência contra os rodoviários em greve, era justamente estender a reação ao Comando Geral da Greve de 5 de Junho. Contudo, nenhum juiz, nem mesmo o que se prestaram a reconhecer o "crime" dos rodoviários, sentiram-se encorajados a envolver, no mesmo processo, os líderes da greve nacional pela legalidade e por um governo nacionalista e democrático. As coisas eram por demais claras para serem confundidas e só o objetivo de esterilizar os trabalhadores, liquidar as liberdades sindicais justificaria a conduta do juiz Jara.

OS FATOS

Muito antes de se constituir o Comando Geral da Greve, exatamente três meses

antes, já os empregados nas empresas de transportes de carga a frete lutavam pela revogação do seu acordo salarial. Um novo ajuste deveria entrar em vigor a partir de 1º de junho. Durante todo o mês de maio os trabalhadores tentaram, em vão, um acordo salarial em bases amigáveis. Viram, pacientemente, ultrapassar o prazo do novo acordo. Lutaram ainda durante todo o mês de junho, em busca de melhores salários, em bases amigáveis. Passados trinta dias do prazo legal para a assinatura do novo acordo, os patrões mostravam-se ainda intransigentes. Depois de muito esperar resolveram os rodoviários na noite do dia 9 de julho, paralisar o trabalho a partir do primeiro minuto do dia seguinte, utilizando-se do recurso legal da greve, num movimento nitidamente "catalizador econômico".

Fica claro, portanto, que a greve geral de 5 de junho, manifestação mais elevada do proletariado brasileiro em defesa da legalidade e por um governo nacionalista e democrático, cuja preparação foi amplamente noticiada, nada tinha a ver com o movimento específico por melhores salários, realizado pelos rodoviários cariocas, cinco dias depois, em consequência da intransigência dos patrões, que durante três meses se negaram a um acordo amistoso com os seus empregados.

DESMASCARAR A FARSA

A verdade é que só o juiz Eduardo Jara, com sua consciência moldada em tribunais de exceção, foi capaz de servir ao plano de provocações do governador Lacerda, utilizando-se da greve dos rodoviários como pretexto para processar o Comando Geral da Greve de 5 de Junho. A resposta dos trabalhadores e de todos os patriotas contra mais essa provocação já está sendo dada, através da intensificação da solidariedade a Meçando Rachid e aos rodoviários encarcerados, da denúncia contra o processo-farsa que se pretende montar contra o Comando da Greve de 5 de Junho, e do reforçamento da luta pela regulamentação do direito de greve e pela revogação do decreto 9070 e da Lei de Segurança Nacional.

Os golpistas, que vêm sendo sucessivamente batidos em sua pretensão de empolgar a poder político no país, não perdem a oportunidade cada vez mais destacada do movimento sindical brasileiro na luta de todo o povo em defesa da legalidade e por um governo nacionalista e democrático. Impotentes para essa luta em campo aberto, utilizam-se das leis de exceção, servem-se de juízes egressos do famigerado Tribunal de Segurança Nacional e de promotores escolhidos a dedo, para montar as farsas judiciárias, em desesperadas tentativas visando a confundir os patriotas, amedrontar os trabalhadores e dificultar o reforçamento da sua unidade. Nada, entretanto, favorece aos golpistas. Os trabalhadores não se perturbam com as alucinadas provocações do bando de Lacerda e continuam sua luta em defesa da autonomia sindical, do direito de greve e decididos a prosseguirem, até a vitória completa, na luta por um governo nacionalista e democrático, capaz de realizar as reformas de base que a nação reclama, como condição para a solução dos mais graves problemas do país.



MESA DO CONGRESSO

Representantes da CNTI e delegado de vários Estados do Norte e Nordeste compuseram a mesa que dirigiu o I Encontro. Da esquerda a direita: Manuel Francisco (Pernambuco), Joel

de Sousa (Alagoas), Hermes Gomes (Pernambuco), Luis Bernardo da Silva (Paraíba), Zacharias Fernandes da Silva (CNTI), Wilson de Barros Leal (CNTI — Presidente do Encontro), Fláclio Chagas (CNTI), Roberto Morena (CPOS da Guanabara) e Cândido Cerqueira (Minas Gerais). Uma grande faixa se estendia em frente à mesa: "Saúdamos os heróicos companheiros do Comando Geral da Greve".

SOB PATROCÍNIO DA CNTI

Trabalhadores do Norte e NE Debatem Seus Problemas

RECIFE — (Correspondência especial) — Sob vibrantes aplausos do público que ocorreu no Cine Teatro Parque, encerrou-se, no dia 23 último, o I Encontro Sindical dos Trabalhadores na Indústria do Norte e Nordeste, organizado pela CNTI. Participaram desse Encontro delegações de Amazonas, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Numerosas delegações vieram diretamente dos locais de trabalho e do campo, dando aos debates um sentido vivo e concreto.

O fundamental do Encontro foram as questões relacionadas com a situação econômica e política do país, principalmente da região norte-nordeste. "Nenhuma questão, por menor que seja, não pode ser resolvida ou mesmo equacionada, se não se decidir os problemas fundamentais e de base. E não há região de nosso país, mais abandonada, mais carente de reformas que a do Norte e Nordeste. Pode-se dizer, sem medo de contestação que, até agora, apenas se enunciou o ataque a alguns desses problemas, depois que se aprovaram os planos que motivaram a criação da SUDENE" — disse a resolução da Comissão Sobre Questões Nacionais.

Deu-se ênfase à formação de um amplo movimento popular, com base nos trabalhadores e no movimento sindical, para pôr em execução os planos da SUDENE e da efetiva criação da Eletrobrás, na região, com a encampação imediata de todas as companhias americanas, que só fazem vender

a preço exorbitante a energia produzida pela Cia. Hidrelétrica do São Francisco, sociedade mista nacional. Esse movimento se desenvolve já em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas e Bahia.

REFORMA AGRÁRIA

Finalmente, o angustioso problema da terra. E cada vez maior o movimento pela reforma agrária. Na mesa diretora do Encontro se encontravam a viúva do camponês Alfredo Nascimento e o filho do líder João Pedro Teixeira, ambos assassinados pelos latifundiários impunes. Reclamou o I Encontro medidas eficazes por parte do governo federal e dos governantes locais, sem esperar que o Parlamento elabore novas leis, para a entrega imediata de terras, crédito e amparo à saúde de toda a massa camponesa.

Sobre esse tema, foi exposta de forma dramática a situação insustentável da massa trabalhadora, dos camponeses e servidores do Estado da região. Vida cara, falta de alimentos, nenhuma medida eficaz para proteção da saúde e da infância por parte de governantes ineptos, incapazes e reacionários, só preocupados em perseguir o povo.

SALÁRIO MÍNIMO

Outro aspecto que mere-

Santos: Povo Responde à Reação Reforçando na Luta Sua Unidade

A grandiosa greve geral política dos trabalhadores e do povo de Santos por um governo nacionalista e democrático, realizada a 5 de julho último, irritou, como aliás, não poderia deixar de ser, os senhores das classes dominantes e a reação organizou em Santos uma poderosa frente antiooperária, que isolasse o movimento sindical da vida política da cidade, dividisse-o, para mais facilmente poder ser vencido, e afastasse os comunistas da sua atividade diária entre as massas.

Para tanto, mobilizaram todas as suas forças. No dia seguinte à gloriosa jornada do proletariado, a Associação Comercial de Santos enviou longo telegrama ao governador Carvalho Pinto, afirmando ser a desordem uma realidade e não mais um fato iminente, protestando pela omissão das autoridades estaduais durante a greve e exigindo do polícia para espancar os trabalhadores nos seus futuros movimentos. Na mesma data, a Câmara Municipal de Santos, por decisão de 16 vereadores, resolveu publicar uma proclamação ao povo, na qual "denunciava" a ação de meia dúzia de dirigentes sindicais a serviço do Partido Comunista Brasileiro e apela aos líderes operários "verdadeiramente democratas" a assumirem os seus postos no poderoso órgão de cúpula.

Além da coincidência (que estranha, vejam só) de a Associação Comercial, entidade patronal e reacionária, pronunciarem-se seguida logo pela Câmara, como se esta fosse um eco daquela, temos de notar algumas particularidades interessantes contidas na proclamação: a primeira é que, após se têm por cultos e inteligentes: a primeira é que, após se ter por nova diretoria do Fórum Sindical de Debates, logo após a sua posse, resolveu lutar contra ela, numa inconsciência muito significativa; a segunda é que suas senhores consideram que "meia dúzia de comunistas" podem paralisar Santos, o que nos leva a duas conclusões: ou os comunistas são eficientíssimos e a Câmara, na verdade, os está elogiando por sua ação, ou todos os que mouberam em Santos são comunistas, porque aceitaram a palavra-de-ordem da "meia dúzia".

Apesar desses mistérios, que os vereadores até hoje não esclareceram, a reação não parou aí. O bispo diocesano, do qual não conhecemos nenhuma palavra contra a carestia ou pelas reformas de base, nem muito menos qualquer ação em defesa do povo, achou de atacar também os trabalhadores. Nos sermões, inclusive após missas fúnebres, pagas pela família do falecido, as frases dos evangelhos foram substituídas por violentas diatribes dos curas contra o Fórum Sindical de Debates, os seus líderes e os trabalhadores. Os círculos operários foram agitados, no afã de dividir o movimento operário. Recomendou-se a todos os católicos que aplaudissem a Câmara. Exercer-se violenta pressão sobre dirigentes sindicais católicos para que rompessem com o Fórum Sindical e dividissem o proletariado. Em suma, o amor ao próximo recomendado por Jesus Cristo foi substituído pelo ódio aos comunistas, destilado piamente pela Associação Comercial, a qual seguiu a Câmara e a Igreja.

Outros setores foram convocados pela reação para combater a classe operária unida e vitoriosa: advogados convocaram uma assembleia da Ordem para debater sobre os seus direitos durante as greves gerais, já que os escritórios de muitos tinham sido fechados pelos plúteus; médicos quiseram desvincular o seu Sindicato do Fórum Sindical e do Centro dos Estudantes, em nota assinada por seu vice-presidente, contrariando todas as suas tradições e o seu passado de lutas ao lado dos trabalhadores, protestou contra o movimento, no mesmo tom da proclamação da Câmara.

RESPOSTA

Não tardou, todavia, que o proletariado respondesse. No dia 9, quarta e oito horas depois dos primeiros uivos das classes dominantes e dos que estão a seu serviço, o Fórum Sindical reuniu-se em sessão plenária. Mais de 500 trabalhadores, de diversas categorias profissionais, participaram, além de grande número de dirigentes sindicais. Aproveitou-se, então, o manifesto-réplica, no qual, entre outras coisas, se afirmava, após explicadas as razões da greve:

tando ou acambrando os gêneros de primeira necessidade, especulando com a miséria e sofrimento do povo, enriquecendo, cada vez mais, com esta calamitosa situação.

"Defendem esses ilustres representantes do alto comércio o 'direito' de continuarem roubando, impunemente, a bolsa do povo; de pagarem miseráveis salários a seus empregados; de aumentarem, arbitrariamente, os preços de suas mercadorias; de traficarem e fazerem todas as espécies de negociações, indiferentes à fome, às doenças, às epidemias, à subnutrição, à falta de moradia, ao analfabetismo, à prostituição, ao marginalismo, enfim, à toda sorte de males sociais que afligem o Brasil, em consequência da espoliação econômica estrangeira, do latifúndio e da desorganização interna em que se afoga."

"Pretendem, então, essas senhores, em nome da ordem e da lei da religião e dos costumes, quebrar a unidade dos trabalhadores e cindir o movimento sindical operário, atingindo, particularmente, o Fórum Sindical de Debates." E mais adiante, após citar nominalmente todos os vereadores que se pronunciaram contra a greve geral política:

"Esses comerciantes e vereadores, inimigos comuns dos trabalhadores, que nunca invocaram a religião, os deuses e as autoridades para a condenação dos crimes praticados contra a Pátria e contra o povo; que nunca atacaram os grupos econômicos internacionais que espoliam o nosso país; que assinam e votam concessão às empresas estrangeiras que exploram serviços públicos, como aconteceu, recentemente, com a CTB; que nunca apelaram para as forças armadas e para as autoridades policiais para colibrer os abusos e, muito menos, puniram os acambradores e sonegadores de gêneros alimentícios; que nunca arredaram uma palha para servir aos interesses do povo e dos trabalhadores, pretendem agora, em nome de Deus, da Religião, da Moral, da Ordem Pública e tantas outras invocações, dividir os trabalhadores e confundir a opinião pública, utilizando os desmoralizados chapões do anticomunismo, da república sindicalista e outros, inclusive, folhetos clandestinos, numa chantagem política contra o povo."

REPERCUSSÃO

O manifesto-réplica alcançou profunda repercussão. Baseando-se nele, o Conselho Deliberativo do Centro dos Estudantes publicou nota, em que se solidariza com o Fórum Sindical, considera justas as razões da greve, bem como patriótico o movimento do proletariado. Com isso, esse órgão, representativo da assembleia geral dos estudantes, ratificou o manifesto do pórtico, por sua vez, recorreu aos trabalhadores e guardavam-no. A Associação Comercial, diante disso, resolveu "dar por encerrado o assunto", por "não merecerem os homens do Fórum Sindical a atenção de uma resposta". Esta foi a maneira de encobrirem a falta de qualquer argumento.

Mas não ficou nisso. Os sindicatos passaram a publicar notas públicas apelando o FSD e foi organizada uma passeata para "enterrar" os vereadores. Esta só não se deu porque a entidade de cúpula realizou, no dia, uma conferência do prof. San Thlago Dantas, no auditório do Sindicato dos Operários Portuários, onde se concentraram mais de duas mil pessoas. Ali, o ex-candidato a primeiro-ministro expôs o que significa um governo nacionalista e democrático e o que são as reformas de base, sob brilhantes aplausos da enorme assembleia. Na ocasião, representantes devidamente à Câmara e o Fórum Sindical salu-
fontalecido.

alente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas (cidadão que, após a greve do pessoal do gás, entregou o livro de presença à polícia, para que os participantes fossem fichados no DOPS) e do sr. Silvano de Andrade, presidente do Sindicato dos Carregadores e Ensaadores de Café (indivíduo que, há mais de um ano, negasse a dar assembleia para que comissão de operários no-ocados pela classe apresente um balanço das contas da entidade), elaboraram um manifesto de convocação de uma concentração patriótico-religiosa para dia 20, na Praça da República. Esse manifesto, todavia, não falava em greve geral, em Fórum Sindical, ou qualquer coisa semelhante. Daí porque conseguiram eles assinaturas de 19 órgãos de classe, dos 50 que existem em Santos. Aproveitando-se disso, iniciaram a convocação, utilizando-seu, crianças de colégios católicos, fanfarras e servindo-as das missas para a convocação do povo. Queriam empolgar a cidade com o barulho.

Triste decepção, porém. Nem mil pessoas havia na Praça da República, contando-se inclusive aquelas trazidas de ônibus de São Paulo. Nas proximidades da praça, luxuosos automóveis aguardavam os seus donos, que tinham ido à concentração... Lá estavam, como não poderia deixar de ser, "refugiados" cubanos, húngaros e poloneses.

Não é preciso dizer que o anticomunismo foi o tema dominante. Ao mirrado auditório falaram diversos oradores, alguns bastante pitorescos. O sr. Morais Chaves, que chamou os portuários de canalhas, teve de desaparecer da circulação durante alguns dias. O sr. Vitor dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Carris Urbanos, falou exatamente o contrário do que falara no

OPERÁRIOS NAVAIS EM GREVE RECLAMAM OS ATRASADOS

Os trabalhadores na indústria de construção naval dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro entraram em greve na manhã do último dia 1, em sinal de protesto contra a chantagem do Sindicato da Indústria de Construção Naval, que condiciona a retirada da verba que o governo conce-

deu as empresas para pagamento dos atrasados salariais aos trabalhadores, a extensão, por mais um ano, da subvenção governamental. A greve teve início na manhã do dia 31, nos estaleiros da Ishikawajima do Brasil e Caneco, e estendeu-se no dia seguinte aos demais, inclusive os da Verolme, situados em Angra dos Reis.

PENSIONISTAS DA CENTRAL QUEREM O SALÁRIO FAMILIA

A Associação das Pensionistas do Serviço Público continua desenvolvendo intensa campanha pelo cumprimento da legislação que ampara as viúvas e demais dependentes de ex-funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil. Tendo os seus direitos assegurados por leis que datam desde 1890, mas preteridos pelos poderes públicos, centenas de viúvas e órfãos que vivem na mais extrema miséria estão apelando para o ministro da Viação, autoridade competente, para que mande proceder ao levantamento dos beneficiários do salário família, que há 10 anos não recebem, a fim de que sejam corrigidas as irregularidades e restabelecido o cumprimento das leis.

MANIFESTO

Em manifesto lançado às autoridades e aos trabalhadores, os operários navais salientam sua discordância com qualquer tipo de subvenção às empresas de capital privado. O manifesto conclui afirmando que "tendo em vista a necessidade de urgente ampliação e remodelação de nossa frota mercante, os operários navais e funcionários de escritório de todas as empresas de construção e reparos navais resolveu paralisar suas atividades, até que seja dada uma solução satisfatória por parte do sindicato patronal. Outrossim, queremos ressaltar que esta decisão foi tomada em face da intransigência dos senhores empregadores, que se dispuseram a não atender as justas reivindicações decorrentes da lei."

AS MASSAS EM AÇÃO

Mas durou pouco a alegria dos líderes alugados pela reação. A assembleia do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários determinou à Diretoria que desse nota pública retirando a sua assinatura do documento e apolando o órgão de cúpula. A mesma atitude tomaram os presidentes do Sindicato dos Conferentes e do Sindicato dos Consentadores de Carga e Descarga do Pórtico, que publicamente denunciaram a farsa em que haviam sido envolvidos. A diretoria do Sindicato dos Comerciantes desautorizou o presidente da entidade e colocou esta ao lado do FSD. 35 jornalistas de público, desautorizaram a atitude da delegacia regional do seu Sindicato. Assinaturas de trabalhadores em carris urbanos e de estivadores, contra a ação dos seus dirigentes, estão sendo coletadas. Entre os estivadores, já ultrapassaram as 1.500 (são ao todo 2.800) e o presidente Raimundo, que é "democrata", nega-se a convocar a assembleia geral já requerida.

UNIVERSITÁRIOS PERMANECEM EM GREVE

De acordo com resolução do XXV Congresso Nacional dos Estudantes, os universitários brasileiros permanecem em greve até a conquista de representação, na base de um tempo, nos órgãos colegiados de direção de faculdades e universidades. No dia 1.º de agosto não houve reinvio de aulas: os alunos não compareceram às escolas. As provas marcadas pelos diretores de muitos estabelecimentos de ensino superior houve presença reduzidíssima de estudantes, e num número realmente ínfimo de escolas.

DESDE LOGO, ENTRETANTO, ascerveram que não haverá saída para o problema se o seu legítimo direito de representação nos organismos de direção dos estabelecimentos de ensino de nível superior não for literalmente respeitado.

A VELHA MÚSICA DO FUNDO MONETÁRIO

Moreira Salles Promete Austeridade Para o Povo

Não há qualquer perspectiva de contenção do processo inflacionário no Brasil. Se alguma dúvida restasse, bastaria a leitura do discurso pronunciado pelo ministro Walter Moreira Salles para dissipá-la. Eficazmente, que promete o sr. Moreira Salles? Essencialmente continuar o programa que seguiu na pasta da Fazenda, da qual esteve ausente apenas no período que medeu entre os dois gabinetes...

AS EMISSÕES

O fato é que ao demitirse o Gabinete Tancredi Neves, a 26 de junho, haviam sido emitidos 30 bilhões de

crúzeiros somente este ano e que se a descompensação inflacionária tivesse ocorrido quatro dias mais tarde, no fim do mês, as emissões teriam sido de 30 bilhões, a quanto o resíduo montaram. Quanto as emissões do princípio de julho, se uma parte foi devida ao clima de pânico de que foram tomadas os capitalistas com a crise, outra parte decorreu de despesas feitas previamente, quando a frente do Ministério da Fazenda estava o sr. Moreira Salles.

AS «CAUSAS» DA INFLAÇÃO

No seu discurso, em meio a um oceano de palavras, o sr. Moreira Salles menciona

agravamento da inflação, para os especuladores; para as empresas estrangeiras, para os que estão sendo publicamente acusados de terem remetido para o exterior dezenas de milhões de dólares durante a crise — para esses o ministro tem palavras extraordinariamente brandas. O máximo que faz é apelar, pedir que tenham consciência, como se tais palavras bastassem para comover homens que perderam todo sentimento de amor a este país e ao nosso povo.

Se o sr. Salles desejasse, mesmo, combater a inflação, teria recusado a conceder aos barões do café os aumentos de preços por eles solicitados. Porque foi precisamente o sr. Moreira Salles, e não outro qualquer, quem decidiu pagar o dólar — café a 373 cruzeiros (café da safra passada) e a 466 cruzeiros para café da safra em curso.

Intolerância

Antes mesmo que os comunistas tenham registrado legalmente seu partido — conforme requerimento feito do TRE acompanhado de muitas dezenas de milhares de assinaturas de eleitores — já começou a "caça às feitiçarias". Um grupo sediado em São Paulo sob a denominação de "Aliança Eleitoral pela Família", que tem à frente o padre Dom Jaime de Barros Câmara e é presidido pelo general Porfirio da Paz, vice-governador paulista, reuniu alguns milhares de assinaturas, algumas como de seus próprios filhos, "preventivas", isto é, colhidas antes que os comunistas dessem entrada legalmente a seu pedido de registro...

Histeria

Precedida de propaganda, teve início segunda-feira última a série de reportagens anticomunistas de um locutor de televisão. Ao auditório selecionado, onde as câmeras estavam a forte predomínio do elemento "malhado", foi feita a apresentação do programa. Entre improperios contra os comunistas e xingamentos grosseiros ao chefe de uma nação amiga — o então ministro Fidel Castro — o locutor contou um caso de um certo mecânico, de nome Pedro, ao qual o mesmo locutor persuadira a deixar de ser comunista.

DISCURSOS DE JANGO NA PARAIBA

Reforma Agrária é Exigência Inadiável

A visita feita pelo presidente João Goulart à Paraíba, a convite da Federação das Ligas Camponesas, e os dois discursos por ele pronunciados naquele Estado — num grande comício em João Pessoa e ao receber o título de Cidadão Campesino, em Campina Grande — tiveram, naturalmente, enorme repercussão em todo o País. O ambiente na Paraíba era de grande tensão. Os latifundiários e grupos políticos mais reacionários não somente se opunham à visita do presidente da República, mas chegavam a prometer represálias, entre as quais a realização de um comício de protesto, convocado pela associação dos latifundiários.

REFORMA AGRÁRIA

Em ambos os discursos pronunciados pelo sr. João Goulart o problema posto em foco foi o da reforma agrária. Em vários trechos de seus discursos, recordando o chefe de Estado a necessidade e a urgência da reforma da estrutura agrária, esta estrutura, a estrutura em que vivemos, é uma projeção, na segunda metade do século XX, da sociedade colonial organizada em bases feudais para atender às conveniências de uma metrópole longínqua.

o latifúndio — que deve ser extinto — é a grande propriedade agrária que, segundo o sr. Goulart, "sem qualquer utilidade social, apenas aguarda a vaurice e o roubo das circunstantes alheias ao trabalho ou a vontade de seu titular". Isso reduziria o latifúndio às terras abandonadas, não cultivadas. A verdade, porém, é que as massas camponesas no Brasil sofrem, precisamente, nas propriedades latifundiárias onde os arrendatários ou parceiros são vilmente explorados pelos senhores da terra. Essas terras devem ser desapropriadas e entregues aos camponeses que nelas trabalham.

Brasil as reformas agrárias feitas na URSS (onde toda a terra foi nacionalizada), na China (onde foram criadas as comunas populares) ou em Cuba (onde a agricultura canavieira, a fundamente no país, era praticamente monopolizada por proprietários norte-americanos), embora ninguém possa, seriamente, deixar de levar em conta as experiências dos povos deses e de outros países na promoção de nova reforma agrária. Quanto aos comunistas, é conhecida a sua posição: de apoio à reforma agrária radical, nos termos em que foi definida pelos próprios trabalhadores no Congresso Camponês de Belo Horizonte, ao qual, aliás, esteve presente o presidente Goulart.

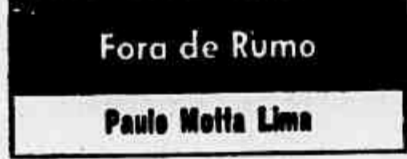
Contrabando

Baterias anti-aéreas da Marinha metralharam, dia 30 de julho, em território do Pará, um avião que transportava vultoso contrabando. Entre os marginais que se encontravam no interior do aparelho, e que resultaram feridos, estava o deputado federal Océlio Medeiros (PSD), proprietário do "mosambo", avaliada em muitos milhões de cruzeiros. O deputado Océlio Medeiros é dos mais atuantes líderes da Ação Democrática Parlamentar, organização que luta no Parlamento, e fora dele, através de farta matéria paga nos jornais e de outras maneiras menos confessáveis, pela "sobrevivência da democracia" e pela "nossa fidelidade ao Ocidente".

ficou bem esclarecida a sua participação num rumoroso escândalo de câmbio negro de dólares que envolvera e revoltou a delegação brasileira da qual fazia parte, aqui chegou propalando as mais torpes infâmias contra o "governo totalitário e sanguinário de Fidel Castro". E certo que ao deputado paraense nada acontecerá. Não prestará contas à justiça de suas atividades legais e desonestas e nem os jornais o apontarão à execução pública, como o fazem com os líderes desprovidos de imunidades parlamentares e sem ligações, próximas ou remotas, com a Ação Democrática Parlamentar.

MARÍTIMOS: LACERDISTAS DERROTADOS

Os partidários do MAC e do governador Lacerda foram derrotados nas eleições para escolha da nova Diretoria de Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Aéreos, realizadas na última segunda-feira. Servindo-se do lacerdistas Serapião do Nascimento, os cavadores do MAC tudo fizeram para constituir uma chapa que isolasse os representantes das mais atuantes organizações sindicais como a Federação Nacional dos Estivadores, Federação Nacional dos Portuários, e Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreos.



Peter Kellerman, refugiado húngaro, "preferiu a liberdade" e rumou para o Brasil. Alguns companheiros de Kellerman desenvolvem atividade terrorista, na MAC. Kellerman, que segundo uma informação da própria polícia "era na Hungria elemento envolvido em política, de onde fugiu com vultosa soma de dinheiro do governo húngaro", especializou-se em especulações. Parie disse dinheiro húngaro, durante os dias de grande confusão que marcaram o fim da guerra, foi retirado pelos norte-americanos e mantido nas caixas fortes dos Estados Unidos.

Chegando ao Brasil, Peter Kellerman escreveu um livro intitulado "O Brasil para principiantes". Trata-se de uma cartilha, destinada a orientar aventureiros que vêm ao nosso País com o objetivo de fazer fortuna. A filosofia capitalista dessa gente é expressa na constatação de que "viver desonestamente está cada vez mais difícil; viver honestamente é impossível".

Lembram-se daquela Gregorovich das "Redações do Escritório Isaías Caminha"? Formado em Linguas Orientais e Exegese Bíblica, ela apresentava o Brasil como o paraíso dos espertalhões e aconchava: "A questão é pendurar, quando se entra, a sobrecasaca de cavalheiro no Pão de Açúcar. No mais — tudo vai às mil maravilhas".

Kellerman não precisou pendurar sua casaca no Pão de Açúcar. Deixou-a, ao fugir de Budapeste, aos cuidados do cardeal Mindszenty, na Embaixada norte-americana, onde se refugiou essa grande figura da civilização ocidental a cristã, antigo colaborador de Horthy, depois transformado em executor do plano contra-revolucionário de Wall Street em seu próprio país.

A polícia vasculhou o escritório e a residência desse herói que "preferiu a liberdade". Não encontrou vestígio de sua ação ilegal. Kellerman, que afinal descobre o crime perfeito, agiota e tratadista da agiotagem, modelo do estilo de vida tão exaltado pelos rancorosos inimigos do regime de democracia popular da Hungria de hoje, advertiu orgulhosamente o delegado que dirigia a diligência: "Minha organização foi constituída de tal maneira que transcende à argúcia de qualquer polícia".

Nota Econômica Josué Almeida

Depois de sucessivos adiamentos, o último dos quais motivado pela recente crise política — importando na transferência da data da inauguração de 5 para 25 de julho — entrou em funcionamento a primeira etapa da central hidrelétrica de Três Marias, no curso superior do rio São Francisco. Nesta fase inicial, a potência instalada é de 132 mil quilowatts, dividida em dois geradores de 66 mil cada. Uma vez concluído o projeto, a potência global será de 520 mil quilowatts, correspondentes a oito turbinas iguais a cada uma das agora em funcionamento. (A título de curiosidade, assinalaremos que a energia que deixou de ser gerada com o último adiamento da inauguração foi de cerca de 60 milhões de quilowatts-hora, capaz de produzir e dinamizar riquezas de centenas de milhões de cruzeiros...) A energia produzida em Três Marias será consumida parte na área de Belo Horizonte — de onde dista cerca de 300 quilômetros, em linha reta — e nos 80 municípios cobertos pela rede das Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG) e parte na própria região de Três Marias.

Como realização técnica, a barragem e a usina de Três Marias constituem um êxito notável da engenharia e da técnica nacionais, já que a barragem é a única das maiores do mundo, em movimento de terra, representando um volume água de cerca de 21 bilhões de metros cúbicos, isto é, cinco vezes mais do que a baía de Guanabara.

Empreendida exclusivamente com recursos cruzeiros, a barragem custou 7,7 bilhões de cruzeiros (dos quais 4,1 fornecidos pelo BNDE e 3,6 pela Comissão do Vale do São Francisco), sendo o custo da usina geradora e do sistema de transmissão e distribuição orçados em 7 bilhões, estes últimos recursos próprios da CEMIG, suplementados também pelo BNDE. Para a construção da usina foram obtidos pelos empréstimos públicos financiamentos nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental, mas a maior parte dos gastos foi feita em moeda nacional.

A importância de Três Marias está longe de encerrar-se com a produção de energia, propriamente, na usina. Talvez não seja exagero afirmar que, na obra, o

Três Marias: proveitos para quem?

fundamental consiste no que ela representa para a regularização do regime do São Francisco, possibilitando a atividade agrícola permanente nas margens do rio (antes sujeita aos vazares das cheias periódicas e calamitosas), possibilitando a navegação em bases altamente econômicas durante todo o ano em quase 1.500 quilômetros do curso do rio e, ainda, favorecendo decisivamente a ampliação do potencial de Paulo Afonso. Quanto a esta última usina, poderá chegar a 1 milhão de quilowatts, uma vez construída a barragem de Sobradinho, na Bahia.

Entretanto, essa obra realmente grandiosa, que poderia constituir um passo importante no caminho da emancipação nacional, encontra duas sérias limitações nos seus efeitos: no imperialismo e na antiquada estrutura agrária do país. De fato, dado o monopólio da subsidiária mineira da American & Foreign Electric Power na distribuição de energia em Belo Horizonte e adjacências, toda a energia produzida em Três Marias e a ser consumida nessa área, será distribuída pelo truste norte-americano. Dessa forma, sem ter tido a menor participação no empreendimento, a Companhia Luz e Força de Minas Gerais auferirá gordos lucros, resultantes da compra de energia em grosso, barata, para a venda a varejo, a elevadas tarifas. Uma parte apreciável da riqueza criada pelo Estado brasileiro será assim canalizada para os cofres de Wall Street.

De outro lado, as terras marginais ao São Francisco, a serem aproveitadas permanentemente na agricultura, estão monopolizadas por verdadeiros senhores feudais, como são os latifundiários daquela região. Entre eles, aparece com destaque a esperta figura do banqueiro Clemente Mariani, possuidor de dezenas de léguas na margem esquerda do rio, à altura de Casa Nova, na Bahia. Por isso, se não forem tomadas desde já medidas destinadas a alijar o truste de Belo Horizonte e a golpear o poder feudal no vale do São Francisco, Três Marias terá, ao menos num plano imediato, efeitos contrários àquelas aguardadas pela maioria da nação: fortalecerá o imperialismo e o latifúndio, distanciando-nos, em vez de aproximar-nos, da meta da libertação nacional.

Table titled 'Ajuda a NOVOS RUMOS' listing names and amounts: Amista (Rio - GB) 100.000,00, Comunista Português (Rio-GB) 200,00, Dina amiga de Copacabana (Rio - GB) 700,00, Elias Nicolau Martins (Rio-GB) 1.500,00, Hoteleiros (Rio - GB) 330,00, José de Seixas (Rio-GB) 2.000,00, C. P. (Rio - GB) 200,00.

Os "Inocentes"

Não causou grande surpresa a absolvição dos terroristas que puseram a bomba na Exposição Soviética. Como surpresa também não causou o motivo alegado de falta de provas contra os sete acusados.

A quem foi entregue a apuração da culpabilidade dos criminosos? A polícia do Estado da Guanabara, polícia de Lacerda, a mesma que teve várias de seus chefes envolvidos em atentados anteriores, como o contra a sede da UNE, e mesmo no caso em apreço, em que um dos principais articuladores da violência foi o tristemente famoso ostensivo Ardovinho Barbosa, "enfant gâté" do governador guanabarrino.

camponeses de organizar-se para a luta pelos seus direitos, pela reforma agrária e pela democracia. "Se reconhecermos ao patrão, ao industrial, ao comerciante, ao fazendeiro, se reconhecermos a ele o direito de se associar, o direito de defender os seus interesses, por que negar o mesmo direito aos trabalhadores que vivem no interior de nossa pátria?" O ponto de vista defendido pelo sr. Goulart significa o reconhecimento das Ligas Camponesas como entidades autênticas e legítimas das massas do campo e do importante papel que lhes incumbe na luta pela reforma agrária. O que não parece justo, porém, é a tendência manifestada pelo presidente da República de transformação das Ligas em sindicatos. Há, aqui, dois problemas a considerar: 1) as Ligas, onde surgem por iniciativa das massas camponesas, são a forma mais adequada de organização encontrada por elas para a luta contra a espoliação latifundiária; 2) o próprio governo vem dificultando, por vários meios, a legalização de numerosos sindicatos de assalariados agrícolas (operários do campo, e não arrendatários ou parceiros) em todo o país. O que interessa às massas do campo e tem o apoio de todo o movimento democrático, é, de um lado, o reforço e ampliação das Ligas Camponesas e, de outro lado, o imediato reconhecimento pelo governo dos vários sindicatos e associações profissionais de trabalhadores agrícolas.

REFORÇAR A LUTA

A viagem do presidente da República e os discursos de João Pessoa e Campina Grande vieram, enfim, dar maior ênfase ainda à imperiosa necessidade da realização de uma verdadeira reforma agrária no Brasil. A todos os democratas e patriotas, o que cabe é intensificar a luta pela conquista dessa reivindicada progressista, hoje uma exigência de praticamente toda a Nação. E um dos aspectos mais importantes do reforço desta luta é, sem dúvida, a ampliação das organizações camponesas em todo o País, que reúnam as grandes massas do campo e possam converter em realidade, no menor prazo, o lema segundo o qual «a terra deve pertencer àquele que a trabalha».

TERRORISMO GRASSA NA AMERICA LATINA

Uruguai: Nazistas Marcam a Navalha Duas Cruzes Suásticas no Corpo de Jovem (17 Anos) Refugiada Paraguuaia

Os grupos fascistas promotores do incipiente terrorismo em desenvolvimento em alguns países da América Latina vêm de cometer em Montevideu uma ultrajante, criminosa e revoltante provocação contra uma jovem refugiada paraguuaia. Ela e Suredá Barret, de 17 anos, quase menina ainda. Esta exilada na capital uruguuaia em consequência de sua participação nas lutas contra a sangrenta ditadura que oprime sua pátria. Dia 6 do corrente quando deixava o trabalho e voltava para sua residência foi agarrada por três, e com os olhos e a boca tapados, atirada dentro de um automóvel, que rodou horas a fio por locais ermos. Durante o trajeto a jovem foi brutalmente espancada pelos ocupantes: quatro do sinistro veículo e, num inominável requinte de crueldade dos fanáticos nazistas, teve nas partes superiores das duas pernas, gravadas a navalha duas cruzes suásticas, símbolos do anti-semitismo e da opressão. Após a hedionda agressão os covardes terroristas jogaram do carro em disparada sua indefesa vítima, recolhida mais tarde por populares e internada em um hospital.

quais estava no interior do automóvel onde foi sequestrada.

AUTORES

Toda Montevideu aponta como autores do torpe atentado a elementos pertencentes às organizações direitistas de terror que agem impunemente no Uruguai, sob diversas siglas. LOA, A L E R T A, FEDAN, MEDL, TACUARA, são algumas delas. Geralmente seus integrantes são meninos "bem", ligados familiarmente a latifundiários, milionários e agentes internos do imperialismo. Muitos "cubanos livres" também delas fazem parte. Todas mantêm estreitos vínculos com a embaixada dos Estados Unidos, de onde recebem orientação e financiamento. Ultimamente vêm recebendo assistência e dinheiro também da representação diplomática da República Federal Alemã.

Poucos dias antes de ser violentada Soledad participou de uma manifestação de rua em solidariedade a Cuba. Na ocasião fora fotografada por um funcionário do USIS, o serviço de imprensa das chancelarias norte-americanas, que mantém profissionais destinados ao Inglorioso mister de fomentar partidarismo e assistências de atos democráticos e anti-imperialistas nos países subdesenvolvidos. A foto então feita foi utilizada pelos terroristas para identificar a jovem paraguuaia.

SUBMISSÃO E ALTIVEZ

Enquanto toda a população da capital uruguuaia proclama sua revolta contra a hedionda agressão, os setores comprometidos com os financiadores em dólares dos agentes fascistas empreendem incriveis esforços numa fracassada tentativa de fazer crer que o crime teria outra história. Assim, a imprensa alugada aos truques arranja um médico que vem a público dizer que a perfuração dos traços das cruzes revela que elas não poderiam ter sido gravadas

num carro em movimento. Muito cedo porém apurou-se que o "conceituado escultor" é pessoa das relações do tirano Stroessner e que recentemente oferecera faustosa recepção ao embaixador paraguuaio.

A polícia uruguuaia encarregada de apurar a responsabilidade do horrendo delicto vem se fazendo notar por uma repugnante subserviência aos agressores e seus mandantes. Todas as suas pesquisas até agora se têm voltado no sentido de confundir a natureza do atentado. Nada de investigações sobre as atividades das organizações fascistas. Quem vem sendo interrogada é Soledad, inquirida inquisitorialmente sobre suas idéias políticas. A jovem, que já revelou incomuns coragem e valentia, resistindo estoicamente aos gangsteres desalmados e sádicos que a supliciam, responde sempre de maneira firme e acusatória, não se deixando envolver pelos ardís policiais. O chefe da equipe de inquiridores, cinicamente, já lhe confessou: "É lastimável que não te possamos ajudar; tu não queres dizer a verdade". Com a submissão dos tiras policiais contrasta a altivez da brava jovem. A um policial que lhe disse que, no seu lugar, teria vivido a Hitler e a OAS, "para salvar a pele", Soledad respondeu: "pois saiba que eu não fiz isso. Eu tenho idéias pelas quais luto. E não sou covarde".

SOLIDARIEDADE

Amplio movimento de solidariedade à jovem refugiada vem obtendo adesão de todo o povo uruguuaio. Organizações populares, sindicatos operários, entidades estudantis, a associação de funcionários públicos, entidades femininas e de intelectuais têm divulgado notas e organizado manifestações de desagravo à luta-dor tão vilmente agredida. O atentado tem sido energeticamente repudiado por todas as camadas da população do país vizinho, que estendem sua repulsa a toda

atividade dos grupos fascistas organizados e em funcionamento. As organizações populares condenam veementemente a Chefatura de Polícia de Montevideu, o Ministério do Interior e o Conselho Nacional de Go-

verno, "pela impunidade cúmplice com que deixam atuar os covardes bandos nazi-fascistas que desenvolvem suas atividades no Uruguai", como está dito na nota que o Partido Socialista emite.

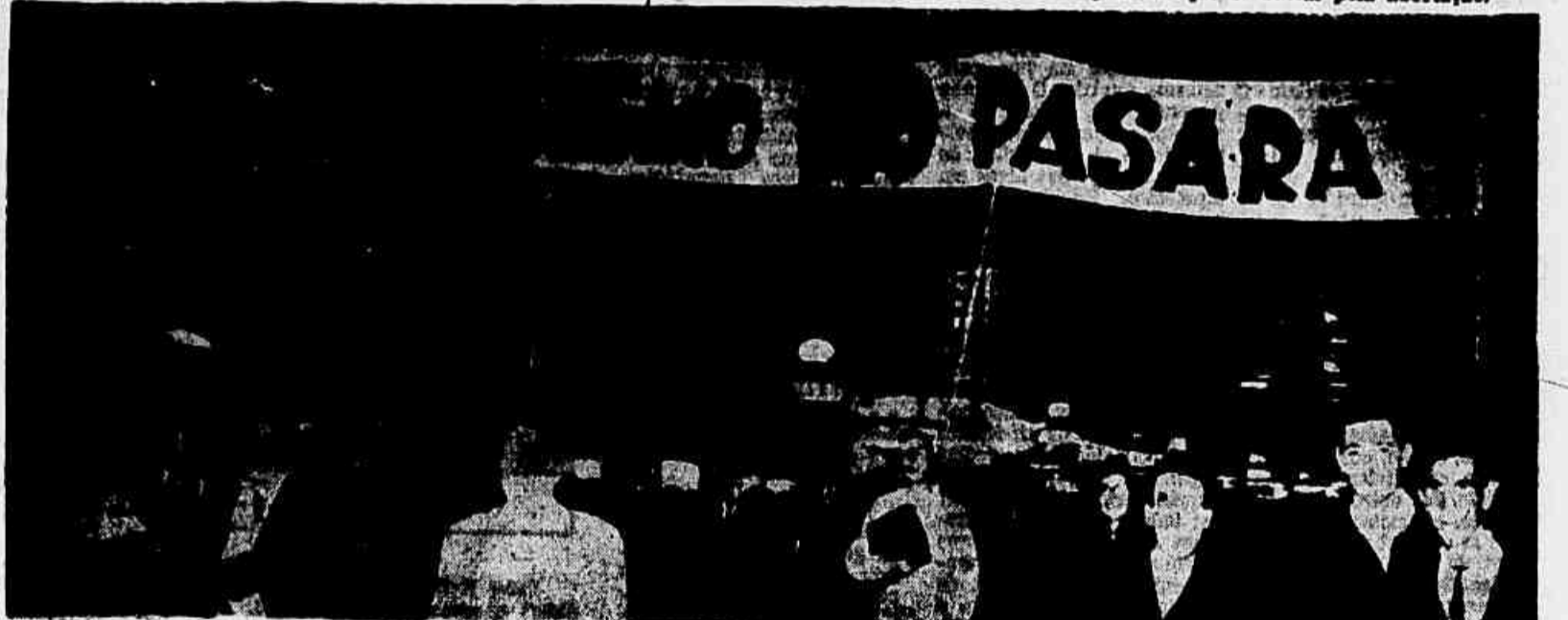


VITIMA E SIMBOLO

Soledad Barret, jovem refugiada política paraguuaia em Montevideu, descendente de judeus, torturada pelos tiras do MAC uruguuaio. Soledad, vítima do ódio dos que querem impedir a luta contra a opressão, é um símbolo da coragem dos que se batem pela libertação.

NAZISMO

Soledad, que se houve com enxercedível bravura diante dos vândalos, horas mais tarde, quando conseguiu falar, relatou pormenores do covarde atentado. Queriam que gritasse "abaixo Fidel" e "viva Hitler". Negou-se resolutamente a fazê-lo. Exigiram então que bradasse vivas à organização terrorista OAS. Tampouco o fez. Foi então que despiram-na de parte da sua roupa e tatuaram com perfurações as duas suásticas. Era intenção dos nazis perseguir com as torturas, o que não se conservavam ante o temor de que os gritos da jovem fossem ouvidos. A moça no dia anterior havia sido seguida por três indivíduos, um dos



PROTESTO

O povo uruguuaio, depois que começaram a se verificar os atentados dos bandos fascistas, realizou numerosas manifestações de protesto exigindo a punição dos criminosos que não perdoaram inclusive uma jovem de 17 anos. A foto é da grande passeata realizada em Montevideu. O cartaz afirma que o fascismo não passará.

DE 3 A 26 DE AGOSTO

Grande Exposição Industrial da Alemanha Democrática: S. Paulo

De 3 a 26 do corrente, estará funcionando no Parque Ibirapuera (Museu de Arte Moderna), em São Paulo, a Primeira Exposição Industrial da República Democrática Alemã em nosso país. Centenas de máquinas, ferramentas, equipamentos para a indústria e a agricultura, acessórios, serão mostrados ao público, e, segundo informações que colhemos trata-se em sua quase totalidade — com exceção de umas poucas máquinas, incluídas para efeitos estéticos — de materiais ainda não produzidos no Brasil.

Para a inauguração da Exposição, que constitui um acontecimento de extraordinária importância nas relações comerciais do Brasil com a República Democrática Alemã, vem ao nosso país o Ministro do Comércio Exterior e Interior Alemão, sr. Julius Balkow, oportunidade em que, por certo, serão mantidos profusos contactos com círculos de negócios brasileiros.

COMÉRCIO EM EXPANSÃO

O comércio entre o Brasil e a República Democrática Alemã, cujo início se deu, virtualmente, em 1959, vem apresentando de ano para ano índices ascendentes. Assim é que, para um movimento de cerca de 8,5 milhões de dólares nos dois sentidos, em 1959, subiu em 1960 para 26 milhões de dólares e no ano passado atingiu os 31 milhões de dólares, sempre somando as correntes de importação e exportação.

Apesar da visível progressão, tais índices estão longe de refletir as reais possibilidades do intercâmbio comercial entre os dois países. Basta atentar para que o comércio exterior da RDA movimenta mercadorias num valor global de cerca de 4 bilhões de dólares (2 bilhões em cada sentido), sendo que somente as relações com os países capitalistas elevam-se a 1 bilhão

de dólares por ano. Quanto ao Brasil, cujo volume de comércio exterior situa-se em torno de 2,8 bilhões de dólares, tem necessidade premente de expandir suas vendas no estrangeiro e, nesse sentido, a RDA se oferece como um dos mais promissores mercados. Sexta potência industrial do mundo (depois dos Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, Alemanha Ocidental e França), a República Democrática Alemã é ainda o quarto produtor mundial de máquinas e, na produção química por habitante, ocupa o primeiro lugar em todo o mundo.

As relações comerciais entre os dois países têm encontrado um obstáculo à sua maior expansão nas resistências opostas em nosso país às importações procedentes da RDA. E como a República Democrática Alemã é um país de economia planificada, o comércio exterior é condicionado pelo equilíbrio das trocas, a

limitação às nossas importações daquela procedência implica, necessariamente, na limitação de nossas exportações para o mesmo destino.

PODE AUMENTAR MUITO MAIS

Entretanto, dada a necessidade recíproca de expansão do comércio exterior e o desejo, já bastante generalizado em nosso país, sobretudo por parte de homens da indústria, de adquirir equipamentos e matérias-primas industriais da RDA, a Exposição poderá propiciar um grande avanço nesse terreno. De sua parte, conforme tem declarado reiteradas vezes as autoridades da Alemanha socialista, há condições para um considerável aumento das exportações brasileiras para aquele país, particularmente do café, cujas compras no Brasil a RDA poderia duplicar em um ano. Tudo depende, portanto, da remoção dos obs-

táculos existentes, em sua maioria artificiais e decorrentes de fatores políticos, portanto estranhos. E esta é a oportunidade.

OPERÁRIOS NAVAIS OUVEM CONFERÊNCIA E DÃO CREDENCIAIS

Em solenidade levada a efeito no dia 24 de julho último na delegação do Sindicato dos Operários Navais, na rua Bonfim, em São Cristóvão, com a presença do jornalista Marco Antônio Coelho, foram entregues aos operários José César Irmão e Luiz Félix Ferreira, respectivamente, credenciais de delegado e subdelegado do Sindicato junto aos estaleiros da EMAQ, na ilha do Governador. Após o ato, um auditório repleto de trabalhadores e seus familiares ouviu e aplaudiu conferência de Marco Antônio sobre carestia, inflação e reformas de base.

Teoria e Prática
Apelo de Carvalho

«Existe capitalismo puro?»

(Pergunta do leitor Lincoln B. de Oliveira, de São Paulo).

Não. E não se trata de um fenômeno isolado.

A história humana conhece cinco épocas distintas: a sociedade comunal primitiva, o escravismo, o feudalismo, o capitalismo e agora o socialismo, fase inferior da sociedade comunista. E todas têm esse mesmo traço comum.

Cada uma dessas épocas define-se pelo nível de suas forças produtivas, isto é, pelo grau de avanço alcançado pelo homem na elaboração dos instrumentos de trabalho e em sua própria capacidade produtiva — e, em consonância com ele, por suas formas de propriedade sobre os meios de produção, com o correspondente tipo de relações entre os homens. Cada uma delas tem seu regime econômico e político determinante — e, a partir da sociedade escravista, suas classes fundamentais, cujo lugar na produção e cuja luta marcam o processo de desenvolvimento social. Daí, o que tem de particular, de específico, no domínio das instituições políticas e das idéias e teorias sociais.

Essas épocas não estão, porém, isoladas. Ao contrário: elas se ligam, se interpenetram, prolongam-se umas nas outras. E assim que, na fase de decomposição da comunidade primitiva, a divisão social do trabalho e a proliferação do regime de troca fazem surgir os primeiros elementos da propriedade privada sobre os escravos, a terra e outros meios de produção. O regime escravista, por sua vez, coexiste com reminiscências da sociedade comunal e, a partir de certa etapa, com o colono e outros embriões do feudalismo. E o regime feudal também não foge à regra: ele se mescla a vestígios dos regimes anteriores e, a partir sobretudo dos séculos XII e XIII, ao capitalismo nascente, marcado ainda pelas etapas iniciais da cooperação simples e da manufatura. Sabe-se que numerosas comunidades camponesas primitivas conservaram-se, por longo tempo, na Rússia, na Jugoslávia, na Índia, na Alemanha. Como se vê, nenhuma das formações econômico-sociais, apresenta-se em sua forma pura. Todas elas combinam em seu seio o passado e o presente e, dentro deste, o elemento novo que desponta e anuncia o regime econômico e político futuro.

O mesmo, em boa parte, pode-se dizer

do capitalismo. Ali estão, por exemplo, em nosso país, a grande propriedade territorial, a pequena produção mercantil, a propriedade capitalista — e, com ela, a propriedade monopolista em mãos dos grandes consórcios estrangeiros que influenciam e põem a seu serviço as demais. Dessa combinação de formas de propriedade decorrem, entre nos, as sobrevivências feudais (como a parceria e as várias formas de prestação de trabalho gratuito); certas sobrevivências escravistas apenas disfarçadas; e relações capitalistas com as particularidades de uma economia nacional marcada ainda pela dependência do imperialismo.

A fase complexa de formas de propriedade e relações de produção, que coexistem e se combinam, corresponde também um complexo de contradições em que se refletem os interesses das diferentes classes e grupos sociais e, em consequência, os choques entre as forças do passado, do presente e do futuro, em, nosso país.

Daí decorrem duas necessidades imperiosas: distinguir as contradições já maduras que marcam o nível de nosso desenvolvimento econômico — e, com ele, o caráter objetivamente nacional e democrático da revolução brasileira, na etapa atual; e distinguir, também, entre as classes e grupos sociais interessados na solução dessas contradições maduras, a classe mais avançada e revolucionária de nossa sociedade, chamada a aglutinar e imprimir consequência à ação das demais forças revolucionárias, no plano político e social.

Daí, o lugar e o papel que cabem à classe operária, também em nosso país: por seu domínio da forma de produção determinante de nossa época (a grande indústria); por sua organização e sua unidade; pela orientação científica e pelo programa de transformações econômicas e sociais que sua vanguarda comunista apresenta para hoje e para a manã; pela aliança duradoura e revolucionária que só ela pode estabelecer com as massas trabalhadoras da cidade e do campo; e pela força que lhe vem, desde já, de seus próprios efetivos — isto é: metade da população ativa do país, 3 a 10 milhões de criadores de riquezas — para falar apenas nos trabalhadores da indústria e nos assalariados rurais.

Convenção Guanabarina do Congresso de Libertação Nacional Instala-se Dia 3

Instalar-se-á sexta-feira desta semana, dia 3, o Congresso de Libertação Nacional do Estado da Guanabara, preparatório do Congresso de Libertação Nacional, em São Paulo. Os trabalhos se prolongarão pelos dias 4 e 5. A instalação terá lugar na antiga Câmara de Vereadores, gentilmente cedida pela mesa diretora da Assembleia Legislativa Estadual. O ato inaugural terá começo às 19,30 horas.

Na ordem-do-dia constam assuntos de grande atualidade, entre os quais a luta contra as causas da cretalia de vida, a luta pela aprovação de leis que defendam a economia nacional, a

unidade em torno dos problemas da paz, do desarmamento, da defesa das liberdades democráticas e a formação da frente de libertação nacional.

A Comissão Executiva está expedindo convites a todas as entidades sindicais, estudantes, populares, partidos políticos e personalidades, bem como a todos os núcleos já organizados da frente de libertação nacional.

A Comissão Executiva do Congresso funciona na rua Senador Dantas n. 117, 19.º andar, salas 1903/5, onde todos os que participam, ou

que desejarem tomar parte no conclave terão todas as informações necessárias. Dentro dos signatários da convocação do certame guanabarina que escolherá a delegação que deverá participar do Congresso a se instalar na capital paulista, estão: o professor San Tiago Dantas, ex-ministro do Exterior; deputado Sérgio Magalhães; Mourão Filho; general Gilberto Alvim; coronel Gonçalves Basto; coronel Luis Bayard; Antônio Pereira da Silva, vice-presidente em exercício do sindicato dos Bancários; professor Max da Costa Santos; escritor Guerreiro Ramos; e o ator Modesto de Souza.

Grupelho Golpista Age Com Petulância no DCT de Diamantina

A Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos de Diamantina (Minas Gerais) está convertida num audacioso foco de golpistas. O grupelho reacionário, que tem à sua frente o próprio diretor regional, Lourival Mendes, e do qual fazem parte Alcides Meira, médico da Assistência Social do DCT e integralista fanático; Joana Ferreira de Aguiar Carneiro, secretária do diretor e também integralista; Tarcelo Amador dos Santos, também integralista e ébrio inveterado; Alencar dos Reis Aguiar, igualmente integralista; José Ferreira de Aguiar e outros elementos inexpressivos.

Esse grupelho infiltrado no DCT está ostensivamente em ligação com o golpismo. Mantém contato com Carlos Lacerda e seu "dispositivo" militar golpista por intermédio do ex-diretor regional Aurival Pereira, que foi mandado para Diamantina no período da crise político-militar de 1961 e fazia histéricos comícios contra a posse do presidente João Goulart. Aurival Pereira é homem da copa e cozinha de Lacerda, a quem presta informes confidenciais e entrega "relatórios" que lhe são mandados por Tarcelo dos Santos. O bando golpista que se apoderou do DCT de Diamantina pôs as mangas de fora também durante os dias em que se discutia a indicação do nome do sr. San Tiago Dantas para o posto de presi-

dente do Conselho de Ministros.

Uma das atividades desse grupo reacionário e golpista é o ilegal boicote às publicações com as quais não concorda. E o caso de revistas como "Problemas da Paz e do Socialismo", de ampla circulação em todo o país, e de jornais como o NOVOS RUMOS. As remessas feitas tanto pelo nosso jornal como por outras publicações democráticas são sistematicamente sabotadas pelos galinhas verdes do DCT de Diamantina. A todas as reclamações que são feitas, a Diretoria Regional responde ora com evasivas ora com insultos.

Lembramos que ao tomar posse no cargo de diretor-geral dos Correios e Telégrafos, o coronel Dagoberto Rodrigues comprometeu-se a fazer com que todas as repartições do DCT cumprissem rigorosamente a Constituição, respeitando escrupulosamente o direito de correspondência, não violando nem sabotando as remessas feitas. Entretanto, o que se vê em Diamantina é uma insolente atitude de afronta às liberdades constitucionais e um desrespeito à palavra do próprio diretor geral do DCT — autoridade a quem comunicamos, através desta nota e por ofício, os fatos que vêm ocorrendo na Diretoria Regional de Diamantina, hoje entregue a um grupelho leerdista.

Acaba de sair:

CONFERÊNCIAS DOS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

- Moscou 1957
- Roma 1959
- Bucarest 1960
- Moscou 1960

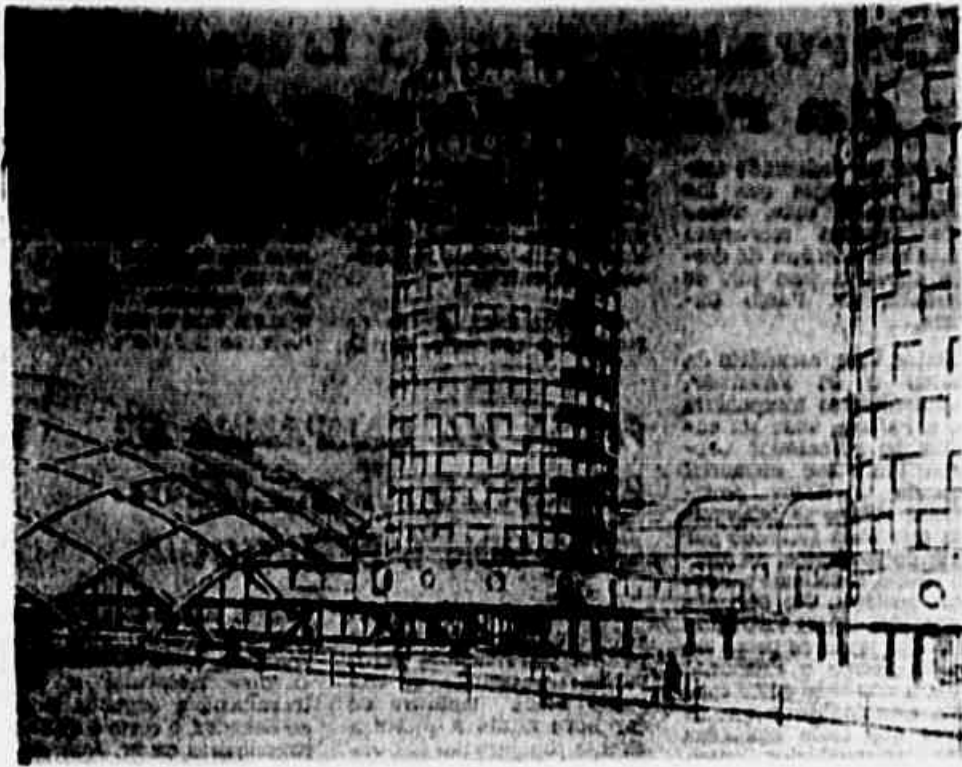
Preço: Cr\$ 40,00

Pedidos pelo Reembolso Postal a:

ALIANÇA EDITORA LTDA.

Av. Rio Branco, 257 — sala 905

Rio de Janeiro — GB



Soviéticos planejam a vida no Ártico

Os trabalhadores da Academia de Arquitetura e Construção da União Soviética (seção de Leningrado) estão concentrados na tarefa de desenharem uma cidade ártica para 10 ou 15 mil habitantes.

A temperatura normal nas ruas da cidade será constante e agradável, mesmo nos dias em que faça mais frio no resto do Ártico: é que não só os edifícios, mas também ruas e parques ficarão isolados do exterior por telas de plástico. O clima artificial, a moderna arquitetura e o planejamento racional da cidade satisfarão as necessidades não só materiais como estéticas de seu povo.

A cidade, a ser construída do tamanho que se quiser, erguer-se-á por cima de

uma plataforma especial de um metro de altura sobre o solo permanentemente congelado.

O centro — um parque, um estádio e instituições culturais — ficará coberto por gigantesca abóbada.

Os prédios, de vários andares, terão forma cilíndrica: é o recurso encontrado para diminuir a perda de calor em seu interior, bem como para oferecer maior resistência aos ventos fortíssimos e às tempestades de neve.

Na foto, projeto de prédios cilíndricos de 16 andares com capacidade para 500 moradores, dotados de elevadores de alta velocidade. O isolamento das janelas se fará por meio de vácuo.

"OS CABOCLOS"

Valdomiro Silveira representa, em nossa literatura, a primeira semente da corrente regionalista que se mantém, desde seu aparecimento, em 1881, até o presente, com João Guimarães Rosa, na posição da mais autêntica expressão de nossa realidade em termos de recriação literária.

Com Valdomiro Silveira surge a primeira obra em prosa, em seguida, Monteiro Lobato. De lá para cá, as raízes da temática e da forma elaboradas por esses pioneiros foram ganhando cada vez mais vigor, robustecendo-se no contato com a tradição, os hábitos, as histórias e a linguagem de nosso povo.

A Editora Civilização Brasileira resolveu repetir o feito de Monteiro Lobato, que foi o lançador da primeira coletânea em livro dos contos de Valdomiro Silveira. Surge agora a terceira edição de Os Caboclos. O diretor da Editora Civilização Brasileira, Ênio Silveira, redigiu uma apresentação pessoal com que entrega ao leitor a nova edição de Os Caboclos. E essa apresentação, por considerarmos que as palavras de Ênio Silveira expressam em termos justos, o significado da obra de Valdomiro Silveira e o interesse de que ela se reveste

para o próprio momento atual de nossa literatura.

"A própria condição de país subdesenvolvido, de que ainda não nos afastamos e de que talvez nunca nos afastaremos se não forem basicamente modificados os alicerces em que se assenta a sociedade brasileira, faz com que sejamos obrigados, no terreno cultural, a uma improvisação constante, a uma procura de heróis do dia, que talvez no dia seguinte já estejam esquecidos."

Com a exceção de alguns quantos vultos realmente definitivos de nossas letras, como Machado, Euclides, Aluísio Azevedo, Castro Alves, que já se tornaram clássicos e de leitura obrigatória, pelo menos nas escolas, esta sociedade que tem de viver da mão para a boca, procurando a subsistência em condições mínimas de sobrevivência, tende a esquecer ou a analisar de modo apressado e por isso mesmo fogaz um grande número de autores que, dentro das limitações de suas épocas e da relativa pobreza do ambiente intelectual em que viveram, contribuíram marcadamente para a edificação de uma verdadeira literatura nacional.

Nomes como os de Graciliano Ramos, José Lins do Régio, Mário e Oswald de

Andrade, para citar apenas alguns, não são mais de trabalho vivo, infelizmente, entre a grande massa anônima do público. Embora sua memória e sua obra ainda sejam cultivadas nos pequenos círculos da crítica e de uma elite pensante, o povo não se apercebe de que certos livros desses grandes autores ficaram definitivamente incorporados ao patrimônio da Nação e permaneceriam, portanto, de carinhosa, atenta e continuada leitura.

Estou absolutamente convencido de que somente quando modificarmos a presente conjuntura socio-econômica do País, que é anárquica, injusta, deprimente e estéril, conseguiremos eliminar certas condições básicas de paralisia cultural, como a exploração do homem pelo homem, a pobreza e a ignorância que dela derivam. A exemplo do que sucedeu e continua sucedendo nas repúblicas socialistas, promover-se-á então uma redescoberta tardia dos nossos grandes vultos criadores no campo das artes em geral e da literatura em particular.

Valdomiro Silveira será um deles. Homem de formação intelectual europeia, como era então normal, advogado, político militante em partido eminentemente burguês e conservador, o escritor paulista poderia ter sido susceptível às influências francesas ou italianas, dedicando-se à tarefa de escrever obras circunstanciais ou periféricas, onde a realidade brasileira entrasse como que por acaso ou descuido.

No entanto — e foi ele o primeiro escritor a fazê-lo no Brasil — preferiu voltar-se para a única fonte autêntica de uma literatura nacional, que é a emanada da cultura popular. A princípio, por motivos de ordem puramente semântica ou sentimental, dedicou-se à tarefa de estudar sistematicamente o linguajar de seu povo, o paulista, anotando com a paciência de um pesquisador alemão suas expressões características, as elipses dinâmicas e funcionais, a colocação libertária de certos pronomes, fugindo inconscientemente e mas sabiamente aos cânones gramaticais lusitanos.

Havia nele, contudo, o ficcionista, o escritor de talento e de sensibilidade para as coisas puras, simples e tóscas na aparência, como são aquelas que vêm do povo. E surgiram, então, na linguagem que ouvia, mas firmemente plantados no arcabouço do mais rigoroso vernáculo, contos e novelas que logo despertaram a atenção dos círculos culturais brasileiros, tal a força de arejamento e de autenticidade que continham. Foram sendo reunidos em livros, recebidos com admiração. O primeiro deles, precisamente, é este Os Caboclos, que agora reeditamos.

Neto de Valdomiro Silveira e, agora, editando-o muitos anos depois de seu falecimento, não agi como o parente que tanto lhe deveu em afeto e orientação cultural, mas como um brasileiro que, tendo nas mãos pequena parcela de poder divulgador de cultura, quer utilizá-lo como acredita já vir utilizando há algum tempo — para que o País comece desde já a necessária revisão de seus valores, que mais cedo do que pensa deverá e precisará fazer por completo."

DELEGADOS ESTRANGEIROS AO CONGRESSO DA UNE EMPOLGADOS COM A UNIDADE E COM LUTAS DOS ESTUDANTES BRASILEIROS

Reportagem de Regina Montana

Ao XXV Congresso Nacional dos Estudantes — comemorativo do Jubileu de prata da União Nacional dos Estudantes e marco da maturidade e da unidade política do movimento estudantil brasileiro — compareceram delegados fraternais estrangeiros, líderes universitários de vários países convidados pela diretoria da UNE. Na semana que passaram em Quitandinha esses estudantes tiveram oportunidade de sentir a vida estudantil em nosso país e de discutir com os jovens das nossas escolas superiores seus problemas comuns. Dois dos jovens visitantes foram ouvidos pela reportagem de NR: Edgardo Galletti, da Argentina; e Orlando Perez, da República Dominicana. Falarão das razões de sua presença no congresso, das relações mantidas entre o movimento estudantil de seus países e a UNE, de suas impressões sobre o momento histórico brasileiro, das lutas universitárias em suas nações e sobre a situação política em geral. Um resumo dessas impressões é o que transcrevemos aqui.

PRESEÇA EM PETROPOLIS

Perez — «Traze-me até aqui a amizade aos estudantes brasileiros, vários pontos coincidentes nas lutas dos nossos povos e a importância do vigésimo quinto congresso da UNE. Ele discute os problemas educacionais e nacionais do Brasil, muitos dos quais são comuns à República Dominicana. E é, antes de tudo, um grande exemplo da unidade necessária à emancipação latino-americana.»

Galletti — «Na décima conferência da Secretaria Coordenadora de Unões Nacionais dos Estudantes, realizada no Canadá, Brasil e Argentina, estiveram defendendo os mesmos pontos de vista nas comissões e no plenário. Vim ao vigésimo quinto congresso da UNE consolidar nossas identidades e dar mais um passo na ampliação das nossas relações.»

MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO

Perez — «Estou impressionado com a unidade do movimento estudantil brasileiro, onde se vê que não há discriminação ideológica, para obter as metas a que devem aspirar todos os estudantes. Esta união é imprescindível à vitória e levo a meu país este exemplo que deveria ser comum a todos os estudantes latino-americanos.»

Galletti — «O movimento estudantil brasileiro possui características próprias, já que agrupa várias tendências em torno da luta ant imperialista e das exigências nacionais. Ele nos impressiona pela importância que já atingiu nas lutas de libertação nacional.»

RELAÇÕES COM A UNE

Perez — «Ao libertarmos da ditadura de Trujillo o nichonor — intercâmbio com diversas entidades estudantis, já que antes isto era impossível. Assim começaram as relações com a UNE. Estávamos a par da greve de vocês e inclusive prestamos a ela o nosso apoio moral pela justiça de seu reclamo. Estamos seguros que as relações com a UNE nos serão de grande valia pois temos pouca experiência e

Anúncios Classificados

ADVOGADO — Rubens Pereira Pinto — Horário: das 2as. às 6as. feiras, das 16.30 às 18.30 horas. Rua Silveira Martins, 70 — 2º andar — 8/210, Tel.: 32-6822 — S. Paulo

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves
Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe: Fragmon Borges
Gerente: Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar 8/1113 — Tel.: 43-124
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar 8/905
STICUNAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8º andar 8/827
Tel.: 35-0483
Endereço telegráfico: «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 500,00
Semestral » 280,00
Trimestral » 130,00
Número avulso » 10,00
Número atrasado » 16,00
ASSINATURA ABERTA
Anual Cr\$ 1.200,00
Semestral » 600,00
Trimestral » 300,00

esta poderá ser ampliada através das observações dos resultados obtidos pelo sistema de organização e trabalho levado a efeito pelos estudantes brasileiros.

Galletti — «Nos argentinos, mantemos contatos permanentes e muito cordiais com a UNE, principalmente porque lá nasce um movimento de reforma curricular que coincide com as do movimento estudantil no Brasil. As relações correspondem sobretudo ao trabalho pela unidade latino-americana e ao intercâmbio de ideias para a solução dos problemas comuns. Encontramos, por exemplo, a par da greve estudantil brasileira e a ela manifestamos nossa solidariedade.»

BRASIL ATUAL

Perez — «O Brasil se encontra em um momento específico do seu processo de libertação nacional pois os movimentos operários e estudantis já se encontram organizados, os camponeses começam a organizar-se, e se inicia a aliança destas 3 forças. No panorama da América Latina se pode observar que o imperialismo se encontra em sua fase final e que o Brasil é uma peça fundamental na sua destruição.»

Galletti — «O momento histórico brasileiro se marca já em um quadro pré-revolucionário, o que se pode constatar pela aliança operário-estudantil-camponesa, cuja unidade lograra fazer do Brasil um país livre de toda intervenção estrangeira e sem injustiças sociais. Parece que o que se logra no Brasil será de vital importância para todo o resto da América Latina, que não suporta mais o jugo econômico e político do imperialismo.»

MOVIMENTO ESTUDANTIL DOMINICANO

Perez — «O movimento estudantil dominicano está se iniciando atualmente, pois devido à forte ditadura militar que tivemos durante 32 anos não tínhamos liberdade de ação. Há um movimento dentro do movimento estudantil, uma luta ideológica que nos enriquece diante do inimigo, mas que espera ser superada logo quando todos se unirem na luta comum pela verdadeira

Conto de Página

Essa

Variedades

comentários

Cuba comemorou mais um aniversário de sua gloriosa revolução, pedindo, entre seus feitos, a publicação do livro de análise, Quando o Congresso do Poder Revolucionário, em 1 de janeiro de 1962, Fidel Castro considerou uma das tarefas mais urgentes a implementação do analfabetismo e foi nascido o movimento das alfabetizadoras composto de 104.500 jovens estudantes de ambos os sexos, ao qual logo aderiram operários e pessoas de várias profissões. 707.313 adultos aprenderam a ler e escrever em um ano. Cuba, que possuía 35% de analfabetos, tem hoje 3,9%, um dos menores índices entre os países de maior desenvolvimento educacional. São 3,9% representam pessoas que não podem ser alfabetizadas por defeitos físicos ou mentais, pela idade avançada e por não serem naturais de Cuba (ali residem 20.000 habitantes). Quando se lê tudo isso compreende-se o ódio dos Estados Unidos contra a gloriosa Cuba e sua revolução. Tem razão Fidel: "um povo instruído será sempre forte e livre".

O filme brasileiro Barroco ganhou uma medalha de mérito artístico no festival de cinematografia internacional de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia. O diretor do filme — Glauber Rocha — um jovem de muito talento estava presente para receber seu prêmio. Enquanto isso, nos Estados Unidos, é eleita Miss Universo uma moçambicana da Argentina, na mesma hora em que os guerrilheiros argentinos implantam ali uma ditadura militar. Será mera coincidência?

Um livro saiu e está fazendo muito sucesso: "Drum e glória dos bicampeões". Um livro delicioso, de qual quero aqui destacar estes trechos: "A Tchecoslováquia impingue ao jogo sua cadência de máquina e continua a entrar futebol realmente precioso de tática e objetividade. Merece pois, o gol que assusta o Brasil. Um gol sem arabescos pelo melhor jogador da equipe, o sóbrio Masopust, que divide a sua sensibilidade entre a alegria infantil de jogar futebol e o refinado passatempo de ler Shakespeare". E mais adiante: "É um jogo admirável esse Brasil x Tchecoslováquia... jogo sem comédias, sem tragédias nem farsas; jogo maduro, sem grosseria nem maldades. Dois dias antes, a chiefa brasileira andou preocupada com a indicação de juiz russo para um jogo em que seria personagem a equipe de um país satélite (sic) da União Soviética. Chegou mesmo, a manifestar a inquietação do Brasil, em conversa reservada com o presidente da FIFA, sir Stanley Ross, que respondeu: — Como esportista e como presidente da FIFA eu assumo a responsabilidade pela arbitragem do sr. Latichev. Ele é o mais perfeito juiz do mundo, atualmente". E ainda, mais adiante: "O russo Latichev é um dos segredos fundamentais do belo espetáculo de técnica e cavalheirismo que as equipes da Tchecoslováquia e do Brasil oferecem ao mundo dos homens e do futebol".

Excetuando o "país satélite" vale a pena saberemos do comportamento dos atletas dos países socialistas, pelo julgamento de jornalistas brasileiros que não são comunistas. Os reacionários facinorosos devem ficar loucos da raiva. Depois — imaginem — um jogador de futebol lá Shakespeare...

SÔBRE OS SINDICATOS

Segunda-feira, 30 de julho, na sede do Sindicato dos Hotelários, realizou-se concorrido coquetel de lançamento da edição brasileira do livro de Vladimir Ilitch Lênin "Sobre os Sindicatos". Dezenas de dirigentes sindicais prestigiaram o acontecimento, além dos escritores Ênio e Astorjildo Pereira e do jornalista Marco Antônio Coelho.

Rui Alves Guimarães, presidente do Sindicato dos Hotelários, proferiu breves palavras de abertura de solenidade, tendo o dirigente operário Roberto Moraes falado sobre o significado do lançamento, uma iniciativa da Editorial Vitória.

Grande número de trabalhadores compareceu ao ato e várias dezenas de exemplares da obra foram vendidos na ocasião.

Já está circulando o semanário

NOVEDADES DE MOSCU

Em espanhol, com 16 páginas profusamente ilustradas



Com suplementos gratuitos contendo os documentos mais importantes do governo soviético, discursos e manifestações de dirigentes da URSS, informações oficiais sobre a economia, a ciência e a cultura.

Este semanário é enviado diretamente de Moscou para o assinante por via aérea.

Se Você deseja conhecer NOVEDADES DE MOSCU, peça-nos um exemplar. Enviaremos, grátis, via aérea.

Faça a sua assinatura, enviando-nos Cr\$ 450,00 em cheque bancário ou vale postal.

Pedidos

No Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda.

Rua Juan Pablo Duarte 50 — sobrado
Caixa Postal 165 — Telefone 22-1613

Em São Paulo: Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua 15 de Novembro 228 — 2º and. — sala 209

Temas Típicos

Pedro Severina

De visita a um amigo, tive oportunidade de assistir a um programa de televisão, intitulado "Noite de Gala". O animador do programa era um rapaz simpático, de boa aparência, um pouco prejudicado pelo tamanho excessivamente reduzido da boca. Meu amigo disse-me que o rapaz se chamava Flávio Cavalcanti.

Não estou habituado a assistir a programas de televisão, por isso não conhecia o sujeito da boca pequena, que, no que parece, é muito conhecido nos meios aficcionados da TV. Segundo o amigo que me recebia, trata-se de pessoa pouco inteligente e desonesta. Vendo-o pela primeira vez, entretanto, não estou em condições de endossar tais conceitos.

No curso do programa, o tal Flávio Cavalcanti fez uma veemente e comovida advertência quanto ao perigo comunista. De acordo com informações seguras que disse possuir, afirmou que os comunistas estão treinando guerrilheiros em Caxias, para invadir a Guanabara.

Fiquei impressionado com a acusação. Meu amigo, contudo, afirmou-me que era mentira do moço, que ele estava inventando aquela história por motivos políticos, para ajudar o governador da Guanabara (que é pessoa da sua amizade) a distrair a atenção do povo guanabarinense do fracasso do seu governo, da corrupção, da desordem administrativa, da falta de condução e da sujeira da cidade.

Garantiu-me, ainda, o meu amigo, que o rapaz da televisão era "um salafário de marca maior" e que nem sequer era a estima pelo governador Lacerda que o levava a mentir. "Esse Flávio Cavalcanti — disse — é um cara tão ordinário que só não vende a própria mãe porque não encontra quem compre". Senti-me horrorizado.

— Você está assando acusações terríveis contra o rapaz, retruquei. E não tem provas!

Meu amigo insistiu, perguntando: "E quem é que está pagando o programa? Quem é que tem interesse em fomentar uma histeria anticomunista? Quem é que financia o MAC, a FJD, quem é que financia a provocação de Quitandinha?"

Olhei para o aparelho de televisão, onde estava estampada a fisionomia do pobre moço aleijado, da boca minúscula. Sua voz — que o aparelho transmitia — era um pouco falsa; mas os olhos, entre tímidos e resolutos, entre meigos e energéticos, transmitiam uma impressão de tamanha sinceridade, que não tive dúvida: meu amigo estava enganado. Conveni-me de que o sr. Flávio Cavalcanti não é um salafário, não seria capaz de vender a própria mãe se lhe fizessem uma boa oferta, não estava mentindo por dinheiro no programa "Noite de Gala".

Vou comprar um cadeado para a porta da minha casa, a fim de proteger a minha família quando os guerrilheiros comunistas de Caxias chegarem.



VITÓRIA
Camponeses de duas fazendas no município de Garças realizaram greves por aumento de salários e outras reivindicações. Em ambas as fazendas o movimento foi vi-

torioso. Na foto, aspecto da assembleia dos camponeses. Aproveava-se então o início da greve.

Camponeses de Garças Fazem Duas Greves: Vitória

Com uma greve que se estendeu de 16 a 19 de julho, os trabalhadores da fazenda Jacutinga, filiados à Delegacia da Associação dos Trabalhadores Rurais de Garças, instalada em Presidente Alves, alcançaram vitória total em suas reivindicações de salário-mínimo e outros direitos.

O movimento teve toda a simpatia dos diretores da Associação, Jovino de Souza e Felício F. Leite, além do prof. Alzira B. do Nascimento e de Alexandre Lins, diretor da Federação dos Trabalhadores Rurais de São Paulo.

Grande apoio popular sustentou o movimento. Durante os dias de sua duração, grupos de camponeses grevistas percorreram o comércio solicitando ajuda, o que foi conseguido, pois a todo instante chegavam mercadorias à sede da Delegacia. O prefeito de Presidente Alves, sr. Fábio Yuam, assim como os vereadores e os professores rurais deram integral apoio aos camponeses, que realizaram seu movimento pacificamente, sem causar nada que justificasse intervenção do Delegado Regional de Polícia de Bauri e do Delegado de Presidente Alves, que acompanharam de perto o movimento.

Em mesa redonda realizada entre o Delegado Regional do Trabalho de Bauri, sr. Carlos Gomes, o senhor Sebastião Simões de Carvalho, os trabalhadores Cleverton Bello Torres e Francisco Caetano, e o professor Alzira B. do Nascimento, foram atendidas as reivindicações dos camponeses, que abaixo enumeramos:

- 1) Aos empregados mensaisistas fica assegurado o salário de Cr\$ 7.000,00, sobre o qual não incidirá desconto de qualquer natureza. Para completar o salário mínimo previsto em lei, o empregador fornecerá aos empregados habitação, lenha, café, transporte e a conta de 25 watts de luz para cada habitação;
- 2) a assistência médica será fornecida pelo empregador, correndo por conta do empregado a despesa de transporte do médico quando a visita for domiciliar;
- 3) aos diaristas fica assegurada a diária de Cr\$ 200,00, ou seja, Cr\$ 7.200,00 mensais, gozando os mesmos direitos que os mensaisistas;
- 4) aos empregados menores fica assegurado o salário correspondente a 50% do salário mínimo vigente na região;
- 5) todos os descontos apenas incidirão sobre o salário do chefe da família, ficando aos demais membros da família assegurado o salário integral;
- 6) nos trabalhadores fica assegurado o salário semanal remunerado;
- 7) nos colonos e meeiros fica assegurado o salário diário de Cr\$ 240,00 quando chamados para serviços diários;
- 8) aos trabalhadores fica assegurado o gozo anual de férias, pagas de acordo com a lei e o salário mínimo vigente;
- 9) o empregador se obriga a proceder reformas nas casas que fornece aos trabalhadores;
- 10) os trabalhadores não serão demitidos por participação no movimento de paralisação, ficando, todavia, assegurado ao empregador o direito de demitir o empregado desde que pague os direitos garantidos em lei;
- 11) nos trabalhadores mensaisistas e diaristas fica assegurada a jornada diária de 8 horas de trabalho.

FAZENDA ALVORADA

Na fazenda Alvorada, no mesmo município, os trabalhadores realizaram no dia 15 de julho uma greve de 24 horas de protesto contra a exploração que vinham sofrendo na colhei-

Itahié: Leite de Vacas Tuberculosas e Exploração Desumana Dos Trabalhadores

Além das denúncias feitas pelo vereador Fernando Pereira Barreto, confirmadas pelo laudo estereoscópico do Instituto Adolfo Lutz, de que se trata de um verdadeiro veneno o leite tipo C vendido ao povo, soube-se, recentemente, que também o leite tipo A, da Granja Itahié, localizada no quilômetro 28, da Via Anhanguera, propriedade da «benemerita» viúva Pêrola Bygton, não passa de outro crime contra a população. De acordo com as denúncias levadas ao Sindicato dos Trabalhadores em Laticínios de São Paulo por uma comissão de trabalhadores daquela empresa, o leite tirado de vacas tuberculosas é misturado com o das sadias e vendido ao consumidor.

39% DE ALUGUEL: ROUBO

Disseram também, que, com referência ao desconto de habitação, o que ali se passa é uma verdadeira extorsão. Tanto assim, que de todos os que trabalham na Itahié, são descontados 39% como aluguel de casa, mesmo quando moram numa única «residência» várias pessoas que trabalham. E essa forma de desconto também é aplicada nas casas de sapê e nas de tábuas coherdas de zinco, onde chove mais dentro do que fora, como afirmaram diretores do Sindicato dos Laticínios, que estiveram na fazenda.

Tais casas, juntamente com outras, não têm sanitários, não têm luz e nem sequer água de poço. Só há água de ribeirão.

28 PROCESSOS ABERTOS

Entre os 70 empregados da Fazenda Itahié, 28 deles já estão com processos abertos pelo Sindicato na Justiça do Trabalho. Quanto aos demais, a entidade já está tomando as medidas que o caso exige, pois as irregularidades são totais.

GERENTE DESUMANO

O gerente Ansano Baccelli, não tem o menor escrúpulo

Disseram ainda que, por ordem do médico veterinário, na Fazenda Itahié estão isoladas 16 vacas tuberculosas. Mas também elas são ordenhadas. Isso, enquanto não encontram compradores (que por certo vai vender a carne ao povo) ou enquanto conseguem manterem-se de pé. A diferença, é que as vacas doentes são ordenhadas com as mãos e as demais, com máquinas, a fim de que o médico veterinário, ao examinar as máquinas, não descubra tão hediondo crime.

CARNE DE VACAS TUBERCULOSAS

Segundo um acordo que a Granja Itahié firmou com os sindicatos da categoria profissional, a firma tem a obrigação de vender carne aos seus empregados a razão de 80 cruzeiros o quilo e o litro de leite tipo A, a 7 cruzeiros. Desrespeitando esse compromisso, somente fornecem leite tipo C, comprado na Cooperativa Central de Laticínios, no preço comum. Quanto à carne comum, o produto só aparece quando algum animal sofre acidente ou quando alguma vaca tuberculosa está para morrer, como aconteceu no dia 26 de junho último.



Mural da greve em Fortaleza

Por iniciativa do Comando Central de Greve dos Universitários Cearenses, funciona há várias semanas, no Abrigo Central da Praça do Ferreira, em Fortaleza, um grande MURAL (noticioso e educativo) que atrai, diariamente, a atenção de milhares de pessoas. Operários, intelectuais, funcionários públicos e populares postam-se diante do jornal do universitário, manifestando a sua solidariedade à maior greve política da história do movimento estudantil. Há, nesse mural, participação na lista dos 13, nos Conselhos das Universidades e que agora marcha seguramente para alcançar uma vitória total.

Govêrno Carvalho Pinto Despeja Possesores da Fazenda do Estado

Liderados pela Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de São Paulo, tendo a frente seu presidente, sr. José Pedro de Sousa, e acompanhado do vereador William Cury, da Câmara Municipal de Município de São Paulo no dia 18, 13 camponeses, possesores e arrendatários, ameaçados de despejo na fazenda São Paulo Grande ou antiga Matão, com uma área de 500 hectares, de propriedade do govêrno do Estado de São Paulo, situada em Cambaia no Estado do Paraná. Nessa fazenda encontram-se as Usinas Elétricas do Parapanapema S/A (USLPA).

Trabalham nessas terras umas 130 famílias de possesores e arrendatários, sujeitas a condições de verdadeira escravidão conforme contrato oficial das Usinas Elétricas do Parapanapema. Pagam 20% de tudo que colhem sem receber auxílio de espécie alguma nem do govêrno nem da companhia. Além disso trabalham sob a vigilância de fiscais.

Outros são possesores, muitos deles morando nessas terras há mais de 15 anos. Em 1938, requereram o direito de posse. Dessa ocasião para cá as perseguições aumentaram. Vários ranchos de moradia desses possesores já foram queimados pelos jagunços que o govêrno mantém nessa fazenda. O possessor Manoel Sabino de Sousa foi preso o ano pas-

sado por ter reclamado contra as campanhas que lhe queimaram a casa. Todas essas famílias receberam nestes dias a ordem de despejo expedida pelo juiz de Cambaia, dr. Pinho Caçuba.

Nestor Vera, secretário da ULTAB e da FATAESP, acompanhou os camponeses até o Palácio, onde foi entregue ao govêrno um memorial exigindo imediatas providências contra as perseguições que vêm sofrendo por parte do govêrno e, ao mesmo tempo, solicitando a imediata suspensão dos despejos e que lhes sejam entregues os títulos legais de posse. Ao mesmo tempo o memorial pedia a anulação desse contrato escorçante e que as terras que estão ocupadas pelos arrendatários sejam entregues a eles como proprietários.

O que se passa na fazenda de São Paulo é uma das provas mais evidentes da falsa e mentirosa reforma agrária do govêrno Carvalho Pinto e de seu candidato José Bonifácio. Nas próprias terras do Estado os camponeses estão submetidos a contratos de arrendamento os mais absurdos e os possesores são presos, tendo seus ranchos queimados e despejados. O govêrno assim está procedendo porque tentona expulsar os camponeses das terras e vendê-las a 200 e 300 mil cruzeiros o alqueire, de acordo com o plano de «Revi-

lva Agrária», quantia que os possesores não poderão pagar, o que justificará a expulsão dos mesmos dessas terras, para depois negociá-las com outros.

O govêrno, depois de receber a comissão que la-

fora recamar contra as ações que o próprio govêrno está praticando contra os camponeses, foi para a varanda de televisão dizer e estava realizando um trabalho autêntica reforma agrária com o seu plano de «Revisão Agrária».

FARSA NA CAMPANHA DE BONIFÁCIO. ROMPIMENTO COM UDN É DEMAGOGIA

Uma nova farsa política foi encenada, na semana que passou, pelas cúpulas partidárias reacionárias de São Paulo numa tentativa de dar novo alicerce à pretensa «frente popular» dos sr. José Bonifácio e Carvalho Pinto. Serviu-se de manobras e matérias tegumentadas, pagas, distribuídas aos jornais de capital, o candidato situacionista anunciou seu «rompimento» com a UDN, partido a que pertence e um dos componentes da dita «frente popular», a pretensão de que o lançamento da agenda eleitoral, da cabineira ao Senado do presidente da Assembleia paulista, Abreu Sodre, teria alterado o esquema de sua campanha à governança do Estado.

Embora seja verdade que o lançamento pela UDN de uma candidatura própria ao Senado constitui um obstá-

culo às negociações de José Bonifácio com o PTB (em troca do apoio peletista, a «frente» reservaria a um trabalhista a segunda vaga ao Senado), o certo é que os conselheiros do sr. José Bonifácio, diante da flagrante impopularidade de seu nome junto às massas populares, convenceram-no de que seria oportuno recorrer ao golpe publicitário do rompimento com a UDN, partido em que o povo reconhece e identifica o que de mais reacionário existe no país. O «rompimento» com a UDN tem, assim, o mesmo sentido de hipocrisia e demagogia das declarações de José Bonifácio, representante e membro das forças do latifúndio e do poder financeiro, contra o «poder econômico», declarações que são igualmente publicadas e republicadas, à pena de ouro, pelos jornais paulistas.

Renunciou o Presidente do Sindicato: Jornalistas Apóiam Unidade Sindical

Os jornalistas profissionais de São Paulo enfrentaram com raro espírito de luta o problema das demissões, que se vem amulando do nos jornais, em decorrência do acordo salarial do ano passado e da proximidade de sua renovação. Batidos em toda linha pela pressão da greve memorável de setembro do ano passado, que paralisou todos os jornais, agências noticiosas e rádioemissoras e os forçou a atualizar os salários de fome vigentes nas empresas e pagar o salário mínimo profissional de Cr\$ 22.000,00, põem em prática os patrões, este ano, uma campanha a longo prazo de intimidação e do que chamam de racionalização do trabalho, que nada mais é do que a dispensa em massa visando a amedrontar, dividir e aprofundar a exploração dos jornalistas com o objetivo de salvar seus superlucros e torpedear as reivindicações salariais da categoria.

A reação dos jornalistas, que decretando assembleia permanente e decidindo se unir às outras categorias sindicais para reforçar seu movimento provocaram a imediata mobilização de toda a classe, levou à realização de duas grandes assembleias na sede do Sindicato dos Bancários e ao ascenso da luta, de tal forma que o presidente da entidade, Evaldo Dantas Ferreira, e o vice-presidente, Cesar Costa, tiveram que renunciar aos cargos após oferecer resistência violenta à disposição de luta de plenária.

rio e declarar publicamente que não cumpriram as resoluções aprovadas pela assembleia por grande maioria de votos.

DEFESA DOS DEMITIDOS

O sinal de alerta foi dado quando as «Fólias» começaram a demitir em massa os jornalistas, anunciando um novo plano de eliminação dos setores, retirando os repórteres credenciados nos Campos Eliseos, Prefeitura, setores policiais, etc., para substituí-los por simples informantes (um único elemento que percorre diariamente vários setores para colher informações), ou um contratado não registrado, ganhando, não o salário profissional, mas uma verba ínfima para dar tais informações por telefone. Dessa forma, reduzia seus quadros, torpedeava o salário profissional e amealhava a profissão, preparando terreno para burlar os próximos acordos. Ao mesmo tempo, procurava dividir a categoria, oferecendo salário pouco maior que o vigente para que os que continuavam trabalhando se sobrecarrega-

sem exercendo a função sua e dos que eram postos na rua. Ante a iminência de outros jornais virem a adotar a mesma atitude, mobilizou-se a classe na convocação de uma assembleia-geral em defesa dos demitidos, que acabou se realizando dia 20 último, na sede do Sindicato dos Bancários. Foi a reunião mais numerosa já realizada pelo Sindicato dos Jornalistas em toda a sua história, com a presença de cerca de 250 associados. Numa reunião agitada, que se prolongou das 21 horas daquele dia, até às 7,30 horas da manhã seguinte, decidiram os jornalistas não só tomar resoluções vigorosas em defesa dos demitidos, como ainda aderir ao Pacto de Unidade Inter-sindical com o objetivo de engrossar sua luta e arremeter tremendo poder dos patrões, donos de jornais. Contra a vontade da assembleia se colocaram o presidente e o vice-presidente da entidade, Evaldo Dantas Ferreira e Cesar Costa, respectivamente, o primeiro pertencente às próprias «Fó-

lias» e já sem condições para conduzir um movimento corajoso em defesa de seus colegas. A firmeza da assembleia, que acabou aprovando a proposta por 56 votos contra 32, levou-os à renúncia e à redistribuição dos cargos de diretoria, com a ascensão à presidência do 1.º secretário, jornalista Carlos Correia de Oliveira. Na segunda reunião, sessão da Assembleia Permanente, o novo presidente afirmou que cumpriria as resoluções da Assembleia e dispôs-se a pôr todo seu empenho na luta em defesa dos demitidos.

Formada a nova diretoria, prepararam-se agora os jornalistas para enfrentar o problema; arremeter forças e consolidar o movimento de unidade que se torna indispensável para a luta de renovação do acordo salarial que se avizinha, aproximando-se dos gráficos e dos radialistas para uma ação comum em defesa dos demitidos, pela preservação das conquistas da classe e consolidação de suas reivindicações econômicas face à crescente carestia de vida.



Lavradores de Lupércio (SP): salários e férias

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Garça, fundada no dia 8 de julho, no Distrito de Sta. Terezinha, município de Lupércio, comarca de Garça, sua 5ª Delegacia, marca de trabalhador rurais compareceu ao ato de fundação. Estiveram presentes, além do vice-presidente da Associação, Frederico F. Leite, o professor Alzira B. Nascimento, e os advogados Caio Celso e Brasil Nogueira.

Sob aclamação foi eleito delegado da Associação o trabalhador José Firmino, e subdelegados Custódio Ruela, João Ruc-

in, João Redondo, Alfredo Redondo, Luzia Bianco e João L. Souza.

Setenta famílias da fazenda Sta. Esmeralda, distrito de Sta. Terezinha, lideradas pela Delegacia recém-criada, reivindicam diferença salarial e férias que não têm sido regularmente pagas pelo fazendeiro. Os advogados da Associação já entraram em juízo com a ação trabalhista reivindicando aqueles direitos.

Na foto, o professor Alzira B. do Nascimento quando falava aos trabalhadores.

ROCHA MENDES NÃO É CANDIDATO DOS COMUNISTAS

Comunicam-nos de São Paulo que o deputado José da Rocha Mendes Filho não é candidato dos comunistas à reeleição e nem está recebendo o apoio dos comunistas. Não possui, por isso, nenhuma autorização para apresentar-se em nome dos comunistas. Sua candidatura é divisionista e prejudicial à eleição de uma forte bancada realmente representativa dos trabalhadores, pois vem contribuindo para confundir o eleitorado e dispersar forças.

JOSÉ PINTO

Dolorosa perda sofreu o movimento comunista de São Paulo, com o falecimento, dia 23 de julho, de um dos diretores do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o companheiro José Pinto. A família, as condolências de NOVOS RUMOS.

Todo o País Homenageou Cuba no Dia 26 de Julho

Novamente no dia 26 de julho, data do assalto ao quartel de Moncada e marco mais significativo da luta revolucionária contra a ditadura de Batista e pela instauração do socialismo em Cuba, o povo brasileiro, nos mais diversos pontos do país, prestou sentidas homenagens à Revolução Cubana. Na Guanabara, inúmeras manifestações de regosio pela data tiveram lugar cumprindo destacar um grande ato público realizado na sede do Sindicato dos Textéis, solenidade a que estiveram presentes, além de grande número de dirigentes sindicais de todas as categorias de trabalhadores, o ex-senador Luiz Carlos Prestes e o jornalista Marco Antônio Coelho. Em Niterói foi realizada concorrida sessão solene no salão de reuniões plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Rio.

EMBAIXADA CUBANA: RECEPÇÃO

Em honra à data, a representação de Cuba ofereceu uma recepção ao povo carioca nos salões do Clube Monte Líbano. Centenas de pessoas compareceram, entre as quais membros do corpo diplomático, autoridades, personalidades destacadas dos círculos políticos, jornalísticos e culturais, líderes sindicais e estudantis. A reunião se constituiu em uma expressiva demonstração de apoio do povo à causa de Cuba, que é a causa de todos os povos da América Latina.

Dirigindo-se aos presentes, o embaixador Joaquim Hernández Armas exaltou o significado do 26 de Julho, referiu-se às conquistas revolucionárias de seu país e salientou a grande importância da solidariedade que o povo brasileiro vem prestando ao povo irmão de Cuba.

EM SÃO PAULO

"Cuba é hoje a vanguarda da América Latina no caminho do progresso e seu povo vencerá com o apoio e a solidariedade de todos nós", afirmou o escritor Caio Prado Júnior em conferência que pronunciou durante o ato público em defesa da autodeterminação do povo cubano, organizado por entidades sindicais, agremiações políticas e intelectuais paulistas, por motivo da passagem de mais um aniversário do histórico assalto ao quartel de Moncada.

Caio Prado Júnior, após discorrer sobre a reforma agrária, sobre a reforma urbana, e outras medidas vitoriosas empreendidas pelo governo revolucionário, concluiu ressaltando a confiança que o povo da heróica ilha deposita em seus dirigentes e afirmando que a solidariedade dos brasileiros à revolução da "Pérola das Antilhas" irá até o fim.

Centenas de pessoas estiveram presentes à manifestação.

NO RIO DE JANEIRO

Em Pernambuco as comemorações da passagem do 26 de Julho estenderam-se por toda uma semana, a "Semana de Amizade a Cuba". No dia 21, no Zumbi (sítio do Cardoso), o jornalista Gerson Maciel Neto proferiu uma palestra sobre as conquistas que a revolução obteve para o povo cubano. No dia 22, houve conferência do advogado José Guimarães Sobrinho, em Afogados, dia 23, em Casa Amarela, o deputado Sérgio Murilo falou sobre Cuba para um auditório repleto de populares.

As manifestações culminaram com o grande ato público do dia 26 no Teatro Santa Isabel, completamente lotado. Foi conferenciada a solenidade o deputado federal Andrade Lima Filho, e presidiu a mesa dirigentes dos trabalhos o professor Arnaldo Marques.

MANIFESTO

Personalidades políticas, intelectuais, dirigentes sindicais, comerciantes, artistas e universitários pernambucanos tornaram público, no dia 26 de Julho, o seguinte manifesto.

SOLIDARIEDADE AO POVO CUBANO

Empenhados em refletir o pensamento que melhor caracteriza a evolução da consciência do povo brasileiro, neste atual estágio do nosso desenvolvimento em que os princípios de solidariedade entre os homens e o respeito pela autodeterminação

dos povos comandam, de forma irrevogável, o nosso comportamento internacional, políticos, intelectuais, líderes sindicais, camponeses e estudantes vimos, unidos por este laço comum que é o atendimento aos apelos de justiça e o intransigente amor pela liberdade, cumprimentar o povo cubano pela data de 26 de Julho, na medida em que ela representa a derrota, justamente festejada, de uma das mais sanguinárias e ignominiosas formas de opressão existente nas Américas.

Aproveitando a oportunidade, reafirmamos o nosso inabalável propósito de defender, intransigentemente, o direito de autodeterminação do povo cubano e os princípios de não-ingerência nos assuntos internos de outras nações.

E o fazemos, na firme convicção de que, assim procedendo estamos, em última análise, defendendo nossa própria soberania e o direito de dirigir nossos destinos de nação livre e independente.

Recife, 26 de julho de 1962.

VICE-GOVERNADOR: Pelepidas Silveira; **VICE-PREFEITO:** Artur Lima Cavalcanti; **DEPUTADOS ESTADUAIS:** Francisco Julião, Luiz Portela de Carvalho, Sérgio Murilo, Carlos Luiz de Andrade, Luis Wilson, Cunha Primo, Eudes Costa, Paulo Viana de Queiroz, José Cardoso, Emlidio Cavalcanti; **DEPUTADOS FEDERAIS:** Andrade Lima Filho, José de Castro; **VELEADORES:** Sérgio Xavier, Miguel Batista, Carlos Duarte, José Alberto Lisboa, Evandro Guimarães; **MAGISTRADOS:** Estácio Chaves Filho, Edgard Homem de Mello, José Pessoa de Oliveira Cavalcanti; **ADVOGADOS:** Nezir Corrêa Lima, Manuel Luiz de França Filho, Clóvis Melo, Newton Vieira de Vasconcelos, Liberato Xavier da Cunha Filho, Fernando José de Barros Correia, Oildo de Sa Leitão Rios, Gibrardo Coelho, Claudio de Holanda Cavalcanti, Sebastião Alves de Abreu, Fernando Cruz, Marcelo Cordeiro, Jonas Ferreira Lima, Badoglio Rodrigues, Jorge Carneiro da Cunha, Albino Dantas, José Guimarães Sobrinho, Galileu Falconi, Djaili Magalhães, Francisco Morais de Souto; **PRESIDENTE DO PSB:** Newton Cardoso; **MORALIS, PRESIDENTE DO PSB:** Barros Barreto; **ESCRITORES:** Paulo Cavalcanti, Jefferson Ferreira Lima, Aguilão Silva, Vicente do Rêgo Monteiro; **ESCUULTOR:** Abelardo da Hora; **ESCRITOR:** Mauro Almeida; **COMERCIANTE:** Alfredo Ferreira Filho, Aloisio Costa Rég, Rômulo Azevedo; **MÉDICOS:** Jamerston Ferreira Lima, José Bancowski, Paulo Meireles, Itamar Panceracio Fontes, Romildo Lins, Manuel Gilberto Cavalcanti, Hermes Guedes, Oscar Cabral de Vasconcelos; **ENGENHEIROS:** Antônio Lucena, Gildo Guerra, Severino Nunes Lins, Expedito Fontes, Ivanhoê Baracho; **RODRIGUES CALHEIROS, VALÉRIO RODRIGUES DE CASTRO; PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS:** Gerson Maciel Neto, Lindalvo Farias, Gernandino Coelho, Arnaldo Marques, José Otávio de Freitas Júnior, Pinto Ferreira, Emanoel Moury Fernandes; **LÍDERES SINDICAIS:** João Barbosa de Vasconcelos (comerciantes), Cláudio Braga (COMÉRCIO), Cleo-ron Targino Dantas (Portuários), Severino Araújo (Construção Civil), Antônio Fausto do Nascimento (Bancários), Nelson Marques da Silva (Têxteis), Gilberto Azevedo (Federação dos Bancários), Sebastião da Costa Campos (Sind. dos Trab. na Ind. de Fibras e Vegetais de Garanhuns), Valdemar Dantas (Pres. do Sind. dos Sapateiros de Garanhuns), José Simão da Silva (Pres. do Sind. da Const. Civil de Garanhuns), Antônio de Souza Galvão (Pres. do Sind. dos Bancários de Garanhuns), Manuel Vicente (Hoteleiros), Aluisio Falcao (Pres. do Sind. dos Jornalistas de Pernambuco), Joel Vasconcelos de Barros (Sind. dos Calçados), Gumercindo Cabral de Vasconcelos (Pres. da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais); **PRESIDENTE DA UNIAO DOS ESTUDANTES DE PERNAMBUCO:** Fernando Teixeira; **ECONOMISTAS:** Plínio Soares, Humberto Macedo de França, Janiro Pontes Costa, Djailma Freira Borges; **JORNALISTAS:** Nicolau Abrantes, Romildo Maia Leite, Hiran Pereira, Celso Marcondes, Rildo Mouta, Jarbas de Holanda Pereira, David Capistrano, Ubiratara Cruz; **PROCURADOR MUNICIPAL:** dr. Hulmo Passos; **FARMACÊUTICA:** Gisela Fonseca; **UNIVERSITÁRIAS:** Líana Aureliano, Nasaré Guimarães, Mairli Silveira.



260,00 O QUILO

A galinha, ave doméstica, fácil de se encontrar, conhecida por todo mundo,

tornou-se objeto de luxo, inacessível à bôlsa da maioria esmagadora da po-

pulação. Alimento de primeira ordem, especialmente recomendado pelos mé-

dicos aos enfermos, vive fora das cogitações do cardápio das famílias brasi-

leiras. E não das de poucas posses apenas.

CRISE DO ARROZ E FEIJÃO CONTINUA

Seis Meses de Sonegação e Exploração: Custo de Vida Subiu 17% Até Junho

Menos de um mês é passado dos acontecimentos de Sãxias, São João do Meriti, Nilópolis e outros centros, quando o povo, encolerizado por não ter o que comer, fosse pelos preços proibitivos, fosse pela ação criminosa dos sonegadores escondendo os produtos, resolveu não mais esperar as "soluções salvadoras" sempre anunciadas e atacou os estabelecimentos que vendem gêneros alimentícios, carregando para casa o que pôde.

Com a atitude desesperada dos populares, chegou a haver uma certa retração dos especuladores e alguns produtos, ainda que em pequenas quantidades, começaram a aparecer. A tréguas, porém, durou pouco. Como as ameaças de punições aos sonegadores e especuladores ficassem em palavras, estes, em poucos dias, voltaram a agir intensamente. Continuaram os aumentos e desaparecimentos de alguns produtos, enquanto outros já não anunciados.

FEIJÃO
O feijão ainda está ausente. Isto é, ausente aos preços de tabela. Porque nas feiras, em acintosa provocação aos controladores e ao povo, pode-se encontrá-lo a 195 200 cruzeiros o quilo.

Em São Paulo, por exemplo, onde o poder aquisitivo da população é superior ao da Guanabara, a crise se faz sentir com menor intensidade, sendo o produto pôdo, a venda e comprado à razão de Cr\$ 200,00.

A especulação com o feijão, como com outros produtos, se faz assim, aproveitando diferenças regionais. Outro exemplo: na Guanabara a COFAP tabelou o preço da saca em Cr\$ 3.400,00; já a COAP para-nense estabeleceu para a saca o preço de Cr\$ 2.780,00 — resultado: os "tubarões" que retêm o produto preferem, obviamente, vendê-lo onde o preço é mais elevado, deixando em falta o centro consumidor que paga menos.

Com as geadas caídas no Sul nos últimos dias, já começaram os rumores de uma "escassez" se acentuará, o que, em milhões, significa que os preços terão de ser majorados.

Acontece, todavia, que o feijão está no mesmo caso do arroz, os especuladores do produto armazenado. Será que também esse foi atingido pelas geadas? A situação ainda aí é a mesma: confisco.

LEITE

O problema do leite é escandaloso. Mormente levando em consideração tratar-se de alimento básico para a infância, o que empresta cores mais dramáticas ao crime de sonegação e do aumento.

Em várias reportagens anteriores, aliás, NOVOS RUMOS já chamou a atenção para a absoluta inexistência de razões para os aumentos que o preço do leite vem sofrendo no Brasil, onde sua obtenção se faz por processos os mais elementares e baratos.

O que se vê no caso do leite é a ganância levada ao absurdo. Em menos de três meses o litro aumentou em mais de 100%, sendo agora vendido a um preço que é o dobro do de maio. Tabelado até 4 de maio em Cr\$ 25,30 pela COFAP, nessa data foi liberado, e dois dias depois era vendido a 40,48 cruzeiros. Foi aumentando, passou a barreira dos Cr\$ 50,00, e há pouco mais de uma semana chegou a Cr\$ 55,00.

E continua a ameaça de novo aumento.

CARNE

O aumento da carne é a mais nova ameaça, que se fundamenta no argumento da aproximação da entressafra, à falta de outra explicação.

Mas a verdade está contida no relatório do Grupo de Trabalho designado pela COFAP para estudar o tabelamento do produto, que, através da palavra do próprio presidente do Grupo, chegou à conclusão de que os aumentos se verificam porque "é desenfreada a ganância dos frigoríficos", o que, desde logo, justifica a intervenção de uma nacionalização dessas empresas de propriedade, em sua maioria, norte-americanas.

CUSTO DE VIDA

O boletim "Notas Econômicas", publicação mensal da Assessoria Técnica Parlamentar, em seu número de junho, publica a seguinte informação:

"O custo de vida caracterizou-se em junho, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, por um acentuado aumento. De acordo com os índices da Fundação Getúlio Vargas, a vida tornou-se mais cara, em junho, no Estado da Guanabara, em 3,8%, contribuindo principalmente para esta elevação os agregados Farmácia e Higiene, Serviços Pessoais e Alimentação. No semestre, segundo a mesma fonte, o aumento do custo de vida foi de 17,8% (con-

tra 12,4% no primeiro semestre de 1961), respondendo por isso em primeiro lugar o agregado Alimentação, com um aumento de 21,7% nos seis meses.

"A disparidade de critérios de cálculos das variações do custo de vida continua a se manifestar como um elemento perturbador na análise da conjuntura, do que se prova a estimativa de fontes oficiais de uma desvalorização do cruzeiro entre janeiro e maio, de 34%, quase o dobro, portanto, da percentagem encontrada pela Fundação Getúlio Vargas.

"Em relação com o sensível agravamento da carestia, as populações do Rio de Janeiro e de outras cidades da região viram-se submetidas a aguda escassez de alguns gêneros alimentícios essenciais — feijão, arroz e açúcar — desde o fim da primeira quinzena de junho. Relativamente ao feijão, houve realmente diminuição nas colheitas em alguns Estados, sobretudo o Paraná e a Bahia, que parece não ter sido compensado com o aumento registrado principalmente no Rio Grande do Sul e alguns Estados do Nordeste. Já com respeito ao açúcar e ao arroz, notadamente o primeiro, cuja produção na safra 1961-1962 marcou um recorde, não se pode falar em escassez. As causas devem, antes, ser buscadas em desajustamentos de preços entre regiões, terreno sobre o qual floresceu ampla especulação. A

MORADORES DO PARQUE GARDÊNIA AZUL VÍTIMAS DA ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Mais de 600 famílias, totalizando cerca de três mil pessoas, residentes no Parque Gardênia Azul, em Jacarepaguá, estão na situação de vítimas da especulação imobiliária. Organizadas agora, na Associação Pró-Melhoramentos do Bairro Gardênia Azul, iniciam a luta contra os danos, que lhes vêm causando comerciantes e corretores de imóveis.

CONTO

Afirmando aos interessados que a área do atual Parque Gardênia Azul constava do "plano de loteamento em processo na prefeitura do Distrito Federal, de acordo com planta aprovada sob o número 18.328, em 24 de julho de 1955", a firma José Padilha Nunes Colmbra vendeu all dezenas de lotes de terreno para a construção de residência. As operações de vendas e contratos foram feitas por intermédio do corretor Denize Michel Emanuel, estabelecido em escritório na Praça Mauá, 7, quinto andar.

Acontece entretanto que toda a imensa área não consta de plano algum de urbanização do Estado; ao contrário do que asseguravam os vendedores dos imóveis. Assim, as famílias que compraram os terrenos, ou não construíram suas casas ou as construíram e estão morando numa zona sem iluminação, sem rede de esgotos e sem água, uma vez que tais melhoramentos, indispensáveis ao preenchimento de condições mínimas de habitabilidade, não tiveram sua instalação providenciada pelo

governo do Estado. Os compradores dos terrenos não escondem sua revolta contra o engodo de que foram vítimas. Muitos deles chegaram mesmo a suspender o pagamento das prestações dos lotes.

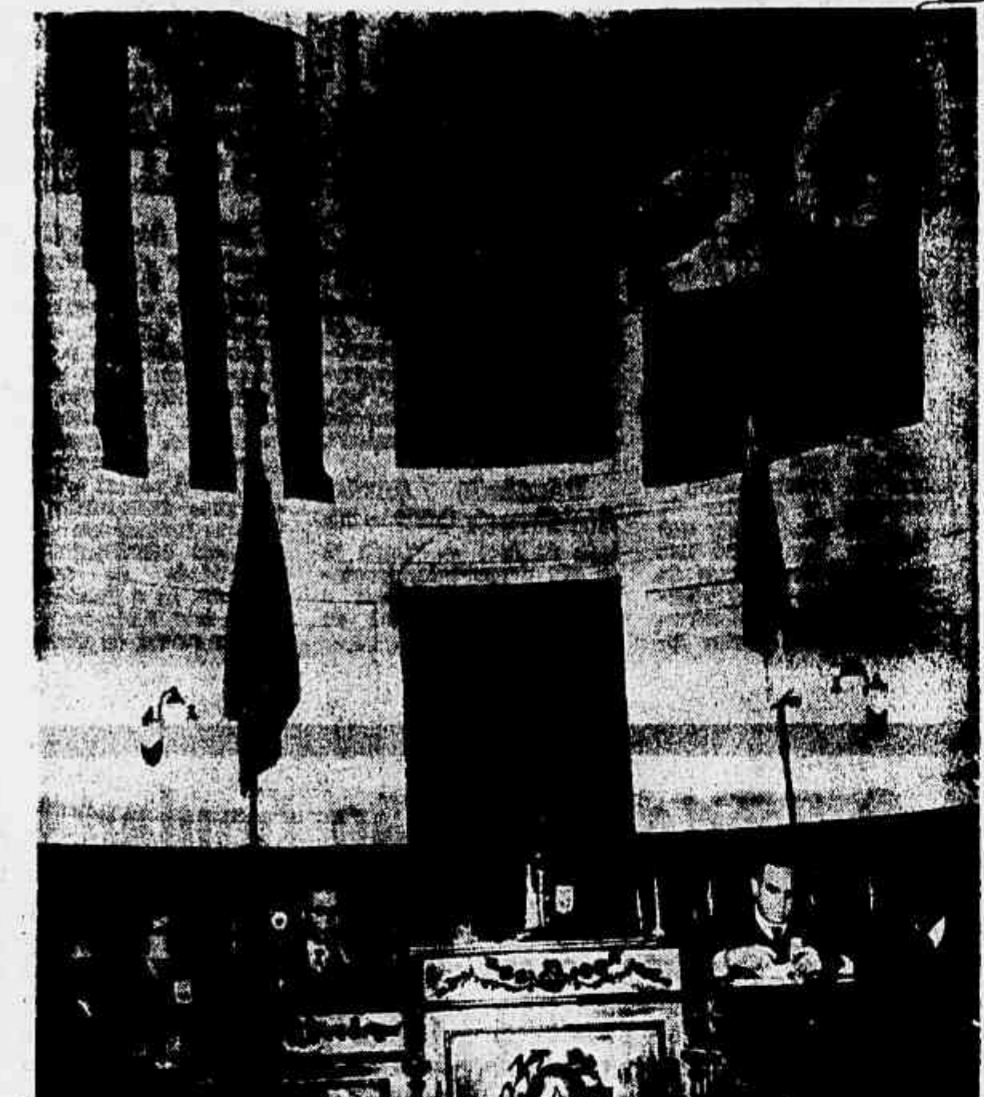
NA ASSEMBLEIA

No dia 1º de julho passado estiveram no Parque Gardênia Azul o jornalista Marco Antônio Coelho e o deputado Hércules Corrêa, debatendo com os moradores locais, em assembleia popular para a qual foram convidados, problemas referentes à carestia e à necessidade das reformas de base. Na ocasião ficaram a par da "desenvoltura" com que agiram os especuladores de imóveis contra os moradores da região; e promoveram incorporar-se à sua luta. Já no dia 17 de julho o deputado Hércules Corrêa, na Assembleia Legislativa, solicitou do poder executivo do Estado, através de requerimento competente, as seguintes informações sobre o Parque Gardênia Azul:

1 — A quem pertencem os lotes agrícolas de números 1 a 11 e de 32 a 49, situados em Jacarepaguá?

2 — A antiga prefeitura do Distrito Federal, hoje governo do Estado da Guanabara, ao aprovar a planta dos citados lotes (processo número 18.328 de 24 de julho de 1955) que permitiu a venda de terrenos aos moradores?

3 — Quais as providências tomadas de que dispõe o poder executivo para legalizar a situação dos que residem na área dos citados lotes?



A CRUZ ENTRE AS BANDEIRAS

Na Assembleia Legislativa fluminense, com as bandeiras revolucionárias de Cuba socialista ladeando a imagem de Cristo crucificado, o novo fluminense comemorou o 26 de Julho com uma solenidade promovida por personalidades e associação de

amizade com o povo cubano. O deputado Adão Pereira Nunes, que presidiu a solenidade, também pronunciou uma conferência sobre as conquistas revolucionárias do povo cubano. (foto).

REGISTRO PARA O PCB

Encontra-se às vésperas de ser decidido pelo Tribunal Superior Eleitoral o pedido de registro do Partido Comunista Brasileiro. O reconhecimento do direito que cabe aos comunistas de organizar-se em partido legal e, assim, participar com a sua própria legenda dos pleitos eleitorais é não somente proclamado pela Constituição Federal, ao vedar qualquer discriminação en-

tre os cidadãos por motivo de suas crenças ou convicções, mas também uma exigência democrática de toda a Nação. Nos últimos anos, organizações e personalidades de todas as naturezas, origens e tendências vêm reconhecendo e proclamando esse direito. Nesta página, NOVOS RUMOS reproduz uma série de pronunciamentos feitos, nesse sentido.

PERSONALIDADES E PARLAMENTARES

Deputado Nelson Carneiro (PSD — Bahia) — “Como corrente de opinião, o Partido Comunista deve existir legalmente. Não vejo como pretender salvar-se a democracia mantendo-a na ilegalidade. Até sob o aspecto da política anticomunista do governo, acho uma estupidez a ilegalidade do PCB”.

Deputado Aliomar Baleeiro (UDN — Guanabara) — “Em 1947 e 1948, votei contra a cassação dos mandatos dos representantes do PCB nas casas legislativas, porque, à luz do artigo 141, parágrafo 13, da Constituição, não me pareceu lícito atirar esse grupo político à ilegalidade. Se os comunistas cometem fatos que a lei classifica como crimes, devem ser julgados e processados por essas ações. Mas, se defendem suas idéias pelos meios constitucionais, não vejo como perseguir-lhes e proibi-los. Há Partido Comunista e deputados comunistas em várias democracias. Não proíbe uns e outros a Inglaterra. Por que havemos de ser mais realistas que o rei?”

Deputado Lutero Vargas (PTB — Guanabara) — “O PCB, como parcela considerável do pensamento nacional, tem o direito de funcionar livremente e, assim, de participar das eleições”.

Almirante Augusto do Amaral Peixoto (Presidente do PSD) — “A democracia é o regime da liberdade de pensamento não podendo nem devendo, pois, impedir o livre curso das idéias. Como todo regime, porém, ela deve procurar os meios para a sua própria defesa. Daí aceitar a volta do Partido Comunista à legalidade, condicionada às suas atividades no terreno doutrinário e político e, aplicando-se-lhe sanções se apelar para os recursos ilegais”.

Professor João Mangabeira (Presidente do PSB) — “Dizer-se que a existência legal do Partido Comunista atenta contra a democracia é zombar que é bom senso. Basta dizer que ele existe legalmente nas democracias mais livres da terra e só não tem existência legal nos países dominados pelas mais objetivas di-

tafuras. A democracia verdadeira não pode impedir a manifestação livre de todas as opiniões nem a sua organização em partidos políticos, que deverão ser mantidos enquanto se mantiverem dentro da ordem legal”.

Ex-Gov. Ademar de Barros (Presidente do PSP) — “Sou daqueles que vivem em função de uma franqueza objetiva, rude para uns, mas que é a única linguagem que sei falar e que o povo realmente entende. Quanto ao Partido Comunista, sou favorável, desde que a justiça eleitoral, da análise de seu programa, unira pela sua legalidade. Somente a lei me sei curvar e, logicamente, meu pronunciamento deve a ela estar sujeito”.

Deputado Emílio Carlos (Presidente do PTN) — “Considero que numa verdadeira democracia todos os partidos políticos devem ter assegurado o direito de livre funcionamento. Fazer qualquer restrição, nesse sentido, ao Partido Comunista é contrariar o princípio democrático”.

Ex-Gov. Celso Peçanha (PSD — Estado do Rio) — “Sou favorável à existência legal de todos os partidos. A exclusão de qualquer um deles da vida nacional não se ajusta à prática democrática. Como quaisquer cidadãos, no pleno gozo dos direitos constitucionais, os comunistas podem e devem comparecer às urnas para votar nos candidatos de sua preferência, assim como para disputar os cargos eletivos com legenda própria”.

Professor Francisco Mangabeira (PSB — atual Presidente da Petrobras) — “Se o Partido Comunista é pela forma federativa e republicana de governo e se reconhece os direitos fundamentais do homem consubstanciados no estatuto fundamental do País e a pluralidade partidária como condição inerente ao regime democrático, nada há que possa impedir o seu livre funcionamento”.

Deputado Aarão Steinbruck (MTR — Estado do Rio) — “Onde já se viu democracia, verdadeira democracia, sem o funcionamento legal do Partido Comunista?”.

Deputado Temperani Pereira (PTB — Rio Grande do Sul) — “Ou a democracia se afirma na livre demonstração de vontade, ou não é democracia. Veja-se o exemplo internacional, de todos os países, inclusive os Estados Unidos, em que se reconhece, como não poderia deixar de ser, o enquadramento legal do Partido Comunista. Chega a ser um descalabro a defesa da tese contrária. E vale a caracterização de ilegalidade do PCB como sintoma de fragilidade da nossa democracia. Como concepção de sistema político, a democracia lembra o lugar comum e respeito do cristal: arranhado, perde o valor”.

Deputado Passos Pôrto (UDN — Sergipe) — “Sou pela revisão dos quadros partidários, pelo reagrupamento das tendências políticas e, sobretudo, pela legalidade do Partido Comunista. Não vejo razões para que a democracia brasileira tenha ou desconheça a filosofia marxista e o exercício do Partido Comunista”.

Deputado Abreu Sodré (UDN — Presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo) — “Sou um combatente em favor da legalidade do Partido Comunista”.

Deputado Paulo de Tarso (PDC — São Paulo) — “Mantenho a opinião de meus tempos de estudante. Sou favorável à legalidade do Partido Comunista do Brasil”.

Ministro José Américo — “O meu discurso contra a cassação dos mandatos, que considerei ‘atentado à consciência da Nação’, definiu minha posição sobre a existência legal do Partido Comunista”.

Aldo Arantes (EX-Presidente da União Nacional dos Estudantes) — “Dentro de um regime democrático, qualquer organização política tem o direito de se agremiar em partido. Nesse sentido, é lícita a atitude dos comunistas em procurarem se organizar legalmente. A concessão do registro só poderá beneficiar o regime democrático, uma vez que tornará realidade o princípio constitucional da pluralidade de partidos. Ademais, se o Partido existe de fato, nada mais lógico que exista de direito”.



O povo reclama

Em numerosos comícios e manifestações realizadas na Guanabara, em São Paulo e outras capitais e cidades do país, os trabalhadores compareciam empunhando faixas e cartazes reclamando o registro do Partido Comunista Brasileiro. São demons-

trações essas, inequívocas, de que o povo brasileiro reclama uma democracia mais ampla e verdadeira e o direito dos comunistas de participarem legalmente, com seu Partido, na vida política do país.

PRONUNCIA-SE O POVO

No Rio Grande do Sul, milhares de democratas assinaram as listas de pedido para o registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro. Não só em Porto Alegre, mas também em numerosos municípios do interior, a campanha desenvolveu-se com grande êxito, contando com amplo apoio de massas e destacadas personalidades.

Na Bahia, o manifesto de lançamento da campanha de assinaturas a serem dirigidas ao TSE teve o apoio dos deputados federais Waldir Pires, Heitor Ramos, Clementes Sampaio e Fernando Santana, deputados estaduais André Negreiros, Wilson Falcão, Henrique Lima Santos, Gastão Pedreira, Raimundo Reis, Djalma Bessa, Bolívar Santana, Juarez Souza, Enio Mendes, Antônio Colini, Murilo Cavalcanti, Cristóvão Colombo, vereador Osório Vilas Boas, presidentes de dezenas de sindicatos e organizações

camponesas, professores universitários, jornalistas e escritores.

No Maranhão a campanha teve desde o seu lançamento a adesão dos deputados Raimundo Vieira Silva, Evandro Sarney, Alberto Aboud, Joaquim Rodrigues Mochel, Manuel Gomes, Frederico Léda, Milton Eriçara, Vera Cruz Marques, Osvaldo Campos, Francisco Louzeiro, e José Benito Neves, além de grande número de líderes sindicais e estudantes, médicos e advogados.

No Estado do Rio, os deputados federais Bocayuva Cunha, Jonas Bahiense, Tenório Cavalcanti, Adão Pereira Nunes, Vasconcelos Torres e Paiva Muniz, os deputados estaduais Durval Gonçalves, Arsonval Macedo, Benigno Fernandes, Carlos Quintela, Barcelos Martins, Palmir Silva, José Sully, Sávio Gama, Murilo Cabral, Zulmar Batista,

Ordenar Veloso, João Fernandes, Raimundo Aquiar, Aécio Nanci, Joadelmo Codeço, Antônio Curvelo Benjamin, Waldir Medeiros, Tito Nunes, José Maris Ribeiro, Altineu Cortes Pires, Mário Malaquias, Egidio Mendonça Thurler, José Carvalho Janotti, Edésio da Cruz Nunes, Teixeira Campos, Alvaro Fernandes e Adolfo de Oliveira, líderes operários, estudantes, industriais, vereadores, etc. A campanha no Estado do Rio caracterizou-se pela sua enorme amplitude e apoio de massas.



ASSEMBLEIAS E CÂMARAS

A legalidade do Partido Comunista já foi reclamada pela maioria das Assembleias Legislativas dos Estados e por numerosas Câmaras Municipais das mais importantes cidades do País.

Nos últimos meses, novos e expressivos pronunciamentos vieram acrescentar-se aos que vêm sendo feitos, desde o instante em que, numa brutal violação dos direitos assegurados pela Constituição, foi o Partido Comunista do Brasil lançado na ilegalidade.

Em São Paulo, o ano passado, 100 prefeitos e vereadores de vários municípios, reunidos no VIII Congresso Estadual de Municípios, enviaram ao presidente da República uma mensagem em que se diz que “a nossa Constituição, ao conceder a mais ampla liberdade de associação, não permitiu as discriminações hoje existentes, e já incompatíveis com os foros de civilidade, democracia e patriotismo” e se lembra que “nos países tradicionalmente democráticos é no sentido amplo da palavra e realidade palpável a legalidade dos Partidos Comunistas”.

Em agosto de 1960, 30 deputados estaduais fluminenses, com o representante udenista Carlos Quintela à frente, apresentaram uma moção à Assembleia do Estado do Rio, solicitando a “legalização do Partido Comunista, a fim de que a plenitude dos direitos constitucionais seja assegurada e a liberdade de pensamento se torne uma realidade”. Assinam a moção os deputados Carlos Quintela, Rubens Leite, Renato Lessa e Sá Rego (UDN), Palmir Silva, Aristoteles Miranda, Jaime Bittencourt, Romeiro Junior, Dálio Colmba, Antônio Curvelo Benjamin e Gouveia de Abreu, Altineu Cortes Pires, Murilo Cabral, Freire de Moraes, Geraldo Di Bissi, João Silveira e José Haddad (PSD), Rodrigues de Oliveira, João Fernandes e Sulmar Batista (PSB), Benigno Fernandes, Durval Gonçalves, Ordenar Veloso e Barcelos Martins (PSP), Walter Orlandini e Waldir Medeiros (PR), Andrade Figueira e Lúcia Socrates Batista (PTN).

Ainda no Estado do Rio, recentemente, as Câmaras Municipais de Volta Redonda e Valença aprovaram incisivas moções reclamando o reconhecimento da legalidade do partido dos comunistas.

Em São Paulo, também recentemente, as Câmaras de Jundiaí, Sorocaba, Aracatuba e Araraquara aprovaram moções pedindo a legalidade do Partido Comunista. A última dessas moções foi aprovada pela Câmara de Araraquara, por iniciativa do vereador Célio Biller Teixeira.

O Diretório Regional de São Paulo do PSB divulgou, há poucas semanas, um manifesto em que exprime “de público o seu apoio ao movimento que visa obter a legalização da atividade política dos comunistas brasileiros, mediante o registro do Partido Comunista Brasileiro. Os socialistas de São Paulo estão convencidos de que a exclusão dos comunistas da vida política do País é um ato de discriminação antidemocrática que deforma o nosso processo de desenvolvimento”.

Em Sergipe a campanha pela legalização do Partido Comunista alcançou enorme amplitude. Na Assembleia Legislativa, os deputados Viana de Assis, Pedro Barreto, Garcez Dorca, Nivaldo Santos e José Onias fizeram incisivas declarações favoráveis à legalidade do Partido Comunista. A Câmara Municipal de Aracaju incorporou-se a luta pela conquista do registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, através da palavra do seu presidente e da maioria de seus membros. Pronunciaram-se favoravelmente à legalidade do PCB os seguintes vereadores: Milton Santos (PST), presidente; Jason Santos (PSP), 1.º secretário; José Menezes (PTB), João Bezerra, Santos Mendonça e Teixeira Machado (UDN), Milton de Oliveira e Waldemar Santos (PR), Nivaldo Teles (PSD), Flávio Diniz (PST) e Arnonal Pacheco (PTB). A mensagem aprovada pelos vereadores da capital sergipana apela “no sentido de que seja restituída a legalidade do Partido Comunista do Brasil, a fim de ser restabelecida a ordem constitucional e democrática em nosso País”.

Em Pernambuco, a campanha pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro foi lançada com a adesão de numerosas personalidades, entre as quais os deputados Elísio Branco, Eudes Costa, Ferreira Lima, Paulo Viana de Queiroz, Luiz de França da Costa Lima, Inaldo Lima e Almani Sampaio, professores universitários, presidentes e líderes de organizações sindicais e estudantis. O vice-governador Pelópidas Silveira, dando seu apoio à campanha, declarou: “Não se coaduna com o espírito do regime democrático alguns milhares de brasileiros permanecerem impedidos de atuar na vida política do País. Estou certo de que, dentro em breve, se tornará realidade essa aspiração de todos os democratas: a legalidade do Partido Comunista. E esta é também a posição do Partido Socialista Brasileiro, a cujos quadros hoje pertencem”.

No Ceará a campanha foi lançada com o apoio dos deputados Pontes Neto, Cincinato Furtado Leite, Aldenor Nunes Freire, Aquiles Pires Mota, Péricles Madureira da Rocha, Brasilino de Freitas, Antônio de Castro, Ferreira de Assis, Orlei Mota, e Aniceto Rocha, vereadores Djalma Eufrásio, Carlos Cavalcanti, Ribamar de Vasconcelos, José Batista Barbosa, Paulo Mamede e José Pinza Gomes, além de elevado número de presidentes de sindicatos e líderes estudantis e populares.

No Pará, alcançou grande repercussão a campanha pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro. Diversas personalidades de projeção no Estado, entre as quais o vice-governador Nilton Miran, os deputados Miguel Santa Brígida, Cleo Bernardo, Benedito Monteiro, Bernardino Silva, Dário Dias, Romeu Santos e Geraldo Palmeira, lançaram um manifesto em que afirmam ser a legalidade do PCB “imperiosa necessidade democrática, pois a defesa da liberdade de pensamento, de expressão, de reunião é fundamento e razão de ser de nossa Carta Magna”.



Falam os muros

Em Ribeirão Preto, no dia 25 de março, na praça principal da cidade, apareceu a inscrição: «Registro para o PCB». Em centenas de outras cidades e localidades do país,

grandes e pequenas, a inscrição também apareceu. Eram os muros falando pelo povo. A campanha pelo registro do Partido Comunista, ampla e patriótica, englobou bra-

sileiros de todas as tendências e pertencentes aos diversos partidos políticos. A foto é de uma inscrição mural feita na Guanabara.

O Presidente João Goulart

Numa assembléia de dirigentes sindicais da Guanabara e de outros Estados, em agosto de 1960, então vice-presidente da República, o sr. João Goulart, respondendo à pergunta de um líder dos trabalhadores, sobre a legalidade do Partido Comunista, declarou o seguinte: «Pessoalmente, estou inteiramente à vontade para responder à

pergunta, uma vez que meu Partido tem posição firmada a respeito desse assunto. Sempre defendi e defendo o direito de todos manifestarem as suas opiniões e lutarem por elas. Numa verdadeira democracia, se não estamos de acordo com as idéias de alguém, devemos combater essas idéias com outras idéias e não com a polícia».

PAZ

Suplemento Especial

Nº 181

NOVOS RUMOS

NAC PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



(Discurso pronunciado por Nikita Kruschiov, presidente do Conselho de Ministros da URSS, em 10 de julho de 1962, no Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e a Paz)

Prezados delegados e convidados do Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e pela Paz, queridos companheiros de luta pela paz, camaradas e amigos:

Em primeiro lugar, permitam-me que, em nome do governo soviético e do povo de nosso país, os saúdo e agradeça por terem escolhido Moscou como local de reunião do mais representativo Congresso de representantes das forças pacíficas que registra a história. *Prolongados aplausos.* Com os senhores encontra-se mentalmente nesta sala todo o povo soviético, já que os objetivos do Congresso correspondem integralmente a seus mais íntimos anseios.

A reunião do Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e pela Paz é um dos mais notáveis acontecimentos de nossa época. Delegados de quase todos os povos que habitam nosso planeta, homens e mulheres de diferentes raças e nações, de diferentes classes e grupos sociais, de diferentes partidos e de diferentes credos políticos, adeptos de diferentes religiões e ateus, deixando de lado tudo o que os divide, reuniram-se para discutir o problema mais inadiável de nossa época, para estudar o que se deve fazer com o objetivo de impedir a guerra.

A humanidade vive uma época memorável. A inaudita aceleração do progresso social e a grandiosa revolução na ciência, na técnica e em nosso conhecimento da natureza, podem trazer os maiores bens para os habitantes da Terra.

Mas não se pode esquecer, nem por um instante, que as forças obscuras da agressão e do mal ameaçam voltar os descobrimentos do gênio humano contra a humanidade e contra sua civilização.

Para atar fortemente as mãos criminosas, que se estendem para os botões da guerra nuclear, com emprego de foguetes, torna-se necessário que as mais amplas massas populares empreendam, sem demora, as ações mais enérgicas. Depende em grande parte dos lutadores pela paz que se consiga unir todos os povos, todos os que querem viver e construir contra uma nova guerra mundial. Que esta responsabilidade perante o gênero humano sirva de inspiração aos delegados deste Congresso! *(Prolongados aplausos.)*

I. O DESARMAMENTO, VEEMENTE IMPERATIVO DE NOSSA ÉPOCA

Caros amigos: Da mesma forma que outros chefes de governo participantes das negociações de Genebra sobre o desarmamento, fui convidado a expor ao Congresso a posição de meu país quanto ao problema do desarmamento geral e completo. O governo soviético aceitou com gratidão o convite, e considerou seu dever expressar perante o Congresso seus pontos-de-vista a respeito do problema, que é o mais importante de nossa época.

A verdade tem de ser encarada de frente. O perigo de uma nova guerra mundial existe. A humanidade pode ver-se arrastada para esse abis-

mo se não forem tomadas medidas decisivas. É evidente que as armas termonucleares aperfeiçoam-se cada vez mais, e seus estoques ameaçam alcançar aquele ponto crítico em que, como antes se dizia, os canhões começam a disparar sozinhos; hoje poderíamos dizer que os foguetes com cargas nucleares começam a voar sozinhos. Cada dia aumenta o número tanto dos países em que são colocadas armas nucleares como as unidades militares que com elas se equipam. Isto aumenta o perigo de que os grupos aventureiros desencadeiem uma nova guerra mundial.

Os preparativos de guerra jamais tiveram uma envergadura tão gigantesca como em nossos dias. A aliança dos monopólios da indústria de guerra, os "traficantes da morte", e os militaristas exacerbados, isso que o ex-presidente Eisenhower chamou de "conjunto industrial-militar", impulsiona desenfreadamente a corrida armamentista. Autorizados cientistas em energia atômica do Ocidente avaliam que o "potencial de morte nuclear" do mundo contemporâneo é de 250 000 megatons, isto é, 250 bilhões de toneladas de TNT. Assim, pois, para cada habitante de nosso planeta estão reservadas mais de 80 toneladas de explosivos. Em consequência, a população do globo terrestre já tem assegurado em abundância este produto.

No mundo inteiro gastam-se anualmente 120 bilhões de dólares com objetivos militares. Isso segundo os dados oficiais. Essa soma é, aproximadamente, a metade dos investimentos em todos os setores da economia mundial. Equivale a dois terços da renda nacional dos Estados economicamente subdesenvolvidos. Cada dez minutos, os países da OTAN gastam um milhão de dólares em preparativos de guerra.

Pelas proporções de seus preparativos bélicos, os Estados Unidos da América do Norte ocupam o primeiro lugar. Em dezessete anos, de 1946 a 1962, as despesas militares diretas e indiretas foram, no referido país, de cerca de 900 bilhões de dólares, quase tanto o que gastaram na Segunda Guerra Mundial todos os Estados capitalistas. Os outros membros da OTAN trilham também o funesto caminho do esbanjamento belicista. A máquina militar de todos esses países cresceu até alcançar proporções inverossímeis.

A corrida armamentista devora uma gigantesca massa de trabalho dos povos. Hoje, mais de vinte milhões de habitantes de nosso planeta acham-se prestando serviço nos exércitos. Mais de cem milhões de homens entregam suas energias ao trabalho para a guerra. Setenta por cento de todos os cientistas do mundo são utilizados, de uma forma ou de outra, na esfera militar. Nos países do Ocidente torna-se realidade o perigo de o militarismo açambarcar a sociedade civil.

Nos últimos tempos, a imprensa ocidental afirma insistentemente que o perigo de guerra termonuclear e de suas consequências foi muito hipervalorizado. Diz-se que os EUA podem permitir-se desencadear uma guerra dessa espécie porque não é muito

plor que a comum. Apenas "umas poucas" vítimas a mais, apenas perdas materiais "um pouco" maiores, apenas condições de restauração "um tanto" mais difíceis. E o único que faz falta para ficar imune é construir oportunamente abrigos e adotar o modo de vida das toupeiras.

Na sua época, o ex-presidente dos EUA, Eisenhower, e o atual presidente, Kennedy, ocupavam uma posição realista e declaravam que a força militar dos EUA e a da URSS eram iguais. O presidente Kennedy expôs esse ponto-de-vista durante sua entrevista comigo em Viena. Mas agora, os políticos dirigentes dos EUA começam a inculcar em seu povo e em seus aliados a idéia de que a correlação de forças mudou a favor dos EUA. O objetivo que se tem em vista ao afirmar isso é bem evidente: se os militaristas norte-americanos afirmam que ganhariam a guerra, é porque querem dar ânimo a suas forças armadas e a seus aliados.

Essa perigosa concepção tende a agravar a tensão nas relações internacionais e aumentar o perigo de guerra. Mas, do ponto-de-vista da realidade, carece de toda base. Pergunta-se. Como mediram os estadistas norte-americanos a mudança da correlação de forças a seu favor? Não possuem nenhum dado a esse respeito. Se se considera objetivamente a situação, o quadro resulta diferente. Nos últimos anos, a União Soviética viu-se obrigada a criar, para garantir sua segurança, armas nucleares de 50, 100 e mais megatons, foguetes intercontinentais e o foguete global que, praticamente, é inapreensível para a defesa, bem como a arma antifoguete. Os círculos governantes dos EUA, que não dispõem de máquinas de guerra tão poderosas, não têm o menor fundamento para afirmar que a correlação de forças mudou em seu favor.

Todo o mundo sabe que a correlação de forças avança-se no curso das operações militares, e mais, avalia-se pelos resultados da guerra. Em seu tempo, Hitler repetia incessantemente que tinha uma enorme superioridade de forças, mas foi esmagado pela União Soviética e seus aliados. Agora que existem as armas nucleares e os foguetes, os erros ao calcular a correlação de forças são incomparavelmente mais perigosos para os povos. Quem pode dizer quantas bombas de 100 megatons são precisas para destruir, por exemplo, as cidades da Alemanha Ocidental ou de outros países cujos líderes ocupam essa posição tão belicosa? As falsas afirmações dos dirigentes norte-americanos de que a correlação de forças põe os EUA em uma situação de superioridade sobre a União Soviética implica em um tremendo perigo tanto para os outros povos como para o próprio povo norte-americano.

Nos últimos tempos, os estadistas norte-americanos falam com frequência cada vez maior de guerra termonuclear e criam uma espécie de culto da mencionada guerra. Neste aspecto, é muito eloquente o discurso pronunciado por Macnamara, ministro da Defesa dos EUA, no dia 16 de junho. Afirma que era possível chegar-se a um acordo para

empregar as armas nucleares exclusivamente contra as forças armadas, e não contra as grandes cidades. A imprensa norte-americana afirma que a declaração de Macnamara foi aprovada pela Casa Branca e a interpreta como uma proposta à União Soviética quanto às "normas" que se devem observar em uma guerra nuclear.

Que se pode dizer de uma "proposta" dessas?

Essa monstruosa proposta está toda ela impregnada de ódio ao homem, à humanidade, já que trata de legalizar a guerra nuclear e, conseqüentemente, a morte de milhões e milhões de seres. *(Rumores de indignação.)*

Tal proposta evidencia que determinados círculos dos EUA querem expor ao golpe principal os países em que estão instaladas as bases e as forças armadas norte-americanas: Itália, Turquia, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Japão, Grécia e outros países.

Por último, é também o mais desavergonhado engodo para a população dos EUA. Por acaso, nas grandes cidades e suas cercanias não há forças armadas? Por acaso, as bombas nucleares que explodissem "segundo as normas" de Macnamara, nos arredores de Nova Iorque, se fosse o caso, não projetariam sobre esta imensa cidade o hábito abrasador da morte? Em alguns países não há cidades tão grandes como nos EUA, e, pelo que se vê, Macnamara considera que destruir cidades medianas, povoadas e aldeias é fazer a guerra "segundo as normas".

Por acaso a população das cidades medianas ou das aldeias, sobre as quais Macnamara acha possível lançar bombas atômicas, não é tão preciosa quanto a população das grandes cidades?

Consideramos que não há porque se pôr de acordo acerca de como se deve fazer a guerra nuclear, mas sim acerca do que se deve fazer para impedir a própria possibilidade de que a guerra se desencadeie. *(clamores e aplausos.)* Para que todas as cidades, tanto as grandes quanto as pequenas, permaneçam intactas, para que continuem intactos todos os povoados, aldeias e casarios.

Nas condições atuais não se pode encerrar a guerra mundial segundo velhos critérios, não se pode considerá-la pensando segundo velhas categorias. Trata-se de uma mudança radical, qualitativa, do material de guerra, de um incremento inaudito da força destruidora dos recursos bélicos. Em que se expressa isto?

Em primeiro lugar, as novas armas não podem sequer ser comparadas com as antigas. A força da explosão de uma potente bomba de hidrogênio supera em muitas vezes a de todo o armamento empregado em todas as guerras desencadeadas na história da humanidade, inclusive a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Em segundo lugar, a guerra nuclear com emprego de foguetes apagará por completo a fronteira entre a frente e a retaguarda. E mais a população civil seria a primeira vi-

tira das armas de extermínio maciço. Em uma guerra assim, umas quantas bombas termonucleares poderiam destruir completamente não só extensos centros industriais habitados por muitos milhões de homens, mas inclusive países inteiros. Os peritos norte-americanos calcularam que uma bomba H de 20 megatons que explodisse no ar arrasaria todas as casas de tijolo e de armações metálicas em um raio de uns 24 quilômetros a partir do epicentro da explosão. Um encrespado mar de fogo queimaria tudo que fosse susceptível de combustão, todos os seres vivos em uma zona equivalente à compreendida entre Nova Iorque e Filadélfia. E agora já existem bombas de 50, 100 e até mais megatons. Segundo cálculos aproximados dos cientistas, os estoques mundiais de armas nucleares equivalem a, por sua força, a 12 500 000 bombas iguais à lançada sobre Hiroxima.

Por último, dados o atual deslocamento das forças e a existência de novos tipos de armas, essa guerra termonuclear à qual inclinam os militaristas norte-americanos não ficaria circunscrita ao território dos Estados; adquiriria um caráter universal e acarretaria destruições e a morte de milhões de homens em todas as partes do mundo. Que significaria isso para a humanidade? Um destacado batalhador contra a morte atômica, o famoso cientista norte-americano Linus Pauling, em seu livro *Não Deve Haver mais Guerras*, fixa em 500 000 000 de homens a cifra de possíveis vítimas de uma guerra nuclear. Essa é a espantosa verdade acerca do autêntico caráter da referida guerra. E se essa verdade é hoje ocultada aos povos pelos estadistas do Ocidente, perpetraram estes um crime de lesa-humanidade, um crime contra seus próprios povos. (Prolongados aplausos.)

Quem se equilibra "à beira da guerra" assegura que as próprias armas nucleares e os foguetes são uma firme garantia da manutenção da paz. Esta concepção — no Ocidente, chamam-na de "o equilíbrio do medo" — vai contra o senso comum e é um escandaloso engano para os homens. Na realidade, ao abrigo da "doutrina do equilíbrio" gestam-se planos de desencadeamento de uma guerra preventiva. Alguns estadistas norte-americanos inclusive declaram abertamente sua disposição de tomar a "iniciativa de um conflito nuclear com a União Soviética".

Meditai nestas palavras. Não só se trata de uma ameaça de guerra termonuclear mas de imposição de uma sinistra emulação, para ver quem lhe dá início. Enquanto dizem que podem desencadear a guerra, parecem instigar outros países: apressai-vos para superar o inimigo. A que pode levar isto? Para todos está claro que a consequência catastrófica. Essas declarações causam assombro. Seus autores não param para meditar no perigo que a guerra envolve para os próprios Estados Unidos e seus aliados. Os políticos norte-americanos repetem com crescente insistência a seu povo que em uma guerra termonuclear os EUA sofreriam menos perdas que a União Soviética e poderiam alcançar a vitória. Essa é uma ilusão infundada. Essa idéia se quer inculcar com o fim de que a opinião pública dos Estados Unidos e dos países seus aliados esteja preparada para o desencadeamento da guerra. Querem convencer a opinião pública que é preciso desencadear a guerra sem tardar, antes que a situação possa mudar. Isso é inculcar nas pessoas a idéia de que a guerra é inevitável e justificar as forças agressivas que desejam acelerar o desencadeamento de uma guerra atômica.

Mas nós declaramos categoricamente que se os agressores desencadeassem a guerra nuclear, eles próprios pereceriam inevitavelmente, devorados por suas chamas. (Aplausos.)

É preciso tomar em consideração que, devido à tensão internacional, até mesmo um simples equívoco pode provocar com vertiginosa rapidez a reação em cadeia de uma guerra universal. Tomemos, por exemplo, a conduta do general Power, comandante-em-chefe da aviação estratégica norte-americana, que em novembro de 1961, baseando-se em um falso alarme, deu ordem para que todos os bombardeiros deslocados nas bases norte-americanas saíssem rumo à União Soviética. Power nem sequer julgou necessário dar conhe-

cimento disso ao Presidente dos EUA, isto é, ao chefe supremo das forças armadas do país. Durante dois minutos e meio, a aviação estratégica norte-americana esteve, de fato, em guerra contra a União Soviética. Que garantia existe de que, no alarme falso seguinte, os seções gerais norte-americanos dêem a ordem de suspensão antes de que se tenha produzido uma catástrofe?

Existe também um grande perigo de que a guerra pode iniciar-se casualmente por erros técnicos. O número de avarias dos aviões norte-americanos carregados de bombas A e H e de quedas de foguetes com cargas termonucleares continua aumentando. Faz pouco, no dia 4 de junho deste ano, devido a deficiências técnicas, fez-se explodir no ar o foguete norte-americano Thor, cuja ogiva nuclear caiu em algum confinamento do Pacífico. No dia 20 de junho, ocorreu quase a mesma coisa. Tais fatos não podem deixar de suscitar a maior inquietude. O jornal italiano *Giustizia* observou com razão: "O Thor, ao perder o rumo, poderia provocar uma guerra mundial." Tudo isso confirma uma vez mais quão perigosa é para a causa da paz a psicosse atomista dos reacionários círculos militaristas do Ocidente.

Enquanto nos arsenais dos Estados existem estoques de armas mortíferas, enquanto estes estoques aumentarem, o perigo de guerra irá acentuando-se. A realização do desarmamento geral e completo é o caminho que leva a uma paz verdadeira.

Prezados delegados: Sei que nesta sala há pessoas das mais diferentes concepções políticas. Não se reuniram para discutir as excelências de um ou outro regime social. A todos nós um único desejo nos trouxe aqui, um único afã: salvar a paz, não permitir o incêndio da guerra termonuclear. (Clamorosos aplausos.)

Mas neste foro mundial não se pode deixar de recordar que as forças agressivas impulsionam a corrida armamentista e os preparativos de uma nova conflagração mundial, encoberto-se com declarações de que a União Soviética e os demais países socialistas ameaçam com a guerra. Não se pode deixar sem rebater este perverso embuste. Citarei fatos que ninguém poderá refutar. Na Primeira Guerra Mundial morreram 10 milhões de homens e 20 milhões ficaram mutilados. Por acaso os comunistas, por acaso os Estados socialistas são por ela responsáveis? Quando ela irrompeu não havia ainda no mundo Estados socialistas, e os comunistas não se encontravam no poder em nenhum país.

A Segunda Guerra Mundial ceifou quase cinquenta milhões de vidas. Por acaso os comunistas a começaram? Por acaso a começaram os países socialistas? Desencadearam-na o fascismo alemão, o italiano e o japonês. (Clamorosos aplausos.) Foi precisamente a União Soviética o país que, salvando a humanidade da barbárie fascista, sofreu mais perdas. Foi precisamente a União Soviética o país que fez o maior esforço para derrotar o fascismo e libertar os povos dos campos de extermínio, das câmaras de gases de Makhdonék e Oswiecim e da escravidão fascista.

Foi por acaso a União Soviética que converteu Hiroxima e Nagasáqui nas Pompéias de nosso século? Quem o fez, vós bem o sabeis, se encontra em outra parte do mundo.

Observemos a face da Terra no momento. Cobrem-na as pústulas das bases militares. A quem pertencem essas bases? Todo o mundo sabe que as instalaram os EUA e seus aliados.

Onde se desenvolve a propaganda de guerra? Onde ecoam apelos a deixar cair bombas atômicas sobre um ou outro país, a destruir "em coisa de vinte e quatro horas" a metade de sua população e três quartas partes do potencial de sua indústria? O general Twining e o congressista Olin Teague, autores desses apelos, não vivem nos países socialistas. Nos Estados da comunidade socialista, onde a propaganda belicista está proibida por lei, essa gente teria de comparecer perante os tribunais. (Aplausos.)

Lênin, o fundador do Estado soviético, sonhava apaixonadamente com que a guerra chegasse a ser impossível. Dizia que a guerra mundial era, o maior, dos crimes, a ruptura absoluta com as realizações da civi-

lização e da cultura modernas. Lênin advertia de que o emprego das poderosas conquistas da técnica para o extermínio maciço de milhões de vidas e a utilização de todos os meios de produção a serviço da guerra conduziam inevitavelmente "a minar as próprias condições da existência da sociedade humana" (Obras, t. 27, pág. 396, ed. em russo). Os países socialistas advertem a humanidade deste perigo e lutam enérgicamente por conjurá-lo. Esta é a pura verdade acerca da posição dos países socialistas, acerca da posição dos comunistas. (Prolongados aplausos.)

Logo ao nascer, nosso Estado soviético promulgou o famoso decreto de Lénin sobre a paz. Lénin rechaçou categoricamente a proposta de que no escudo do Estado soviético figurasse uma espada, declarando: "A espada não é nosso emblema." E o País dos Sovietes escolheu como emblema a Foice e o Martelo, símbolo do pacífico trabalho construtor. (Clamorosos e prolongados aplausos.) Temos propugnado, propugnamos e propugnaremos sempre pelos princípios leninistas da coexistência pacífica. Se se deseja manter a paz, essa é a única doutrina em que, nas condições históricas de nosso século, podem basear-se as relações entre os Estados com regime social diferente. (Aplausos.) Independentemente do que possam pensar os homens sobre o modo de vida nos países com outro sistema social, o mundo é único e indivisível ante a ameaça de uma catástrofe termonuclear. No mundo estamos todos: o género humano. (Aplausos.)

São muitos os que perguntam no Ocidente, e cada dia com maior frequência: "tem futuro a humanidade"? Quero responder-lhes. Sim, tem futuro. Um futuro brilhante. Confiamos em que a humanidade encontrará forças em si mesma para conter os possessos da mania atômica. (Clamorosos aplausos.)

No século da arma nuclear, no século dos foguetes, não se pode acabar com o perigo de uma devastadora guerra nuclear sem se extirpar e destruir os meios de extermínio maciço, sem se proibir as armas nucleares. Nós nos pronunciamos pela eliminação completa das possibilidades materiais de fazer a guerra. (Aplausos.)

Num mundo sem armas será impossível nas relações entre os Estados a política "de posições de força", "à beira da guerra" e de "intimidação atômica". A palavra-de-ordem de desarmamento geral e completo equivale à palavra-de-ordem de "abaixo a guerra entre os povos, viva a paz". (Clamorosos aplausos.)

Dai que a luta pelo desarmamento geral e completo passe a ser o dever primordial de todas as forças amantes da paz, de todas as organizações e correntes nacionais e internacionais que lutam pela conservação e a garantia da paz. O desarmamento é uma imperiosa exigência de nossa época. (Prolongados aplausos.)

II. O PROGRAMA SOVIÉTICO DE DESARMAMENTO

Prezados delegados: o governo soviético aplica de modo firme e consequente uma política de fortalecimento da paz e de coexistência pacífica. Ao apresentar seu programa de desarmamento geral e completo, o governo soviético guiou-se pela necessidade de resolver radicalmente o problema da segurança de todos os Estados: excluir a possibilidade mesma do desencadeamento das guerras.

Que é o mais importante nesse nosso programa? O eixo principal, a medula do desarmamento, é a proibição e a destruição total das armas nucleares. (Aplausos.)

O governo soviético propõe que desde o início, na primeira etapa do desarmamento, as armas nucleares sejam, pelo menos, imobilizadas e paralisadas mediante a destruição de todos os meios destinados a fazê-las atingir o objetivo. (Aplausos.) Propomos que sejam suprimidos de uma vez os foguetes, os aviões, os submarinos e os navios de guerra capazes de transportar armas nucleares e instalações de artilharia atômica; propomos que sejam desmanteladas todas as bases militares em territórios alheios e retiradas desses territórios todas as tropas estrangeiras. (Prolongados aplausos.) Não havendo foguetes, nem aviões,

nem submarinos, nem barcos de guerra, as armas nucleares deixarão de ser perigosas, inclusive no caso de que algum governo, de má-fé, tente esconder parte delas. A destruição dos meios de transportes das armas atômicas privaria os países que as possuem da possibilidade de assaltar um golpe nuclear contra os outros. Esta proposição foi apresentada a seu tempo pelo presidente da França, general de Gaulle, e nós estamos plenamente de acordo com ela. Lamentavelmente o governo francês não deu nenhum passo eficaz para levar à prática sua própria proposta. E mais, negou-se a participar das negociações de desarmamento havidas em Genebra.

Diz-se que as armas nucleares podem ser transportadas também nos aviões civis TU-114, Boeing-707 e outros. Mas se existe na verdade o desejo de desarmar-se, os países podem conservar, durante certo período, meios de defesa: a artilharia antiaérea, os foguetes de defesa contra aeronaves e aviões de caça. A técnica moderna permite derrubar qualquer avião a qualquer altura. Como vemos, esse argumento carece de qualquer base.

Ao propor que o desarmamento comecce pela supressão de todos os meios portadores das armas nucleares, a União Soviética, que dispõe dos foguetes globais e intercontinentais mais potentes do mundo, renuncia voluntariamente a uma vantagem militar muito essencial. (Aplausos.) Mas estamos dispostos a dar esse passo sem vacilar, pois consideramos que coincide com a necessidade de resolver o mais rapidamente possível o problema do desarmamento.

De outra parte, exigimos das potências ocidentais que concordem em renunciar a todas as bases militares que mantêm em territórios estrangeiros e em retirar delas suas tropas. Essas bases não foram criadas para defesa, mas para agressão. Quem não vê claro, por exemplo, que as bases norte-americanas de foguetes atômicos na ilha japonesa de Okinawa, ou na Líbia, em terra africana, ou as bases na Inglaterra, Itália, Turquia, Grécia e Tailândia não são necessárias para a defesa dos Estados Unidos? Afirmar o contrário significa querer fazer ver negro onde há branco. (Aplausos.)

São muito eloquentes a esse respeito as confissões que o sr. Douglas, do Supremo Tribunal dos EUA, fez em seu recente livro: "Rodeamos a Rússia com um colar de aeródromos em que nossos bombardeiros e caças se encontravam noite e dia em plena disposição de combate. Entre nossas bases figurava Marrocos, onde bombardeiros atômicos montaram por muitos anos guarda aérea durante as vinte e quatro horas do dia, prontos a dirigirem-se aos objetivos anteriormente fixados, quando recebessem o sinal cifrado."

Isto evidencia uma vez mais que, enquanto estas bases existem, existirá o perigo de que seja desencadeada uma nova guerra mundial.

Para diminuir grandemente o perigo de um choque militar entre os Estados, a União Soviética propõe também que, no início mesmo do desarmamento, sejam reduzidos consideravelmente os efetivos das forças armadas dos Estados e, ao mesmo tempo, os armamentos clássicos. Consideramos possível terminar o desarmamento em quatro anos, em um prazo pequeno, mas plenamente suficiente.

Estamos dispostos a buscar e encontrar fórmulas reciprocamente aceitáveis de todas as cláusulas contidas no nosso projeto de tratado; estamos dispostos a aceitar, quando necessário, um compromisso, sempre, claro está, que não venha em prejuízo do desarmamento geral e completo. Mas existe uma só coisa a que não estamos dispostos: a renunciar ao desarmamento geral e completo, a castrar nosso projeto de tratado, a suprimir dele as medidas eficazes de desarmamento. Jamais cederemos quanto a isso. (Aplausos.)

Somos partidários do desarmamento, mas não de conversas estéreis em torno dele. Não se pode tolerar por mais tempo uma situação na qual seguem seu curso as negociações de desarmamento, enquanto se intensifica a corrida armamentista. Segundo cálculos da revista norte-americana *U. S. News and World Report*, desde 1946 até 1963, foram celebradas 363 reuniões internacionais sobre

desarmamento, que duraram 17 000 horas, nas quais se pronunciaram 18 milhões de palavras. (Animação.) Enquanto milhões de palavras sobre a questão do desarmamento se transformam em fria escória da História, o fabrico de armamentos cresce sem cessar. Determinados meios do Ocidente convertem as negociações de desarmamento em concursos de charlatões para, encobrir-se com palavras sobre o desarmamento, manter a conjuntura dos negócios bélicos e levantar novas montanhas de armas.

A conduta das potências ocidentais em Genebra prova que elas não querem o desarmamento. Os discursos que pronunciaram ali os representantes dos Estados Unidos e de seus aliados têm um caráter puramente declarativo, demagógico. Tentam apresentar como aceitável sua posição negativa e mostrar-nos como inimigos do acordo. Mas examinemos a essência das proposições dos Estados Unidos da América.

Como se sabe, depois de grande demora, os Estados Unidos apresentaram, enfim, o "esquema de cláusulas fundamentais do tratado" de desarmamento. Este esquema mostra que a posição dos Estados Unidos continua sendo, no fundamental, contrária ao desarmamento geral e completo, ainda que, tanto nas questões secundárias como em sua forma, tenha sido esculpada e contida. Não poucas palavras sobre o desarmamento. Mas, na prática, as "cláusulas fundamentais" não prevêm precisamente o fundamental: a proibição total da arma nuclear, a destruição de todos os estoques acumulados pelos Estados e a inutilização das bases militares em territórios alheios. Aceitar semelhante "desarmamento" significaria enganar os povos, prejudicar a causa do fortalecimento da paz.

Logo que se iniciaram as negociações, Estados Unidos e seus aliados tentaram, de novo, como no passado, desviar a atenção das questões do desarmamento para centrá-la no decantado controle internacional, pretendendo fazer crer que é este o nó de todo o problema.

Em essência, as proposições dos Estados Unidos sobre o controle não são outra coisa senão as velhas exigências, ligeiramente retocadas, de estabelecer um controle sem desarmamento. É certo que agora se apresentam mais sutilmente, mas continuam buscando o mesmo fim: criar um sistema legalizado de espionagem internacional, em proveito do agressor potencial. O povo russo diz, diante de "novidades" como esta: a mesma cebola, mas em outra casca. (Animação, aplausos.)

Nossa posição é clara e compreensível. Consiste em acabar por completo com os diferentes tipos de armamento. E em nosso projeto de tratado cada passo no terreno do desarmamento geral e completo vem acompanhado invariavelmente de medidas de rigoroso controle internacional.

Mas somos contrários a que se crie um controle dos armamentos de que dispõem os Estados. O controle sobre essas armas seria forçosamente espionagem, um modo de saber das mudanças na correlação de forças, como resultado da redução dos armamentos, e da existência de possibilidades de aproveitar tais mudanças para agressão. Mas nenhum Estado que se respeite aceitará semelhante controle. (Aplausos.)

As potências ocidentais insistem no estabelecimento de um controle universal, propondo ao mesmo tempo medidas muito limitadas de desarmamento. Os Estados Unidos propõem que se inicie o desarmamento reduzindo em cerca de 30 por cento os meios de que dispõem os Estados para fazer chegar a arma nuclear ao objetivo, e de alguns tipos de armamentos clássicos.

Mas, deve-se perguntar: em que atenuaria isso a ameaça real de guerra? Em nada, porquanto se conservaria um imenso potencial termonuclear. Tem toda razão o prezado primeiro-ministro da Índia, senhor Nehru, quando declara: "O desarmamento deixou de ser uma questão de redução dos armamentos. A quarta parte do arsenal nuclear das grandes potências basta para arrasar o mundo inteiro."

Ao propor que na primeira etapa se reduza em cerca de 30 por cento o número de foguetes intercontinentais e globais, os Estados Unidos querem deixar intocado o atual sistema de bases militares. De fato, os Estados Unidos não prevêm, nem sequer na terceira etapa do desarmamento, a retirada das bases militares em territórios alheios nem a retirada das tropas estrangeiras desses territórios. Será possível que o governo dos Estados Unidos pense que a União Soviética pode aceitar a redução dos estoques de seus foguetes de guerra mais potentes e mais perigosos, em cerca de 35 por cento na primeira etapa e em cerca de 36 por cento na segunda etapa, ao mesmo tempo em que as bases militares norte-americanas permaneçam intocadas, prontas para um ataque ao nosso território? Seríamos estúpidos se aceitássemos esse erradamente chamado desarmamento. (Aplausos.)

Por último, de semelhante ângulo da questão, a concordância dos Estados Unidos com um desarmamento parcial parece um subterfúgio inventado para descobrir todos os arsenais que garantem nossa segurança nacional. Isto é, para abrir novas portas ao sistema de espionagem e, através dele, facilitar o trabalho do agressor potencial. As chamadas medidas de inspeção de zonas previstas no "esquema" norte-americano perseguem também um fim evidente: estabelecer com exatidão o lugar onde se encontram as armas nucleares e os foguetes soviéticos. Também neste caso, usando a expressão dos próprios norte-americanos, "o rabo da espionagem move o cachorro da política".

Todas as dificuldades no problema do controle se devem a que, em essência, as potências ocidentais o separam do cumprimento da tarefa decisiva: o desarmamento verdadeiro. Dizemos uma vez mais às potências ocidentais: aceitem nossas proposições de desarmamento geral e completo e nós aceitaremos qualquer proposição de controle. (Prolongados aplausos.)

O governo dos Estados Unidos propõe a formação de grandes forças armadas internacionais e insiste em que estejam dotadas de armamento nuclear. Em particular, são tomadas como modelo para essas forças as chamadas "tropas da ONU" no Congo. Surge legitimamente uma pergunta, formulada por nós já mais de uma vez: quem vai manejar essas forças armadas, quem vai dispor delas? Os Estados Unidos dizem que será a ONU. Mas, que significa isso na prática? Como mostram muito bem os acontecimentos do Congo, no aparelho da ONU, com sua estrutura atual, ocupam a posição dominante as mesmas potências que dirigem a OTAN. Em tais condições, aceitar a proposta dos Estados Unidos seria um suicídio, significaria desarmar-se a si mesmo e dar à OTAN a possibilidade de utilizar as forças armadas internacionais para impor-nos sua vontade.

A única solução razoável do problema está na igualdade de possibilidades para dispor das forças internacionais. Na ONU estão representados atualmente três grupos de Estados e cada um deles deve ter os mesmos direitos e possibilidades.

Mas, pode-se, por acaso, achar normal que, devido à oposição dos Estados Unidos, a República Popular da China não tenha ocupado até agora na ONU o lugar que por legítimo direito lhe pertence? (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Sómente a condição da plena igualdade de todos os grupos de Estados evitará que se possa abusar das forças armadas internacionais em detrimento de qualquer grupo de países. É evidente que não se pode nem falar em entregar o armamento nuclear às forças armadas internacionais. Isso seria zombar dos povos, os quais exigem que se os liberte para sempre dos horrores de uma guerra nuclear. (Aplausos.)

Os Estados Unidos propõem, ademais, que sejam outorgados plenos poderes ao Tribunal Internacional, no qual não existe direito de veto, a fim de que possa adotar acordos obrigatórios para os Estados, inclusive nos problemas da garantia da paz e da segurança. Esta proposta, que viola, profundamente, a Carta da ONU e reduz a nada o papel do Conselho de Segurança como organismo principal de manutenção da

paz e da segurança internacionais, tendo a menoscabar as intenções da União Soviética e a suplantiar a ONU com um novo sistema político internacional, no qual as potências ocidentais pensam ocupar a posição dominante. Será que se pode aceitar isso? Está claro que não. Essas propostas não tendem a fortalecer a paz, mas a sabotá-la.

Os Estados Unidos continuam impedindo que se estabeleça um prazo geral para a aplicação das medidas de desarmamento universal e completo, ainda que agora amealem prazos para as duas primeiras etapas. As cláusulas do esquema norte-americano estão formuladas de tal modo que permitem às potências ocidentais protelar até o infinito a realização do desarmamento e, inclusive, frustrá-lo, se chegam, em um ou outro momento, à conclusão de que não lhes é proveitoso por considerações estratégicas.

Por último, não posso silenciar quando os Estados Unidos mostram não querer de modo algum — como fica cada dia mais claro em Genebra — concluir um tratado de desarmamento geral e completo que obrigue os Estados a desmontar sua máquina de guerra em prazos rigorosamente determinados. Os representantes do governo norte-americano dizem francamente a nossos delegados em Genebra que o governo dos Estados Unidos jamais firmará um tratado de desarmamento geral e completo e que, se o firmasse, o Congresso não o ratificaria nunca. Tudo isso evidencia que os Estados Unidos apenas falam em desarmamento, mas de fato adotam uma posição antagonista. (Aplausos.)

A União Soviética está disposta, como no passado, a levar em consideração todos os desejos das potências ocidentais que não estejam em contradição com a tarefa de resolver o problema do desarmamento geral e completo. Mas esses desejos são muito poucos.

Estamos dispostos a estudar atentamente cada proposta da outra parte e a buscar e a encontrar caminhos reciprocamente aceitáveis pelos quais possa avançar a elaboração do tratado de desarmamento. Estamos dispostos a fazer o máximo esforço para que os trabalhos do Comitê dos 18 em Genebra se vejam coroados de êxito, para que, com o esforço conjunto, se confeccione um programa eficaz de desarmamento.

A opinião pública internacional pronuncia-se pela assinatura de um tratado de desarmamento e aconselha o que se deve fazer para eliminar as divergências. São interessantes neste sentido algumas formulações da mensagem que enviou ao Congresso o filósofo inglês Bertrand Russell.

Lord Russell disse: "Quisera que cada representante do Ocidente dissesse nas negociações: estou firmemente convencido de que a guerra nuclear é pior que a vitória mundial do comunismo". Quisera que cada representante do Oriente declarasse nas negociações: 'estou firmemente convencido de que a guerra nuclear é pior que a vitória mundial do capitalismo'. A parte que se negar a fazer tal declaração será tida como inimiga da humanidade, como partidária do extermínio da humanidade." (Aplausos.)

Os representantes do mundo socialista jamais declaramos que em prol da vitória do comunismo em escala mundial estamos dispostos a desencadear uma guerra nuclear. (Prolongados aplausos.) Lênin, nosso guia, proclamou já nos primeiros anos da revolução a política da coexistência pacífica dos Estados com diferentes regimes sociais e declarou que a luta contra o sistema capitalista devia travar-se no terreno da competição econômica. Mantemo-nos inteiramente nessa posição enunciada por Lênin. (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Não interpretamos a mensagem do sr. Russell como um convite para apresentar um ultimato: se não quiseris a guerra e a morte atômicas, reconhecei o comunismo, ou, ao contrário: se não quiseris a guerra nuclear reconhecei o capitalismo. Consideramos que se uma ou outra parte procura alcançar a vitória de sua ideologia, de sua política, aumentando suas forças armadas, recorrendo a ameaças guerreiras, as coisas marcharão, é claro, para uma guerra

mundial termonuclear. Declaramos, diante de todo o mundo que não queremos a política de desencadeamento de uma guerra mundial para lograr que vença a ideologia comunista (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Partimos do princípio de que no mundo há dois sistemas: um sistema de Estados baseia-se nos princípios capitalistas, e outro sistema baseia-se no marxismo-leninismo, nos princípios socialistas. Entre esses dois sistemas desenvolve-se uma luta ideológica e política. Pronunciemo-nos no sentido de que essa luta não se traduza numa guerra entre os Estados com diferentes regimes sociais que essas questões se resolvam em emulação pacífica. Que cada país socialista e cada país capitalista mostrem em pacífica disputa que regime é superior. (Prolongados aplausos.) Que sistema, o capitalista ou o socialista, assegure às massas populares mais bens materiais e espirituais, um nível de vida e de cultura mais elevado? Que sistema ofereça uma liberdade real ao indivíduo e assegure um impetuoso desenvolvimento das forças produtivas, da cultura e da ciência em benefício do homem, em benefício do povo? É isso que determina a superioridade de um ou de outro regime.

Consideramos que essas bases deve resolver-se a disputa de qual sistema, de que concepções são as mais progressistas, de qual sistema corresponde efetivamente aos interesses das massas populares. O sistema que demonstrar sua superioridade ganhará para si, ideologicamente, a humanidade. (Aplausos.)

O programa de desarmamento geral e completo proposto pelo governo soviético é a demonstração mais brilhante e completa de nosso afã de resolver as questões em litígio não mediante a guerra, mas à base da emulação pacífica. Além disso, exprime nossa certeza de que venceremos a emulação pacífica com o capitalismo. Por outro lado, os que se opõem ao desarmamento e falam da inevitabilidade da guerra entre os Estados capitalistas e socialistas não têm fé na força do capitalismo, não creem que possa vencer na emulação pacífica com o socialismo. Por isso, agarram-se à guerra nuclear como tábuas de salvação. Os representantes dos círculos governantes dos países ocidentais declaram aos quatro ventos que preferem a morte atômica à vitória do comunismo. Por exemplo, o sr. Pella, ex-ministro de Relações Exteriores da Itália, declarou: "A Itália preferirá correr o risco de ser vítima de uma agressão atômica da União Soviética a cair sob a dominação comunista." Lord Birdwood disse na Câmara dos Comuns, em 11 de fevereiro de 1959: "Preferiria ser aniquilado a viver num mundo comunista." O norte-americano Rodney Gilbert, autor do livro *A Coexistência Competitiva, Novo Desafio Soviético*, declara: "Mal-dita seja a paz se não vencemos o comunismo!" Até Donnelly, líder trabalhista de direita, protesta em tom histórico: "Preferiremos morrer a ser vermelhos." (Rumores de indignação.)

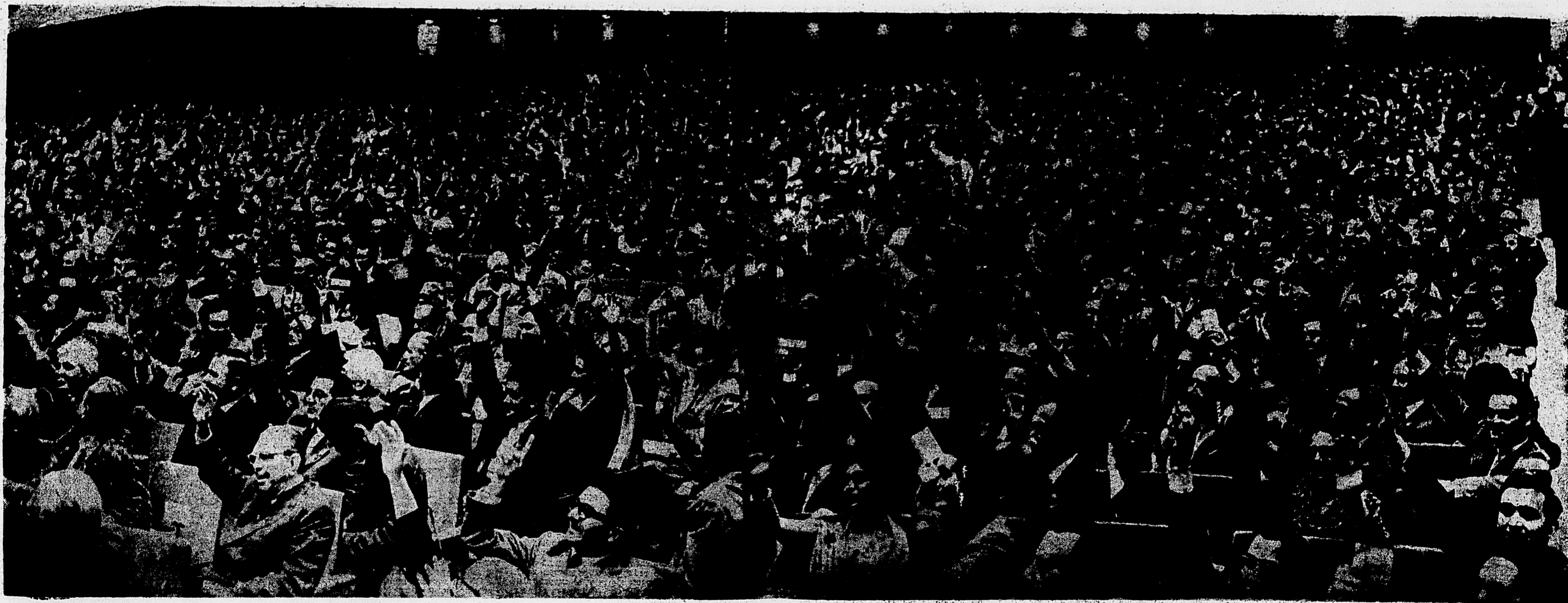
Essas declarações são muito perigosas. Evidenciam que alguns representantes do Ocidente querem passar a emulação da esfera econômica, do terreno da comprovação histórica das vantagens de um ou outro sistema, para o terreno da guerra. Isso significa que muitos defensores do imperialismo perderam a fé em que o capitalismo possa vencer na emulação com o socialismo e estão dispostos a desencadear uma guerra mundial de extermínio, a sacrificar milhões e milhões de vidas em prol da manutenção do capitalismo.

Os comunistas temos fé na força do socialismo, em sua superioridade, já demonstrada pela história. Em curto prazo, o socialismo demonstrou sua vitalidade, sua superioridade no ritmo de fomento da economia e no desenvolvimento da ciência, da técnica e da instrução pública, assim como no que se refere à concessão de verdadeiras liberdades às massas populares. As alturas atingidas hoje pela União Soviética são uma brilhante prova das vantagens do socialismo. Não tememos a emulação com o capitalismo. Que o capitalismo, como propõe o sr. Russell, renuncie à guerra e coloque sua disputa com o socialismo no plano da emulação pacífica. (Aplausos.)

A grande importância de nossa posição consiste em que a solução da principal questão litigiosa de nossa



UNIDOS
NA LUTA
PELA
PAZ!



época, a questão de qual é o melhor regime — e muitos representantes dos círculos governamentais do Ocidente vêem a isso primordial da inevitabilidade de choques armados neste ponto —, mas a paz para o terreno militar para o terreno da emulação pacífica entre os países com diferente regime social. Deste modo, surge a possibilidade de evitar para o gênero humano a guerra terminal.

A liquidação completa da máquina bélica é o meio radical para assegurar a paz. No caminho que a isso objetiva, o governo soviético não exclui, pelo contrário, considera necessário um acordo sobre a aplicação de uma série de medidas que contribuiriam para diminuir a tensão internacional, fortalecer a confiança entre os Estados e facilitar, consideravelmente, o desarmamento geral e completo. A nosso ver, essas medidas consistem em criar zonas desarmadas em várias regiões, renunciar à propagação da arma nuclear, retirar as tropas que se encontram em territórios de Estados estrangeiros, proibir a propagação da guerra e firmar um pacto de não-agressão entre os países da OTAN e os do Tratado de Varsóvia, etc.

Por exemplo, temos tentado várias vezes entrar em acordo com as potências ocidentais para aplicar um programa limitado de desarmamento, mas temos esbarrado, invariavelmente com a sua negativa.

Vejam, como exemplo, as propostas de desarmamento que submetemos a exame dessas potências, em 1955. Então, não se tratava de propostas que objetivassem um desarmamento geral e completo, mas somente o de reduzir as forças armadas da URSS e dos EUA em cerca de 1.500.000 homens. Certamente, essa cifra não surgiu por casualidade: as próprias potências ocidentais discutiram-na durante as negociações mantidas na época. E o que resultou? Que enquanto aceitamos o nível de 1.500.000 homens para a URSS e os EUA, tais potências bateram em retirada e rechaçaram esta proposta.

Em 1957, o governo soviético propôs que se chegasse, ao menos, a um acordo em relação as medidas parciais de desarmamento. Entre essas, incluíamos, então, também a proposta das próprias potências ocidentais de permitir a fotografia aérea de determinadas zonas para descobrir os preparativos secretos para a agressão. Os senhores recordarão, provavelmente, que o presidente Eisenhower propugnava, então, a idéia da fotografia aérea. Propusemos que uma dessas zonas fosse estabelecida na Europa, com uma profundidade de 300 quilômetros de cada lado da linha de demarcação das forças armadas da OTAN e das do Tratado de Varsóvia. Essa zona compreenderia a República Democrática Alemã, a Polónia e a Tchecoslováquia e uma vasta faixa do território soviético. Outra zona deveria englobar todo nosso Extremo Oriente, até o lago Balcal, e uma parte equivalente do território norte-americano. Naquele mesmo período, apresentamos mais uma proposta: a instalação de postos de controle nos entroncamentos ferroviários, portos e rodovias, para frustrar o perigo de uma agressão de surpresa. Levávamos, ao fazer isso, em consideração, também, os desejos das potências ocidentais.

E, muito bem, que aconteceu, que sorte tiveram nossas propostas em relação às zonas de fotografia aérea e aos postos de controle? Foram rechaçadas pelos Estados Unidos da América do Norte e as demais potências da OTAN, o que é de lamentar, pois é óbvio que se se lograsses então chegar a um acordo, à base de nossas propostas, o perigo de aparecimento de uma guerra hoje seria muito menor. Agora, quando os foguetes são o meio principal de nossa defesa e os generais da OTAN estão dispostos a vender a alma ao diabo para conhecerem seu lugar de lançamento, essas medidas não podem ser aplicadas senão no marco do desarmamento geral e completo.

O governo soviético abordou sob vários prismas o problema do desarmamento. Por exemplo, durante vários anos, vínhamos propondo que se chegasse a um acordo sobre a retirada de tropas estrangeiras do território alemão, ou, nos primeiros tempos, sobre a redução dessas tropas em um terço, a fim de diminuir a tensão na Europa, onde estão em

contato estreito as forças armadas de ambos os grupos de Estados. Mas, também esta proposta do governo soviético ficou no ar, devido à negativa das potências ocidentais.

Infelizmente, não querem que se chegue a um acordo no problema do desarmamento. Sua posição contrária manifesta-se com particular clareza na negativa em realizar um acordo sobre o cessar de todas as provas de todas as armas atômicas e de hidrogênio.

É claro que as provas não são ainda a guerra nuclear. Mas, já, agora, as suas consequências para a humanidade são muito graves. A nova e vasta série de provas efetuadas pelo governo dos EUA, conjuntamente com o da Inglaterra, foi um desafio à humanidade. Chegou-se ao extremo de os EUA efetuarem provas no cosmos, sem levar em consideração que a influência de tais provas pode resultar perigosa sobre as condições de vida dos homens.

O presidente Kennedy declarou: "Em nosso país não existe nenhum perigo para a saúde e nem existirá como resultado de nossas provas." O senhor Kennedy não disse a verdade à população de seu país. Os dados científicos modernos demonstram que as provas norte-americanas causam um dano imenso à saúde do homem. Além disso, na Terra não vivem somente os habitantes dos EUA, mas também os ingleses, os russos, chineses, japoneses, franceses, italianos e outros povos. E os que levam a cabo essas provas não consideram sequer necessário lembrar-se dessas povos e nem do prejuízo que causam à saúde.

Está claro para todos que ao levar a efeito uma nova série de provas de armas nucleares — a maior das efetuadas até agora —, os EUA e seus aliados querem assegurar-se das vantagens militares e acentuar o caminho agressivo. Há muitos anos vêm aplicando, obstinadamente, esta política, perigosa para a causa da paz. Os senhores se recordarão que, em 1958, a União Soviética cessou, em caráter unilateral, as provas de armas nucleares. E que fizeram os EUA, a Inglaterra e a França? Intensificaram a corrida armamentista. A França iniciou as provas de bombas atômicas. O bloco agressivo da OTAN começou a ameaçar-nos, abertamente, com a guerra, por causa do tratado de paz alemão. Nestas condições, a URSS viu-se obrigada a adotar medidas para aperfeiçoar sua arma nuclear, a fim de esfriar algumas cabeças quentes que propunham acabar com a Rússia "de um golpe".

Se não tivéssemos impedido o perigoso desenvolvimento dos acontecimentos no verão de 1961 teríamos cometido um crime ante o nosso povo e ante toda a humanidade. Todos que seguem os acontecimentos internacionais, sabem que o poderio nuclear e de foguetes da URSS é um meio decisivo na defesa da paz, e salvou, já mais de uma vez, a humanidade da guerra mundial que pretendiam desencadear os círculos imperialistas do Ocidente. (Aplausos.) Agora, quando os militaristas dos países ocidentais acentuam seu rumo agressivo, não podemos tampouco deixar de preocuparmo-nos com as medidas necessárias para fortalecer a potência defensiva da URSS e de todo o campo socialista.

Ao robustecer seu poderio, a União Soviética não atua somente em interesse próprio, mas sim em interesse de toda a humanidade, no interesse da manutenção da paz universal. Entretanto, não nos enusa nenhuma satisfação sermos obrigados a despendar muitas energias e meios na fabricação de armas modernas. Nossos cientistas e técnicos poderiam dar muito melhor aplicação a seus conhecimentos e experiência. O aperfeiçoamento das armas é para os países socialistas uma necessidade forçosa. Seria infinitamente melhor jogá-las ao mar. (Aplausos.) Pronunciemo-nos pelo desarmamento geral e completo. Estamos dispostos a assinar com todos os países que possuem armas nucleares um acordo de proibição de todas as provas de tais armas, o que constituiria um grande passo para o desarmamento geral. Mas, que ninguém espere de nós o desarmamento unilateral dos países socialistas! (Aplausos.)

O "gênio atômico", fugido de sua prisão, há muito já o teria sido, novamente, engarrafado, se as potências ocidentais a isso não se opuses-

sem. Hoje, não representa um problema o controle sobre a produção das provas. O estado da ciência moderna permite descobrir, facilmente, com a ajuda de meios nacionais de controle, qualquer explosão de arma nuclear. O acordo proibindo as provas dessa arma já de há muito estaria firmado se as potências ocidentais revelassem, nas negociações, uma parte, ao menos, da boa vontade que revela a URSS.

Na primavera do corrente ano, o governo dos EUA enviou ao estrangeiro, três delegações: uma às negociações de Genebra, outra à reunião do conselho da OTAN em Atenas e a terceira — a mais numerosa — à zona das Ilhas Natividade e Johnston, para dirigir as provas nucleares. Qual dessas delegações reflete mais claramente, com suas atividades, a verdadeira essência da política norte-americana? Pelos acontecimentos, julga-se a segunda e a terceira. E a delegação enviada a Genebra é uma espécie de "blanco". Há muito pouco tempo, em 18 de julho, Macnamara, secretário de Defesa dos EUA, declarou: "Se não atuarmos tendo como base as posições de forças, não podemos confiar em aproximarmos de nosso objetivo".

As explosões que se efetuam atualmente sobre a ilha de Natividade não são outra coisa senão a realização prática desta política. Tais provas são um golpe nas esperanças dos povos. Mas, não podem nem debilitar nem fazer vacilar a nossa decisão de lutar pelo desarmamento, pelo cessar das explosões nucleares em todas as partes e para sempre. A própria História exige cada dia de um modo mais imperioso: é preciso que se destruam todas as armas e meios de guerra! (Aplausos.)

Presados delegados: Permitam-me agora que diga algumas palavras acerca do problema alemão. Este problema não tem relação direta com o desarmamento, mas está intimamente ligado a ele. Seu acordo pacífico e a normalização, sobre esta base, da situação de Berlim ocidental afrouxariam a tensão internacional e criariam uma boa base para fazer avançar também a obra de desarmamento. Isto é melhor compreendido cada dia que passa por numerosos estadistas.

Efetivamente, quem aspira à paz não pode deixar de sentir profundo alarma, já que o foco de perigo bélico no centro da Europa torna-se cada dia mais sinistro. O militarismo e o revanchismo germânicos, que causaram aos povos incalçáveis sofrimentos, foram amamentados, novamente, na Alemanha ocidental pelos monopólios dos EUA e empreendem, com crescente descaramento, o caminho da agressão, o caminho das aventuras. Embora o chanceler Adenauer se apresente como inimigo do regime hitlerista, ele se apóia nos oficiais e generais nazistas e, no fundo, aplica a política hitlerista. Eis, aqui, alguns fatos.

Durante o tempo que vem governando, Adenauer gastou para armar a Alemanha ocidental mais do que gastou Hitler nos preparativos da Segunda Guerra Mundial. Em 1933/1939, Hitler gastou, com fins militares, 90 bilhões de marcos; o chanceler Adenauer gastou, para os mesmos fins, somente em 1950/1961, 100 bilhões de marcos. Estas cifras fazem a humanidade amante da paz pensar, pois são cifras de morte e de sofrimentos para os povos. Concedeu-se aos generais hitleristas o direito de comandar as forças terrestres da OTAN na Europa. Alguns países europeus já começam a desfilar ao som da música guerrelha dos revanchistas de Bona, e até grandes potências já começam a marcar o passo.

Os militaristas da RFA opõem-se furiosamente ao desarmamento e à atenuação da tensão internacional. Moltke, um dos ideólogos do militarismo alemão, declarou, clinicamente, em 1874: "A paz eterna é um sonho, que, por certo, nada tem de bonito." Desde então muitas coisas mudaram no mundo. Entretanto, a ideologia do militarismo alemão continua sendo canibalesca. O ministro da Guerra, Strauss, opõe-se com todas as suas forças a qualquer plano de desarmamento. A camarilha militarista de Bona esforça-se para conseguir a bomba atômica, e como demonstrou a reunião do conselho da OTAN em Atenas, isto já se aproxima.

Bona não oculta os seus planos de revisão violenta dos resultados da

Segunda Guerra Mundial, de revisão das fronteiras da Alemanha estabelecidas pelo Acordo de Postdam. O ministro germano-ocidental Seeborn declara: "A Tchecoslováquia, Polónia e a União Soviética não devem abrigar a esperança de que tenhamos renunciado às terras além do Oder-Neisse". Complementa-o o primeiro-ministro de Schleswig-Holstein, von Hassel: "Nossas reclamações territoriais vão muito além da linha do Oder-Neisse. Queremos passar de novo as velhas regiões de domínio alemão".

Chega-se ao máximo de agitação política alemã — entre eles, o Sr. Brandt — permitiram-se dirigir ameaças aos países socialistas.

Quando se ouvem essas ameaças e se examinam as obras dos políticos de Bona, surge a dúvida de se eles vivem em 1962 ou se os ponteiros de seus relógios pararam no período das campanhas de anagnão hitleristas. (Animação.)

A União Soviética é partidária de pôr para sempre pedra e cal na Segunda Guerra Mundial, realizar o tratado de paz com os Estados alemães e, sobre esta base, normalizar a situação em Berlim ocidental, que pode levar a uma explosão.

Poder-se-ia crer que esta é a única posição possível e lógica. Entretanto, os governos dos EUA, Inglaterra e França opõem-se à assinatura do tratado de paz alemão. Procuram eternizar o regime de ocupação na Alemanha ocidental, e ali manter suas tropas. Mas, acaso é possível tolerar a existência, no centro da Europa, de um barril de pólvora perto do qual colocam um pavio aceso? Isso corresponde aos interesses da população de Berlim ocidental ou a de qualquer outro país?

Isto corresponde unicamente aos objetivos dos fabricantes de armas mortíferas e dos revanchistas da Alemanha ocidental. A verdade é que os estadistas dos países ocidentais, de quem depende a conclusão do Tratado de Paz, sabem-no muito bem mas se abstêm para não desagradar seu aliado, o chanceler Adenauer. A Alemanha ocidental e o seu exército já estão se convertemo no núcleo fundamental das forças agressivas da OTAN e, cada dia mais, determinam a política deste bloco. Os que se consideram líderes dão asas aos revanchistas germano-ocidentais, argumentando que não se deve romper a unidade dos países do Ocidente. Sob a palavra-de-ordem de conservar a unidade de tais países, isto é, dos países da OTAN, seguem a roboque das forças agressivas da Alemanha ocidental.

Não se pode deixar de ver outra coisa. A atual ocupação de Berlim ocidental não é, desde há muito, a ocupação que se tinha em vista quando se firmaram os acordos quadripartites dos aliados depois da derrota da Alemanha hitlerista. Nesses acordos assinalava-se o objetivo de acabar com o militarismo alemão e o nazismo, e de frustrar a ameaça de uma nova guerra por parte da Alemanha. Hoje, ao contrário, Berlim ocidental ocupada assemelha-se a uma base militar especial da OTAN, com tropas das potências integrantes do bloco agressivo, enfileirada contra os antigos aliados: a União Soviética, a Polónia, a Tchecoslováquia e outros países que lutaram contra a Alemanha hitlerista.

Somos partidários de que se conceda a Berlim ocidental, como unidade política independente, as mais firmes garantias internacionais e de que se reconheça à sua população o direito de determinar livremente o seu modo de vida (Aplausos). As potências ocidentais, muito ao contrário, não se preocupam com a sorte da população de Berlim ocidental, mas sim em conservar ali sua base militar.

O governo soviético deu uma série de passos objetivando atingir a decisão aceitável para ambas as partes, cedendo a que, em determinadas condições, as tropas de ocupação em Berlim ocidental sejam substituídas por tropas da ONU ou de países neutros. Devido a não se ter chegado a um acordo sobre esta questão, propugnamos que em Berlim ocidental se acantonem tropas da Noruega e Dinamarca ou da Bélgica e Holanda e também tropas da Polónia e Tchecoslováquia. Como é natural, essas tropas dever-se-iam apresentar sob

a bandeira da ONU, e não representar os blocos militares existentes. O tempo não pára! Se as potências ocidentais não expressam o desejo de contribuir para liquidar os restos da Segunda Guerra Mundial, os países socialistas e os outros Estados não lhes restará outra saída senão renunciar e tratar de paz com a República Democrática Alemã, com todas as consequências inerentes a esse ato. (Prolongados aplausos.)

O exemplo do Laos prova que, existente o desejo de se chegar a um acordo, podem-se encontrar caminhos para resolver os problemas internacionais mais complexos e intrincados. A liquidação dos restos da Segunda Guerra Mundial é uma necessidade vital para a causa da paz, e não se pode prolongar mais a solução deste problema. A exclusão das guerras da vida da sociedade e o estabelecimento de uma firme paz na Terra, constituem um dos objetivos mais desejados pelo povo soviético e seu governo.

Em seu conhecido *Canto de Estivação*, o destacado poeta norte-americano Henry Longfellow exortava, já no século passado, a "Reunir todas as tribos da Terra" e propunha:

"Enterrai a tocha da guerra..."

Fumai juntos o Cachimbo da Paz..."

Embora não seja fumante, para mim seria uma alegria fumar o cachimbo da paz com os dirigentes de todas as potências! (Animação. Clamorosos e prolongados aplausos.)

III. UM MUNDO SEM ARMAS, GRANDE BEM PARA TÓDA A HUMANIDADE

A paz, como disse Martin Andersen Nexø, destacada personalidade da cultura mundial, é necessária "para trabalhar, para divertir-se, para tornar bonita a vida". O desarmamento e a paz poderiam fazer brotar veias verdadeiramente inesgotáveis de criação, que hoje o militarismo cega. Enormes recursos que hoje se atiram na consecução dos preparativos bélicos poderiam destinar-se a satisfazer muitas importantes necessidades da humanidade.

Nos últimos tempos, o problema do desarmamento desperta a atenção de camadas cada vez maiores dos países ocidentais, incluindo os EUA. Em uma série de casos, os cientistas analisam lucidamente as óbvias consequências sociais e econômicas do desarmamento geral.

As conclusões a que chegaram um grupo de especialistas, que, sob a recomendação da ONU, preparou há pouco um informe acerca das consequências sócio-econômicas do desarmamento, são dignas de atenção. Sublinha-se, no referido informe, que o desarmamento teria consequências benéficas e melhoraria a situação dos povos de todos os países. Se os governos canalizassem, decididamente, os meios destinados às esferas militares às civis, veríamos, como se diz no informe, que "nenhum país experimentaria temores de que lhe faltassem esferas de aplicação pacífica dos recursos disponíveis em consequência do desarmamento.

Não obstante, os ideólogos do *business* militar, especialmente nos EUA, inculcam inverdades nas pessoas, declarando que os gastos enormes do Estado no armamento são um meio de "florescimento econômico" e que o desarmamento só traria consigo o desajuste da economia e o aumento do desemprego." Acaso não é repugnante, não é monstruosa a idéia que coloca em dependência a produção maciça de armas de extermínio à possibilidade de desenvolver a economia e de haver trabalho e receitas asseguradas? (Aplausos.)

A vida desmascara a falsidade das conclusões econômicas a que chegam os inimigos do desarmamento. O aumento dos gastos de guerra única e efêmera e insana da produção industrial e, afinal de contas, leva ao marasmo econômico e ao desemprego em massa. Efetivamente, em que países capitalistas alcançaram maiores proporções, ultimamente, os gastos em armamentos? Sobre tudo, nos Estados Unidos e logo a seguir na Inglaterra. Em que países capitalistas foi mais baixo, nesses mesmos anos, o ritmo de desenvolvimento industrial? Nos EUA e na Inglaterra.

Os militaristas e os monopolistas, que extraem lucros inauditos da pro-

dução de armamentos, acusam os demais dizendo que, em caso de desarmamento, milhões de homens ficariam sem trabalho e adviria uma "catástrofe econômica". Semelhante ponto de vista carece de fundamento. Ao contrário, o desarmamento traria vantagens econômicas reais a todas as camadas da população dos países capitalistas, e, em primeiro lugar, à classe operária, aos camponeses e às camadas médias da cidade, descarregando-as do insuportável peso dos impostos.

Convém recordar aos fabricantes, aos cientistas, aos operários, aos engenheiros, cujo bem-estar depende hoje da carreira armamentista, do sinistro "business da morte", o magnífico drama do escritor antifascista alemão Bertold Brecht "Mão Corajosa e Seus Filhos". Pinta-se, na referida obra, a imagem trágica de uma vendadora ambulante que vive da guerra, mas esta lhe arrebatou, um após outro, todos os seus filhos, ficando com que a vida da mulher perca todo o sentido, todo objetivo. De mesmo modo, os preparativos de guerra, depois das vantagens aparentes e passageiras do dia de hoje, exigirão, amanhã, um pagamento terrível: a vida, a saúde e o futuro dos filhos e dos netos.

Naturalmente, o desarmamento, por si só, não vai resolver todos os problemas sociais. Contudo, a cessação do louco desperdício de forças e meios para produzir armas de extermínio e a inversão dos referidos fundos em fins pacíficos exerceriam, sem dúvida, uma influência benéfica na economia de todos os países. Milhões de habitantes, inclusive de um país capitalista tão rico como os EUA, sentem uma aguda necessidade de habitações, hospitais e escolas. O presidente mesmo declarou que na América do Norte existe "muita gente analfabeta e sem instrução" e, ao mesmo tempo, faltam ali mais de 127 000 salas de aula.

Para a construção de escolas e hospitais e para melhorar a vida do povo, não há meios; porém em armas de extermínio gastam-se milhares de milhões de dólares. O desarmamento permitiria encontrar meios para satisfazer as necessidades imperiosas do povo norte-americano. Segundo cálculos de economistas estadunidenses, o governo dos EUA poderia inverter nestes fins, durante os cinco anos que se seguiriam ao desarmamento, a soma de 330 bilhões de dólares. Para derrubar as pocilgas construir habitações e condutos de água corrente, seriam necessários 160 bilhões de dólares; para edificar escolas e para a instrução, 30 bilhões; para saúde pública e hospitais, 25 bilhões; para construir estradas e para outros fins, 105 bilhões. Ante tais cifras, cai por terra o mito de que se o desarmamento fosse levado a cabo, não haveria com que compensar o chamado mercado militar estatal.

O desarmamento seria benéfico para a economia de todos os países do Ocidente. Só sairia perdendo um miserável punhado de fabricantes de armas, que se veria impedido de saquear os povos no cumprimento de encargos de produção de material bélico. E, quanto mais cedo isso se desse, mais sairiam ganhando os povos. Porém, os fabricantes de armas, se não subsiste algo de humano, poderiam também reorganizar suas empresas para produzirem, em lugar de meios de extermínio, meios destinados a satisfazer as necessidades do povo. (Aplausos.)

Com o desarmamento sairiam ganhando enormemente os países subdesenvolvidos, que emprenderiam, no aspecto econômico, o cumprimento das gigantescas tarefas ligadas ao ressurgimento nacional, e os povos que lutam para se desafiarem do jugo colonial.

A libertação dos povos das garras da escravidão colonialista é um grande processo progressivo. A União Soviética após resolutamente a santa e justa luta dos povos contra o colonialismo. (Prolongados aplausos.) A posição da União Soviética é precisa e clara: Nem na Ásia, nem na África, nem na América Latina, em nenhuma região do mundo, deve haver um povo aprisionado com os grilhões do colonialismo; todos os povos devem ser livres! (Clamorosos aplausos.) A luta pela libertação nacional e a luta pelo desarmamento e pela paz estão estreitamente vinculadas. (Aplausos.) A luta pelo de-

sarmamento geral facilita a luta pela independência nacional. E, por sua vez, os êxitos do movimento nacional-libertador fortalecem a causa da paz, contribuindo para robustecer a luta pelo desarmamento. (Aplausos.)

Os colonizadores sempre impuseram e sustentaram seu domínio pelas armas. Naturalmente, se se privassem das armas as forças colonialistas, seriam arrancados todos os chifres (Aplausos). Eliminar-se-ia para sempre a possibilidade de retornos colonialistas e escovar-se-iam definitivamente as alianças que ainda lhe restam. Gostaria de sublinhar, uma vez mais, que, nas propostas soviéticas de desarmamento geral e completo, trata-se, antes de tudo, da destruição das modernas armas de extermínio. Essas armas não se acham nas mãos dos lutadores contra o colonialismo. O desarmamento implica o desarmamento das forças belicistas, na liquidação do militarismo, na exclusão da intervenção armada nos assuntos internos de qualquer país, na supressão absoluta, definitiva, de todas as formas de colonialismo. (Prolongados aplausos.) Por isso, corresponde plenamente aos interesses do desenvolvimento do movimento nacional-libertador. Num clima de paz firme, ninguém poderá impedir o progresso da luta de libertação nacional dos povos destes países e nem a conquista de uma independência política e econômica absoluta.

Hoje, os países economicamente subdesenvolvidos gastam em fins militares de 5 a 6 bilhões de dólares por ano. É uma soma colossal, para Estados que necessitam literalmente de cada centavo para sair da miséria e do atraso. Não há dúvida de que, num ambiente de paz, que os elimine dos gastos militares, os países subdesenvolvidos poderiam desenvolver mais rapidamente sua economia e alcançar a independência econômica.

O desarmamento criaria as condições necessárias para que se ampliassem enormemente as proporções da ajuda que se presta aos jovens Estados nacionais. Se fossem destinados a isso ainda que somente 8 ou 10% da soma total de 130 bilhões de dólares que se investem atualmente no mundo para fins militares, no transcurso de 20 anos se poderia acabar com a fome, com as enfermidades e com o analfabetismo, nas zonas que sofrem desses flagelos. Uma quinta parte dos meios que se gastam em fins militares bastaria para construir 96 usinas metalúrgicas gigantes, como a de Bhilai, na Índia, que pode fundir 2 500 000 toneladas de aço por ano, ou 17 obras imensas como a represa de Assuã, na República Árabe Unida. Tal soma seria suficiente para criar de 30 a 40 centros industriais energéticos de importância mundial; por exemplo, poderosos conjuntos industriais nas cabeceiras dos rios africanos Nilo, Niger, Congo e Zambesi, assim como no Saara, nas cabeceiras dos grandes rios asiáticos Indo, Ganges, Mekong, ou ao pé dos Andes e nos rios da América do Sul.

Desnecessário demonstrar quão benéfica seria a influência exercida por tudo isso no desenvolvimento dos jovens Estados nacionais, e que gigantesco impulso imprimiria à sua industrialização e ao seu progresso. No transcurso dos próximos vinte ou vinte e cinco anos, esses Estados poderiam superar, em medida considerável, seu atraso econômico, e poderiam se aproximar do nível industrial de países como a Inglaterra e a França.

Indubitavelmente, esse desenvolvimento dos jovens Estados nacionais exigiria a sua estreita colaboração com os países de indústria desenvolvida. A principal condição dessa colaboração seria uma verdadeira igualdade e a vantagem recíproca. O que conduziria à ampliação da produção e proporcionaria trabalho a muitos novos milhões de homens em todos os países.

Calculou-se que com os meios que o mundo gastou em fins militares durante a última década, poder-se-ia acabar com a crise de habitação em todos os países. Se fosse realizado o desarmamento geral e completo, em vinte ou vinte e cinco anos duplicaria amplamente a soma

de riquezas disponíveis de toda a Terra.

É necessário demonstrar que os povos da União Soviética e de todos os países socialistas estão vitalmente interessados no desarmamento? Conforme já dissemos, a corrida armamentista faz com que a União Soviética e os demais países socialistas se vejam obrigados a gastar grandes meios para fortalecer a sua defesa. Substituímos empregar devidamente, para fins pacíficos de edificação, para a felicidade do povo, os meios que ficam disponíveis graças ao desarmamento.

No outono passado, o XXII Congresso do PCUS aprovou, nesta mesma sala, o novo Programa do Partido. Não se estipula a realização de um trabalho de criação de valores materiais e espirituais titânica, sem precedentes na multissécular história da humanidade. Permitam-me que mencione algumas cifras e fatos que dão uma idéia da envergadura das tarefas que se atribuem a povo soviético.

Estamos dispostos a conseguir, dentro de vinte anos, a indústria da União Soviética produza quase o dobro daquilo que produz hoje a indústria de todos os países do mundo não socialista. (Aplausos.) Em 1950, produz-se-ão, por exemplo, uns 3 000 000 000 de kilowatts-hora de corrente elétrica, quer dizer, uma vez e meia mais do que produz todo o mundo capitalista em 1951. (Aplausos.) Atribuímo-nos a grandiosa tarefa de alcançar plena abundância de todos os bens e assegurar a passagem à realização do princípio: de cada um segundo sua capacidade; a cada um segundo suas necessidades. (Prolongados aplausos.)

A inusitada envergadura de nossos planos de construção é bem eloquente. Inclusive muitos dos nossos inimigos reconhecem, hoje, que quem traça e realiza tais planos deve estar vitalmente interessado numa paz firme. Lançamos o nosso olhar muito longe, planejamos para anos, para décadas, e a guerra não cabe em nossos planos, em nossos cálculos, no ritmo cada vez mais acelerado da nossa edificação, que permite comparar a titânica comunidade dos países socialistas, que se estende do Báltico ao Pacífico, com uma obra gigantesca. (Aplausos.)

A política de paz da União Soviética e dos demais Estados socialistas provém diretamente de sua própria essência social e é organicamente inerente a ela. Em nosso sistema econômico e social, não há "alimento" algum para o militarismo, para a política de rapina, para o *business* militar. Não há em nosso país classes, grupos, ou pessoas isoladas que tendam a conquistar territórios alheios, mercados de venda exteriores ou esferas de inversão de capitais; não há gente que lucre na conta dos pedidos estatais de material de guerra. Em nosso país, não o pode acontecer que alguns grupos aticem a psicose militarista, amedrontando o parlamento com o objetivo de conseguir que se elevem as verbas para armamento e se aumentem os impostos que a população paga. Dispomos de todos os recursos necessários. É alheio à União Soviética qualquer afã de recortar fronteiras adquirir novos territórios ou submeter economicamente outros países.

Por sua própria natureza, aos países socialistas é organicamente inerente o anseio de paz e a eles são alheios os desígnios de agressão a outros povos. O Partido Comunista da União Soviética e os outros partidos comunistas exortam sempre à amizade entre os povos e não à agressão de uns povos contra outros. (Aplausos.)

Naturalmente, nos países capitalistas, processa-se a luta de classe, fenômeno inevitável porque engendrado pela divisão da sociedade em classes. O desenlace da luta de classe, a escolha do modo de vida e do regime é assunto interno da população de cada país.

Os comunistas de todos os países, reunidos em sua Conferência de 1960, aprovaram o Apelo aos Povos, em que proclamaram solenemente que consideram sua causa santa a luta por manter e consolidar a paz. (Prolongados aplausos.)

Em nosso programa de edificação para vinte anos, define-se tam-

bém e objetivo principal da política externa soviética. Consta em assegurar condições pacíficas para a edificação da sociedade comunista na URSS e para o desenvolvimento do sistema socialista mundial; consiste em libertar a humanidade, junto com todos os povos pacíficos, de uma guerra mundial de extermínio. (Aplausos.)

Na nossa bandeira, inscrevemos grandes ideais: Paz, Trabalho, Liberdade, Igualdade, Fraternidade e Felicidade para todos os povos. (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Lênin proclamou que o desarmamento era o ideal do socialismo. Em 1922, em Gênova, onde se celebrou a primeira conferência internacional de que participou o Estado soviético, os representantes de nosso país propuseram, por encargo de Lênin que se levasse a cabo o desarmamento geral e se licenciassem os exércitos permanentes. Era a primeira vez, na história da humanidade, que um Estado propunha realizar o desarmamento geral. Orgulhamo-nos de que essa proposta partisse do nosso Estado socialista, de Lênin, chefe do nosso governo. (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Entre Gênova e Genebra, entre 1922 e 1962, medeia um longo período histórico, no qual se produziram, em nosso planeta, mudanças muito profundas. Porém, hoje, a posição soviética em relação aos problemas do desarmamento continua a ser, em princípio, a mesma de há quarenta anos.

Pronunciemo-nos e continuamos pronunciando-nos pelo desarmamento, fazemos todos os esforços possíveis para consolidar a paz geral. As propostas mais radicais orientadas no sentido da consolidação da paz — assinatura do tratado alemão de paz, proibição das provas e destruição de todas as armas nucleares, criação de zonas desarmadas, redução das forças armadas, assinatura de um pacto de paz, solução de todas as questões litigiosas mediante negociações e, por último, como coroa de todas elas, o projeto de Tratado de Desarmamento geral e completo — partiram e partem da União Soviética. (Prolongados aplausos.) Lutamos pela paz e pelo desarmamento quando éramos ainda débeis, no aspecto militar. Também lutamos pelo desarmamento e pela paz, agora, que dispomos — e para que ocultá-lo? — de armas mais perfeitas do que as de qualquer outra potência. Acaso não é essa a melhor demonstração de que a União Soviética não quer a guerra? (Clamorosos aplausos.)

Nós mesmos, dando um passo unilateral, reduzimos nossas forças armadas em 2 140 000 homens, de 1955 a 1958. Renunciamos às bases militares. Acaso um Estado pode-se permitir uma redução tão grande em suas forças se está preparando-se para a agressão? Só o pode fazer um Estado que trabalha pela paz. E lamentamos que nosso exemplo não seja seguido pelos países com quem mantemos conversações acerca do desarmamento. Na quarta sessão do Soviete Supremo da URSS, em 1960, decidiram-se reduzir os efetivos das Forças Armadas soviéticas em mais um terço, em 1 200 000 homens. A União Soviética se pôs a aplicar essa decisão e foi a descarrada ameaça dos países ocidentais de desencadear a guerra contra a URSS que nos obrigou a suspender a desmobilização dos soldados e oficiais.

Se a União Soviética e os outros países socialistas não se vissem ameaçados pelas forças agressivas ocidentais, armadas até os dentes, licenciariamos os nossos exércitos e reorganizaríamos por completo a indústria de guerra para que produzisse com fins de paz. Nos últimos quatro anos, gastamos anualmente em meios de defesa uns 10 bilhões de rublos novos. Não dá trabalho imaginar em que medida se aceleraria o cumprimento de nosso gigantesco programa de edificação se esses enormes meios se destinassem a satisfazer as necessidades da construção pacífica. Porém, enquanto existirem forças imperialistas agressivas, teremos que produzir poderosas armas modernas, teremos que manter as forças armadas necessárias, teremos que sustentar a potência defensiva da URSS em um nível que assegure a derrota decisiva e absoluta do agressor. (Aplausos.) Mas estamos dispostos, se tam-

bém o fizerem os países capitalistas, a nos desarmar amanhã mesmo.

A realização do desarmamento geral e completo seria, verdadeiramente, uma mudança histórica na vida de gênero humano, uma passagem da época das guerras para uma época de paz firme na Terra. Esta passagem histórica pode ser realizada. Deve ser realizada. Tudo depende das massas populares, de sua tenacidade e de sua decisão. (Prolongados aplausos.)

IV. OS POVOS PODEM E DEVEM CONSEGUIR QUE SE EFETUE O DESARMAMENTO, PODEM E DEVEM MANTER A PAZ

A humanidade pode e deve viver sem guerras. Na época atual, as guerras não são fatalmente inevitáveis. Porém a paz tampouco é.

Se alguém se pergunta: podem os povos hoje, deter a corrida para a morte, para uma nova guerra? Respondemos categoricamente: sim, podem. Atualmente, existem forças reais, forças poderosas, que podem salvaguardar a paz. São a União Soviética e o sistema socialista mundial, que levantou uma sólida barreira no caminho que leva ao desencadeamento de uma nova guerra mundial. São muitos jovens Estados soberanos, entre os quais grandes potências como a Índia e a Indonésia, que se pronunciam pelo desarmamento geral e pela consolidação da paz. (Prolongados aplausos.) São as forças pacíficas de todos os países que lutam para suprimir a própria possibilidade do desencadeamento de conflitos armados.

O movimento mundial dos partidários da paz, encabeçado pelo Conselho Mundial da Paz, e as diferentes organizações de lutadores pela paz trazem uma grande contribuição à nobre causa da defesa da paz. Vieram ao Congresso representantes de muitas novas organizações que se incorporaram à batalha pela paz. Isso evidencia que o movimento dos lutadores pela paz se fortalece e se estende.

A luta que desenvolvem pela paz os melhores representantes dos povos dos países capitalistas traz consigo grandes dificuldades. Sobre esses valentes, verdadeira encarnação da consciência da humanidade, descarrega-se uma avalanche de pressões. Mas, a despeito das dificuldades, prosseguem impetuosos sua nobre obra. A humanidade, agradecida jamais esquecerá os seus esforços. (Clamorosos aplausos.)

Naturalmente, não se pode confiar em que os senhores militaristas se desarmem de bom grado. Os círculos belicistas oferecem e continuarão a oferecer uma resistência feroz ao desarmamento. Nunca devemos esquecer que, enquanto exista o militarismo na Europa e na América do Norte, enquanto exista esse foco de tempestades e pesadas nuvens bélicas, continuará existindo o perigo de guerra. Porém, no mundo há, atualmente, forças capazes de obrigá-los a aceitar o desarmamento. (Aplausos.)

A nossa geração couberam duras provas e a ela corresponde uma grande responsabilidade. Se sairmos vitoriosos dessas provas, se pusermos um freio às forças agressivas, forjaremos um amanhã seguro para a humanidade.

Aquêles que pensam no amanhã, na felicidade de seus filhos, não podem deixar de compreender que, se é verdade que nestes anos se tem feito muito para manter e consolidar a paz, tem-se, todavia, que fazer mais cem, mil vezes mais.

Claro que nos EUA, Inglaterra, Alemanha ocidental, França e outros países integrantes dos blocos agressivos, há grandes forças que desenvolvem uma eficiente luta para consolidar a paz, para fortalecer a compreensão entre os países e entre os povos, para tornar realidade a grande idéia do desarmamento geral e completo. Nesta luta participam não poucos representantes das classes governantes, que avallam com lucidez, com realismo, a atual situação do mundo.

Mas se falamos de coração, temos de reconhecer que no Ocidente muitos não viram toda a profundidade do perigo de guerra termonuclear e por isso não participam da luta ativa pelo desarmamento e pela paz. Não se incorporaram na luta

pela paz muitos sindicatos, grandes destacamentos da classe operária, dos camponeses, dos intelectuais, que, juntamente com os atuais lutadores pela paz, podem obrigar os círculos governantes do Ocidente a respeitar a vontade dos povos. Muita gente tem sido enganada pelos programas dos partidos que se limitam a pronunciar belas palavras de paz — sobretudo durante as campanhas eleitorais —, mas que, de fato, quando constituem o governo, impulsionam a corrida armamentista. Não obstante, os partidos que tiveram a ver com a criação dos blocos agressivos da OTAN, da SEATO e da SENTO obtêm várias vezes mandatos dos eleitores para constituir o governo.

É um fato inubitável — e uma das dificuldades da presente situação internacional — que os centros dirigentes dos principais partidos burgueses dos países ocidentais e muitos líderes direitistas dos partidos social-democratas pregam a carreira armamentista. Tomemos, por exemplo, os EUA. Há ali o Partido Democrata e o Partido Republicano. Entre eles há disputas — às pessoas pouco amadurecidas em política é impossível compreender sua essência —, mas no que se refere à preparação da guerra, o elefante republicano e o asno democrata puxam um mesmo carro. (Animação, aplausos.) A mesma situação se observa na Alemanha ocidental. A regra é marcada pelo Partido da guerra e da revanche, encabeçado por Adenauer, e a cúpula do Partido Social-Democrata lhe faz cópia. Na Inglaterra, na questão vital de guerra ou paz, a direção direitista do Partido Trabalhista, a despeito da vontade da grande maioria de seus militantes e dos associados das trade-unions, acompanha os conservadores e apóia ativamente suas medidas belicistas. Idêntico é, no fundamental, o panorama que oferece o campo governante da França. Quanto aos demais países integrantes da OTAN, da SEATO e da SENTO, acham-se subordinados por completo e não têm voz decisiva nas questões de guerra ou paz. Na Noruega e na Dinamarca, os governos são encabeçados pelos social-democratas. Porém, em vez de refletir a vontade da classe operária de todo o povo trabalhador, que não quer a guerra, acompanham as forças militaristas e participam dentro da OTAN, de um bloco agressivo, na aprovação de medidas orientadas a intensificar a corrida armamentista.

Devemos dizer francamente que há uma enorme contradição entre a vontade dos povos, conscientes do perigo que suporia uma nova guerra mundial, e a intensificação dos preparativos para tal guerra nos países ocidentais. Certa passividade de muitas camadas da população dos países ocidentais na luta pela paz e a subestimação de suas próprias possibilidades fazem o jogo dos incendiários de guerra.

O desarmamento geral e completo é verdadeiramente um grande objetivo e exige grandes ações e grandes esforços de todos os povos. Com plena consciência da responsabilidade, com plena consciência da gravidade do momento, quisera dirigir-me desta tribuna a todos os homens e mulheres, sejam quais forem sua posição social e suas convicções, a toda a geração que sofreu os horrores da guerra e à juventude que só a conhece pelos relatos dos mais velhos: Chegou a hora de agir! Em nome da vida na Terra, em nome da felicidade de todos os homens, em nome do futuro da humanidade, há que exigir firme e resolutamente a proibição das armas atômicas e o desarmamento geral! (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Com ações energicas, o povo pode obrigar os promotores da guerra a se retirarem da cena política, pode conseguir que os governos mudem de rumo e que seja completamente outro o clima das relações internacionais. Mas para isso se necessitam de ações, ações e mais ações de todas as forças populares. Esse é o nó da questão!

Os operários, que, com suas famílias, constituem mais da metade da população dos países capitalistas desenvolvidos, podem dizer palavras de muito peso na defesa da paz. A classe operária, integrada por muitos milhões de homens, essa classe criadora, a que está aliado o espírito de destruição, está chamada pela

História a pôr fim aos fanáticos do átomo, a salvar a humanidade do perigo mortal que se lança sobre ela.

Os camponeses, que são o segundo importantíssimo destacamento das forças populares, estão também vitamente interessados em conjurar o incêndio de uma guerra termonuclear. Chegou a hora em que a voz das amplas massas camponesas contra a guerra deve soar em todo o mundo.

Podem as mulheres, que são a vida as novas gerações, deixar de manifestarem nas condições atuais uma atividade particular, inaudita, atrevo-me a dizer, na luta contra as forças que ameaçam desencadear uma guerra nuclear? Essa guerra converteria o luminoso mundo das crianças em um mundo de orfãos mutilados!

As jovens de todos os sexos? Por acaso não depende delas, em medida considerável, a solução do problema crucial de nossa época? A guerra é para a juventude o desenvolvimento de todas as suas capacidades, a ruína de todas as suas esperanças. A paz e uma subjuguente perspectiva de criação, de descoberta dos sonhos, de multiplicação das riquezas da humanidade, de descobrimento dos segredos do Universo. (Prolongados aplausos.)

Quisera dizer que jamais foi tão importante o papel dos intelectuais dos cientistas, destes magos da cultura espiritual, destes descobridores de novos e novos segredos da natureza. Alegro ver que muitos cantistas e outros intelectuais se dão conta do perigo que implicam para a humanidade as mortíferas armas modernas e dão o alarme, chamando todos os povos para porem fim, enquanto há tempo, as forças da guerra. Os homens jamais esquecerão o grande cientista francês Joliot Curie, que até o último instante de sua vida foi um inspirador exemplo de dedicação à causa da paz. (Clamorosos e prolongados aplausos.)

Por acaso os cientistas e os técnicos que participam na criação de bombas A e H, de foguetes, de aviões militares, de submarinos e de navios de guerra podem livrar-se da responsabilidade do emprego dessas armas mortíferas para agredir países pacíficos? A situação nos países ocidentais é tal que os representantes da ciência e da técnica e os trabalhadores criam armas de poder destrutivo sem precedente, por um deles dispõe a reduzida cúpula dos monopólios capitalistas. A consciência e a razão dos homens de ciência e dos técnicos não podem resignar-se com que os poderosos meios criados por eles se dirijam contra a civilização, contra os povos, contra eles mesmos, contra a vida na Terra.

É evidente que a situação dos cientistas ocupados na indústria de guerra nos países socialistas se distingue essencialmente da de seus colegas dos países imperialistas. Os cientistas soviéticos trabalham em um país que luta por excluir a guerra da vida da sociedade e labutam em prol do fortalecimento da paz. Nossos cientistas, do mesmo modo que todo o povo soviético, querem ver realizado o de armamento e empregar todas suas energias e saber na edificação e nada mais do que a edificação.

A História apresentou também um problema muito candente perante o mundo dos negócios dos países capitalistas. Se nas guerras passadas a morte de milhões de homens ia acompanhada de fabulosos lucros para os homens de negócios, uma guerra contemporânea não lhes traria lucros, mas o aniquilamento. As armas nucleares não fazem diferença entre ricos e pobres. Unicamente os ultramilitaristas, que pisam já o umbral da demência, mantêm uma atitude desdenhosa em relação ao destino dos povos e podem confiar em que salvarão suas vidas metidos nos abrigos. Mas não há abrigo que possa salvar das bombas nucleares. Quem quiser viver deverá lutar pelo desarmamento. (Clamorosos aplausos.)

Na grande batalha que se realiza pela paz, começam a desempenhar um papel cada dia mais importante os Estados independentes da Ásia, África e América Latina, nos quais se pode chamar de países

não alinhados ou neutralistas. Índia e Indonésia, República Árabe Unida e Brasil, Gana e Guiné, Ceilão e Birmânia, Afeganistão e Mali, assim como outros muitos Estados, pronunciaram-se pela assinatura de um tratado de desarmamento geral e completo. (Aplausos.)

No problema do desarmamento geral e completo, no problema da conjuração da guerra termonuclear, não pode haver neutralidade. Se a guerra se desencadear, não só se estenderá aos Estados beligerantes, mas também acarretará as mais terríveis calamidades à população dos países neutros. Os Estados neutralistas estão convocados a dar sua contribuição à solução do problema principal de nossos dias. Fazer isso se a política de cada um deles nas questões relacionadas com o desarmamento não se acha sob a influência de pressões políticas e econômicas estranhas, sob a influência de interesses mercantis, temporais.

Prezados delegados: a luta pela paz une homens de distintas classes e de diferentes credos políticos. Os ares de tormenta ditam a necessidade de criar uma verdadeira aliança antimilitar mundial dos povos, que expresse a vontade de todas as camadas sociais, de todas as nações da Europa, Ásia, África, América e Oceânia. Um só objetivo pode determinar o programa e toda a atividade deste agrupamento verdadeiramente mundial das forças pacíficas

mais diferentes: conjurar a guerra termonuclear, isolar por completo os maníacos belicistas. (Aplausos.)

Permito-me assegurar ao Congresso que a União Soviética continuará fazendo os maiores esforços para defender a nobre e santa causa da paz. (Prolongados aplausos.)

A União Soviética se pronuncia pela paz e pela amizade entre todos os povos. Nosso governo me autorizou a declarar desta tribuna que o povo soviético quer viver em paz e em amizade com o laborioso e talentoso povo norte-americano. Não há nenhuma razão para que os povos soviético e norte-americano sejam inimigos. (Aplausos.) A paz e a amizade correspondem a seus interesses comuns. O povo soviético convida o povo norte-americano, da mesma forma que os demais povos, a lutar conjuntamente por estes nobres objetivos. (Clamorosos aplausos.)

Quisera sublinhar uma vez mais que a força decisiva na luta pelo desarmamento são as massas populares e suas energias ações. Que o movimento mundial pelo desarmamento geral e pela paz cresça de dia a dia, de semana a semana. Que todos os povos se levantem e com suas energias ações fechem o caminho da guerra mundial e obtenham o desarmamento. Quanto mais ingente seja o exército dos lutadores pela paz, quanto mais ativo esse exército se mostre, tanto antes

se logrará o desarmamento geral e completo. (Prolongados aplausos.) Não resta dúvida de que o povo de cada país achará os métodos e as formas efetivas, em maior correspondência com as condições concretas, de luta pelo desarmamento geral e pelo fortalecimento da paz e apresentará uma digna contribuição ao cumprimento desta tarefa. (Aplausos.)

Faz mais de cem anos, Victor Hugo disse no Congresso de Amigos da Paz, em Paris, falando do futuro, que os canhões seriam expostos nos museus e as pessoas se assombrariam de que no passado fosse possível tal barbaria. "Chegará o dia — exclamou Victor Hugo — em que o único campo de batalha serão os mercados, abertos ao comércio, e as mentes, abertas às idéias."

"Paz, comércio e honesta amizade com todas as nações, sem perdidas alianças." Isso é o que o grande norte-americano Thomas Jefferson queria ver nas relações internacionais do futuro. (Aplausos.)

Naqueles tempos estes ideais eram um sonho belo, porém irrealizável. Agora que existe um poderoso sistema mundial socialista que põe todas as suas forças no prato da balança da luta pela paz, agora que na cena internacional atua um grande grupo de Estados pacíficos da Ásia, África e América Latina, e os movimentos operários, democrá-

ticos geral e nacional-libertador se converteram em um dos fatores decisivos de nossa época, criam-se condições reais para que, por fim, o sonho de geração, com a paz se converta em realidade. (Aplausos.)

Amigos: os povos vinculam com os trabalhos do presente Congresso esperanças de muito grande alcance. Que o toque de alarma deste Congresso seça em todo o Universo e inspire novas dezenas de milhões de homens a uma luta decidida e abnegada por uma paz firme na Terra! (Clamorosos aplausos.)

Quando os arrolos dos quais surge o movimento contra a ameaça de uma guerra termonuclear se fundirem em uma torrente única, sua força será invencível. Como as águas da primavera, esta torrente se estenderá por todos os continentes e varrerá de seu caminho todos os obstáculos que impedem a realização do desarmamento geral e completo. (Prolongados aplausos.)

Glória aos lutadores pela paz, pela conjuração da guerra mundial termonuclear! (Clamorosos aplausos.)

Viva a paz duradoura e a amizade entre os povos! (Clamorosos aplausos.)

Agradecido pela atenção com que me ouviram.

(Clamorosos e prolongados aplausos que se transformam em ovação. Todos se põem de pé.)



O Desarmamento Geral e Completo, Garantia da Paz e da Segurança Dos Povos

(Discurso pronunciado por Nikita Kruschiov, presidente do Conselho de Ministros da URSS, em 10 de julho de 1962, no Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e a Paz)

